

Cliques
e memórias:

20 fotos icônicas

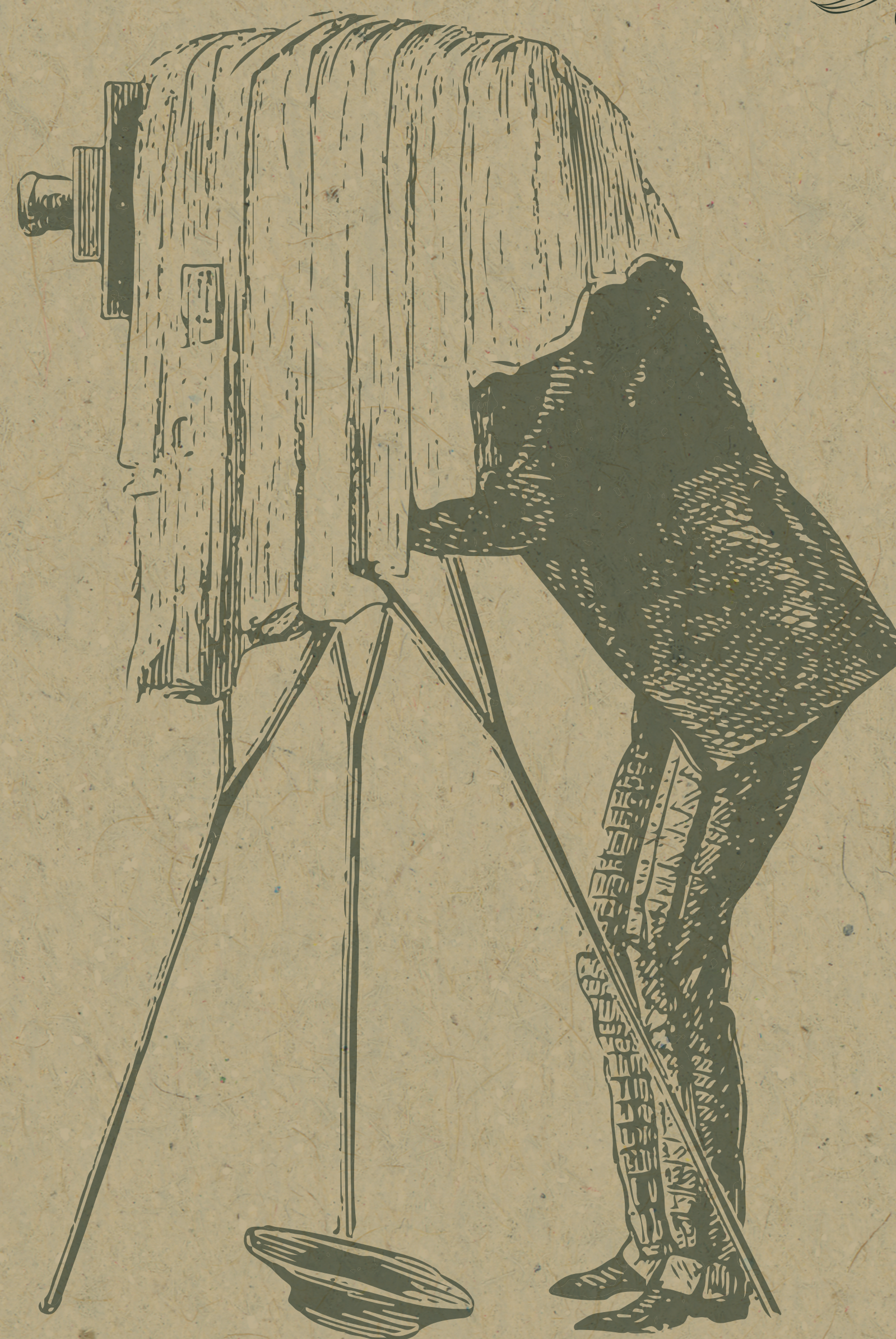




**“ O que a fotografia
reproduz ao infinito
só acontece uma vez. ”**

- Roland Barthes

Apresentação, Carlos Reiss	4
As fotografias e a construção da memória do Holocausto	5
O olhar de Vishniac	6
O saque ao Instituto de Ciências Sexuais	8
O ódio de Goebbels	10
O homem que se recusou a saudar o ditador	12
A entrada de Hitler em Paris	14
O Movimento Rosa Branca	16
A rendição no gueto de Varsóvia	18
O menino do gueto de Varsóvia	20
Os irmãos Bielski	22
O álbum de Karl Höcker	24
O álbum de Auschwitz	26
As fotografias do Sonderkommando	28
A cobra fumou	30
A liberação de Buchenwald	32
As crianças liberadas de Auschwitz	34
O trem de Magdeburg	36
A bandeira da URSS em Berlim	38
A Conferência de Yalta	40
O porto de Haifa	42
O Tribunal Internacional de Nuremberg	44
Propostas educativas	46
- <i>Educação Infantil</i>	47
- <i>Ensino Fundamental I</i>	50
- <i>Ensino Fundamental II</i>	53
- <i>Ensino Médio</i>	63
Referências Bibliográficas	70
Legendas e Fontes das Fotografias	73
Créditos	74



3

Apresentação, Carlos Reiss

Coordenador-geral do
Museu do Holocausto
de Curitiba

Por séculos, os documentos escritos e os relatos orais foram as principais fontes para a reconstrução do passado. A partir de 1826, quando Nicéphore Niépce conseguiu fixar uma imagem capturada com uma câmera, a fotografia passou a fazer parte não apenas das investigações do passado e do presente, mas principalmente da construção de uma ideia moderna de humanidade. Desde então, mais do que os registros em si, atentamos aos **processos comunicativos** e às **ambiguidades** que geram múltiplas interpretações em cada imagem, em cada foto, em cada clique.

Assim como as fontes escritas e orais, **fotografias não são verdades absolutas**. Não no sentido da manipulação danosa ou da pauta recente da inteligência artificial, mas como *instrumento neutro, objetivo e científico*. Como destacou Ana Maria Mauad:

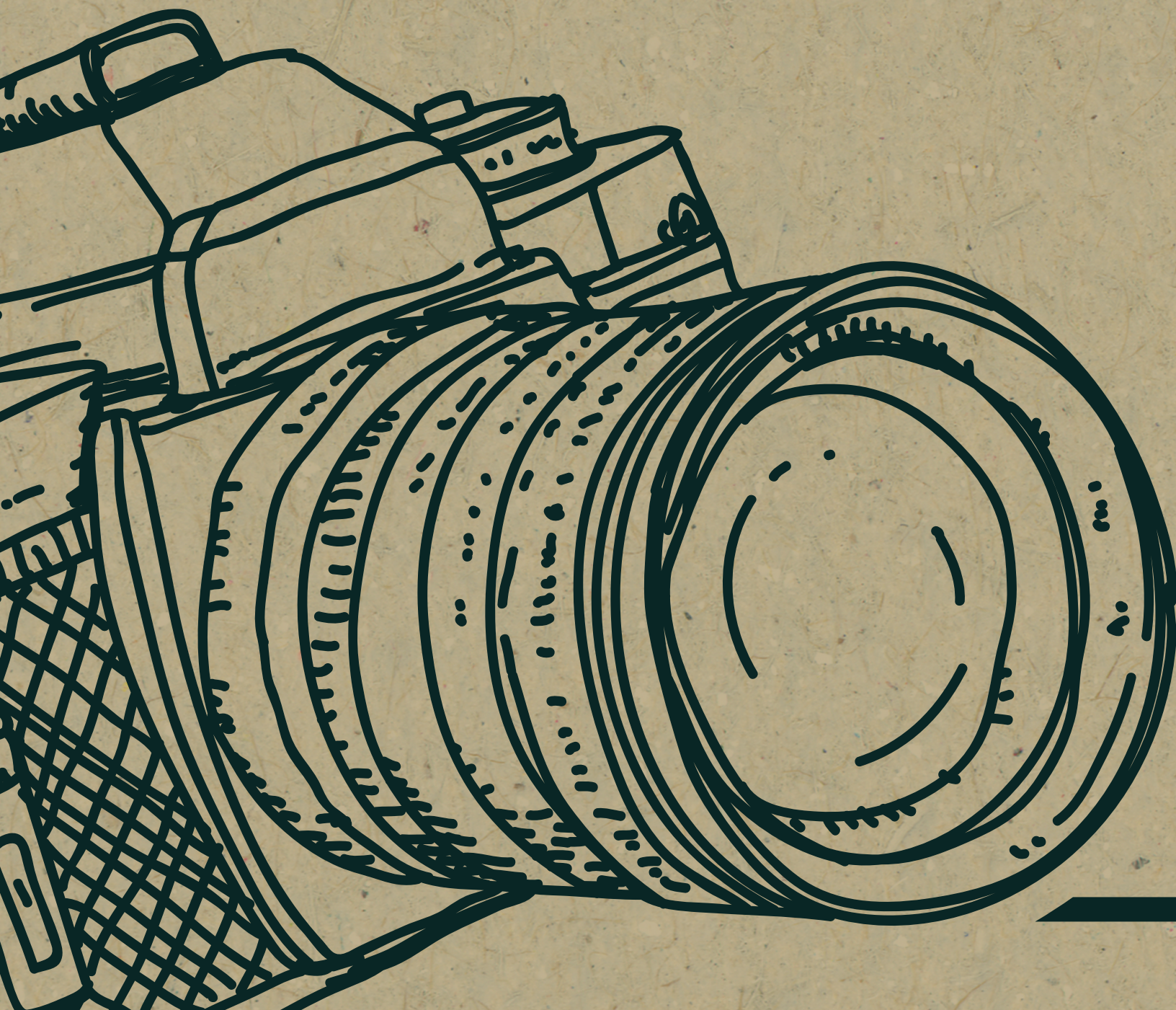
“A fotografia não é uma cópia fiel do mundo e de seus acontecimentos, como imaginavam os positivistas do século retrasado. Qualquer produção humana age também como instrumento ideológico.”

Como diria o fotógrafo Ansel Adams, “*you don't take a photograph, you make it*”. Aqui, no entanto, o objetivo não é discutir e problematizar o fotojornalismo ou a fotografia como fonte histórica, como fizeram categoricamente nomes como Barthes, Benjamin, Bourdieu, Le Goff e Sontag. Esse *material inédito* parte da premissa do **papel construtor de uma memória** por parte da fotografia, que desenvolve um caráter icônico inerente à sua própria existência. Em outras palavras, faz parte da própria natureza da imagem fotográfica a possibilidade de ficarem gravadas no imaginário social e passarem a ser reconhecidas como ícones.

A proposta desse material educativo acessível é trabalhar com fotos icônicas, imagens que vão além de uma simples representação visual e são amplamente conhecidas, reproduzidas e memoráveis. Como toda curadoria e diante da dificuldade de estabelecer apenas 20 fotografias de um período histórico tão emblemático como o Holocausto, a escolha das fotos seguiu critérios específicos, mas também subjetivos. Questionamentos sobre a ausências ou presenças são legítimos, porém não se trata de uma escolha derradeira e dogmática. A distribuição das imagens por temáticas, fontes, períodos e personagens diferentes demonstra a tentativa de equilibrar a iconicidade de tantas fotografias e, ao mesmo tempo, proporcionar matéria-prima suficiente para o que vem a seguir: *a produção de roteiros pedagógicos*.

“Cliques e memórias: 20 fotos icônicas” não apenas explora fotografias históricas de lendas como Vishniac, Eisenstaedt e Gidal. Nem sequer somente levanta curiosidades sobre elas. Esse projeto não estaria completo sem a produção de propostas educativas que ajudam a transformar a sala de aula em um espaço de **descoberta, reflexão e ação**.

Da Educação Infantil ao Ensino Médio, a contribuição imagética ajuda a desenvolver habilidades, capacidades, referências e potencialidades. São facilitadores que estimulam a criatividade e se conectam com as nossas experiências cotidianas, da forma com que o Museu do Holocausto de Curitiba propõe em todas as suas iniciativas. *Afinal, falar sobre o Holocausto é falar sobre o hoje*.



A fotografia foi parte da constituição da memória e das disputas de como lembrar o Holocausto desde quando os próprios eventos se desenrolavam.

O período do regime nazista, do Holocausto e da Segunda Guerra Mundial foi uma época de muitos avanços técnicos e tecnológicos em torno da fotografia e de consolidação do fotojornalismo como área de atuação. Ainda durante o conflito, Eixo e Aliados usaram extensamente a fotografia. Em alguns casos, foram registros pessoais (como as do álbum Hoecker, presente neste material) ou parte de relatórios burocráticos, caso das imagens envolvendo a liquidação do gueto de Varsóvia). Entretanto, principalmente, eram produzidas imagens que já em sua concepção eram pensadas como produtoras de imaginários - *por exemplo, a de Hitler em frente a Torre Eiffel, em Paris, ou da bandeira soviética tremulando em Berlim.*

A relação próxima entre memória do Holocausto e fotografia também fez parte da tomada de consciência do público geral em relação à dimensão do genocídio. Em 12 de abril de 1945, ao liberar o campo de concentração nazista de Ohrdruf, na Alemanha, o general do exército dos Estados Unidos, Dwight Eisenhower, teria dito **“que o mundo veja”** [*“let the world see”*], permitindo (e praticamente ordenando) que a imprensa registrasse, de todas as formas possíveis, mas especialmente com imagens, os horrores que vinham à tona.

Nos meses finais da Guerra, à medida que os Aliados liberavam campos de concentração e extermínio, muitas fotografias eram tiradas - em um primeiro momento, pelos fotógrafos das próprias forças armadas e depois pelos da imprensa. Havia, no entanto, dúvidas e receio sobre o que fazer com essas fotos e qual seria seu impacto emocional. Seu primeiro uso foi como prova. Fotografias, tanto as tiradas pelos Aliados como aquelas produzidas pelos próprios nazistas e encontradas, foram usadas nos julgamentos de criminosos nazistas. Na imprensa, as fotos também tinham esse caráter de prova. Imagens seriam evidências mais convincentes da verdade e difíceis de negar.

Aos poucos, contudo, as fotografias sobre o regime nazista, a Segunda Guerra Mundial e o Holocausto começaram a ganhar outras funções. Seu uso nas reportagens sobre as atrocidades nazistas se alastrou pela capacidade de dizer o que os jornalistas não conseguiam exprimir em palavras. Elas não serviam apenas

para atestar uma verdade, mas para contar uma história. Fotos também foram empregadas nos programas de reeducação, parte da desnazificação implementada pelos Aliados na Alemanha logo após o fim da Guerra.

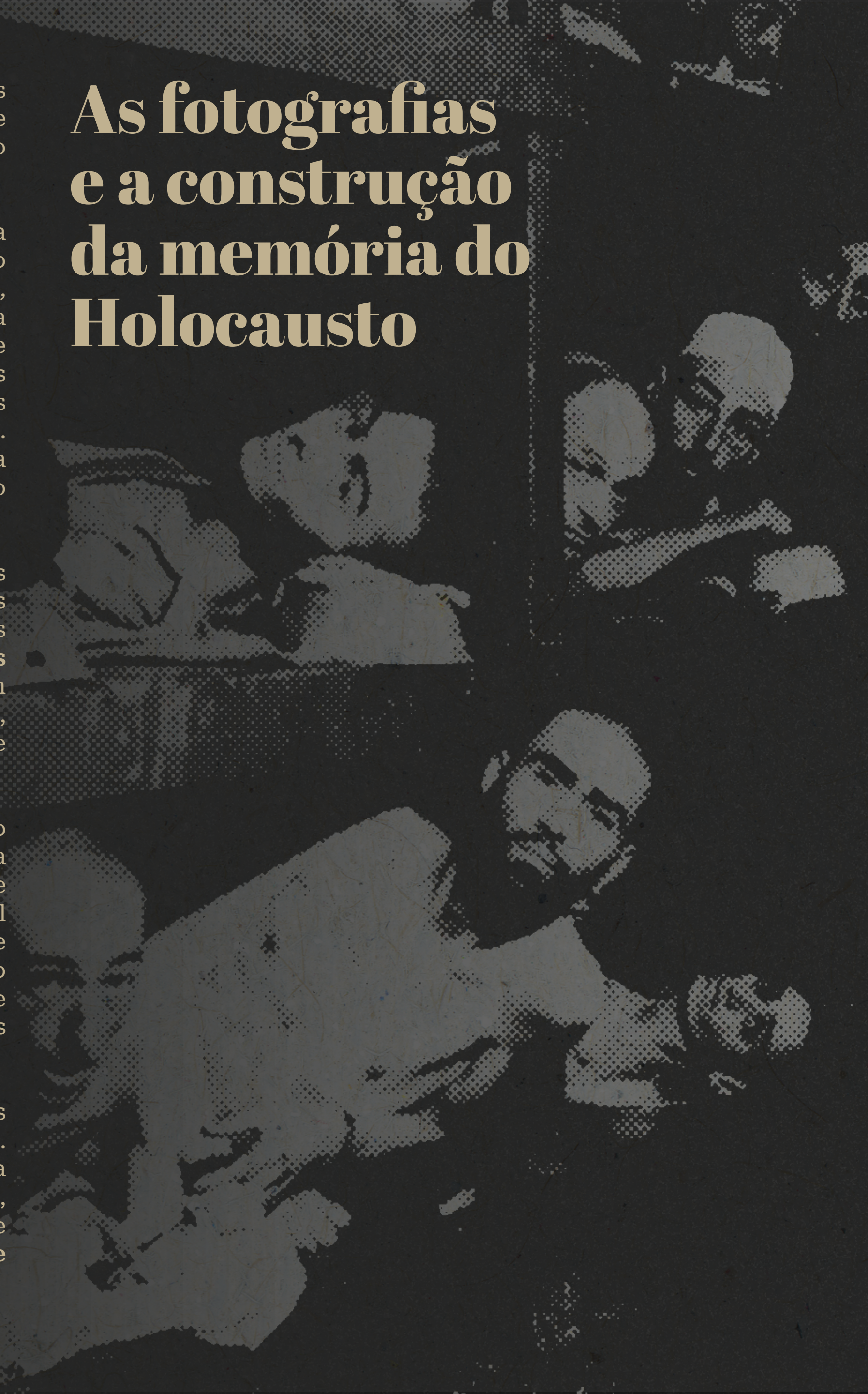
Assim, fotografias relacionadas ao Holocausto começaram a ir além de servirem de evidência da ocorrência deste evento trágico para passarem a transmitir sensações: *horror, culpa, responsabilidade etc.* Algumas fotografias se tornaram, dessa forma, parte de um cânone compartilhado, uma forma de lembrar coletivamente. Reproduzidas em jornais, revistas, livros didáticos e, mais recentemente, páginas na internet, pessoas diferentes passam a remeter às mesmas imagens ao Holocausto. Em alguns casos, esse trabalho de memória inclusive ressignifica imagens que originalmente serviam aos nazistas, como atesta o caso daquelas tiradas dentro do gueto de Varsóvia.

Do enorme reservatório de fotografias do período, algumas se tornam tão conhecidas que, icônicas, já se referem menos aos eventos e personagens que especificamente retratam e mais ao Holocausto como um todo. A **foto dos prisioneiros recém-liberados em Buchenwald**, por exemplo, se tornou um símbolo geral do universo concentracionário nazista. Não raro, pessoas acreditam que a foto foi tirada em Auschwitz, o maior e mais mortal dos complexos de extermínio.

Essa memória coletiva visual e de construção do imaginário corre o risco, entretanto, de cair na ilusão de que reconhecer a imagem por já tê-la visto antes implica em compreender o que elas representam. É para evitar essa armadilha que, nesse material educativo, damos um passo atrás e procuramos refletir sobre essas imagens como fotografias. Afinal, para ir além da prova e do horror, uma verdadeira compreensão do Holocausto, ainda que parcial e incompleta, requer que saibamos também as histórias dos rostos por trás dos cliques (e das câmaras).

Dessa forma, é possível ir além do significado canônico, abrir as possibilidades interpretativas e deixar aflorar outras memórias. Enquadrada em um significado pré-definido, a memória fica fossilizada, sem diálogo com os dilemas do presente. Assim, explorar as imagens como fotografias além do ícone permite reinscrevê-las na **dinâmica da memória em constante transformação.**


As fotografias e a construção da memória do Holocausto



O olhar de Vishniac



O olhar de Vishniac

Trabalhe este tema em sala de aula! 

Em 1935, quando Roman Vishniac começou a documentar comunidades judaicas empobrecidas com sua câmera alemã Rolleiflex, ele involuntariamente selou seu legado fotográfico ao capturar um raro vislumbre de um mundo que logo desapareceria. Nascido em 1897, em uma família judia russa, Vishniac emigrou para Berlim em 1920, após a Revolução Russa. Às vésperas da Segunda Guerra Mundial, durante uma missão para a *Joint Distribution Committee* (JDC), Vishniac criou o que se tornaria o registro fotográfico mais amplamente reconhecido e reproduzido dos judeus europeus.

Um de seus destinos recorrentes era a pequena cidade de Munkács, numa região do Leste Europeu chamada Transcarpátia. Durante os anos 1930, Munkács era um importante centro de aprendizagem religiosa entre judeus da Tchecoslováquia e de países fronteiriços como a Hungria, a Polônia, a Romênia e a União Soviética. A cidade era amplamente conhecida por seus famosos rabinos e *yeshivot*, centros de estudos religiosos, mas também por suas atividades sionistas. No censo populacional final antes da invasão alemã, realizado em janeiro de 1941, Munkács tinha 13.488 residentes judeus, cerca de 42% da população total da cidade.

Dentre dezenas de cliques espalhados por visitas entre 1935 e 1938, uma delas revela a perspicácia instintiva de Vishniac: uma cena de rua movimentada e vibrante, com o rosto radiante e ligeiramente desfocado de um menino em primeiro plano e numerosas mãos entrando e saindo do quadro, comunicando a vitalidade e a vivacidade das crianças.

À medida que as viagens de Vishniac se prolongavam, essas cenas de rua que retratavam a agitação da vida judaica seriam mescladas por fotos de crianças mendigando e de famílias escondidas, amontoadas em porões úmidos. No caso de Munkács, já em mãos húngaras, a cidade foi invadida pelo exército alemão em 19 de março de 1944. Em menos de três meses, a maior parte das comunidades judaicas da região foi aniquilada – e os judeus de Munkács foram enviados ao complexo de extermínio de Auschwitz-Birkenau.

Até o início dos anos 1980, pouco do trabalho de Vishniac havia sido impresso. Em 1983, parte dos registros dessas viagens foi publicado num livro fotográfico chamado “*A Vanished World*” (“Um Mundo Desaparecido”). O livro, que transborda a alegria da comunidade de Munkács enquanto pressagia seu apagamento, tornou Vishniac famoso. A foto em questão ilustrava sua capa e passou a ser reproduzida em diversas edições.



Descrição da imagem:

No retrato preto e branco, um grupo de crianças. Em primeiro plano, desfocado, um menino sorri. Atrás dele, outro de chapéu, casaco e lenço olha para o lado esquerdo, onde vemos parte do perfil de um rapaz.

1

AD)))



O poder das fotos de Vishniac, que se transformaram em fontes essenciais na documentação das comunidades antes e durante o Holocausto, foi explicado pela diretora do Museu Judaico de San Francisco, Lori Starr. “*A Vanished World*’ está na estante de todas as famílias judias que conheço, incluindo a minha”. Nos muitos anos desde que foram distribuídas pela primeira vez, as icônicas imagens em preto e branco continuam a captar o interesse do público com a sua representação de um mundo desaparecido.

Vishniac, que morreu em 1990, figura entre os cronistas mais inspiradores e enigmáticos da vida judaica na Europa. Seu interesse estendeu-se muito além dos anos do Holocausto; ele era um fotógrafo habilidoso em vários modos, do modernismo em preto e branco à microfotografia colorida. Uma compreensão mais ampla do seu trabalho surgiu na última década, à medida que estudiosos e arquivistas exploraram profundamente o seu legado de mais de trinta mil fotografias.

Quanto a Munkács, ela é hoje conhecida como Mukachevo (ou Mukachevo), no oeste da Ucrânia. Em 2006, uma sinagoga foi reinaugurada, assim como o restabelecimento do cemitério. Tudo em grande parte com a ajuda de judeus dos Estados Unidos, alguns dos quais descendentes de judeus de Mukachevo, onde vivem hoje cerca de cem judeus.

O saque ao Instituto de Ciências Sexuais



O saque ao Instituto de Ciências Sexuais

2

AD

Em 6 de maio de 1933, grupos de estudantes alemães e da SA (a tropa de assalto do partido nazista) invadiram o *Institut für Sexualwissenschaft* (Instituto de Ciências Sexuais) em Berlim, saqueando e alvejando sua imensa biblioteca.

Fundado pelo médico alemão Magnus Hirschfeld, em 1919, ele funcionava com uma perspectiva que, para os padrões da época, era avançada e inclusiva. Era, simultaneamente, um centro de estudos sobre sexo e sexualidade, uma clínica que promovia atendimento e conscientização sobre saúde sexual, fertilidade e contracepção, e um local de acolhimento para pessoas que não se encaixavam na cis-hetero-normatividade. Lá ocorreram algumas das primeiras cirurgias chamadas hoje em dia de redesignação sexual.

O Instituto esteve envolvido, no período da República de Weimar, na publicação de imprensa voltada ao público hoje conhecido como LGBTQIAP+, promovia eventos públicos e era politicamente ativo na defesa dos direitos dessa população – incluindo a luta contra o parágrafo 175 do Código Penal alemão, que criminalizava a homossexualidade masculina.

Apesar da criminalização – assim como em grande parte do mundo à época – havia na Berlim dos anos 1920 um ambiente de relativa tolerância à diversidade sexual e de gênero. Os nazistas se opunham a isso e defendiam uma definição rígida e separada dos papéis de homens e mulheres na sociedade. Para eles, esse ambiente era um símbolo do que viam como a decadência moral da Alemanha.

Para os nazistas, havia uma conexão entre homossexuais e judeus. O feminismo e a diversidade de orientação sexual eram apontados pelos nazistas como expressão de um complô judaico-marxista na esfera cultural para destruir a virilidade germânica. Judeus eram retratados como afeminados e promíscuos, cuja contaminação no sangue ariano causaria a homossexualidade, tratada, por sua vez, como um desvio ou doença.

Na manhã de 6 de maio, estudantes de Educação Física marcharam em direção ao Instituto e o invadiram. À tarde, as tropas de assalto da SA nazista se juntou a eles. Eliminar a literatura que não estava de acordo com os ideais nazistas era visto como um passo importante para a união nacional.

Esta foto, cujas identidades dos fotografados e do fotógrafo são desconhecidas, foi muito provavelmente posada. Chama a atenção que ela foi montada de tal forma a serem visíveis, na pilha, várias imagens de nus femininos, dando a entender tratar-se de conteúdo pornográfico. Esse tipo de imagem era pouco comum no acervo – havia fotos de indivíduos nus, mas geralmente de pessoas que Hirschfeld chamava de “estágios intermediários sexuais” (*sexuelle Zwischenstufen*), ou seja, que não se encaixavam nos padrões impostos pela cis-hetero-normatividade, além de serem de teor científico, e não erótico.

Além da intenção de associar o Instituto de Ciências Sexuais à depravação, retirando-lhe o caráter científico, evitaria dar a entender que os jovens nazistas da foto estariam lendo (mesmo que para fins de confisco) “conteúdo homossexual”. Eles também aparecem com semblantes sérios, denotando que esse “trabalho” era importante e não uma violência sem sentido.

O Instituto foi fechado e as obras confiscadas abasteceram as chamas da grande queima de livros ocorrida quatro dias depois, a mando das lideranças nazistas. Alguns itens de maior valor foram recolhidos para serem vendidos - é possível que o próprio Magnus Hirschfeld tenha “recomprado” alguns deles visando a reabertura do Instituto, o que nunca aconteceu.

Hirschfeld viu as imagens da destruição pelo noticiário que passava nos cinemas, enquanto estava em Paris. Morreu na França, exilado, dois anos mais tarde. Ao longo do regime nazista, a repressão aos homossexuais seria aprofundada e milhares foram esterilizados forçadamente e até mesmo enviados a campos de concentração.



Descrição da imagem:

Na fotografia preto e branco em modo paisagem, curvados para frente, cada um segura um encarte e livro. À esquerda, um civil e a direita, um militar, usa faixa com suástica no braço. Estão em pé sobre milhares de livros e revistas que retratam mulheres nuas, espalhados pelo chão.

1. Trabalhe este tema em sala de aula!

2. Trabalhe este tema em sala de aula!

O ódio de Goebbels



O ódio de Goebbels

Trabalhe este tema em sala de aula! 

Poucos retratos fotográficos tirados ao longo da história conseguiram representar com tão terrível fidelidade a crueldade de uma pessoa e de todo um movimento político. Em setembro de 1933, o fotógrafo e fotojornalista da revista LIFE Alfred Eisenstaedt viajou a Genebra para documentar uma reunião da Liga das Nações. De antemão, sabia-se que uma das figuras políticas que estariam presentes na reunião seria o ministro da propaganda nazista Joseph Goebbels, um dos subordinados mais devotos de Hitler.

Ao notar Goebbels sentado ao lado de uma mesa dobrável no jardim do Hotel Carlton, Eisenstaedt o fotografou à distância, sem que ele percebesse. Inicialmente, o ministro nazista foi amigável e mostrou bom humor. Num segundo momento, aproximou-se e, em vez de sorrir, Goebbels olhou com uma expressão cheia de ódio. Goebbels descobrira, por seus assessores, que o fotógrafo era um judeu nascido na Alemanha e que servira no exército alemão durante a Primeira Guerra Mundial.

Em seu livro publicado em 1985, “Eisenstaedt em Eisenstaedt: um autorretrato” (tradução livre), o fotógrafo descreveu o momento:

“O resultado, porém, foi uma fotografia muito mais forte. Não há substituto para o contato pessoal próximo e o envolvimento com um assunto, por mais desagradável que seja. Ele olhou para mim com olhos odiosos e esperou que eu murchasse. Mas eu não murchei. Se tenho uma câmera na mão, não conheço o medo.”

Na mesma obra, Eisenstaedt afirmou que a foto poderia ser intitulada “De Goebbels, com amor” – justamente porque Goebbels esperava que o fotógrafo fraquejasse, o que não aconteceu. Como destacou a crítica fotográfica Amanda Maia, “a forma como ele encara é cortante, direta e maligna na essência da palavra. É como se lhe perguntasse ‘Por que você existe?’”

Apesar das circunstâncias e contexto totalmente diferentes, especialistas costumam comparar a foto de Goebbels com o famoso retrato de 1941 do então primeiro-ministro britânico Winston Churchill, feito pelo armênio-canadense Yousuf Karsh, que contou mais tarde numa entrevista: “Sem premeditação, mas com muito respeito, disse “perdoe-me, senhor”, e arranquei o charuto de sua boca. Quando voltei para minha câmera, ele parecia tão beligerante que poderia ter me devorado. Foi nesse instante que tirei a fotografia.”

Outros fazem a analogia com o retrato que Diego Velázquez pintou do Papa Inocêncio X, em 1650. Da mesma forma, sentado numa cadeira e com a mesma carga expressiva de desprezo e repulsa. Não tanto sobre o mal ou ódio, mas sobre poder e orgulho.

Reproduções da fotografia do ministro Joseph Goebbels a partir do negativo original são vendidas até hoje por galerias e estúdios nos Estados Unidos. Algumas reveladas na década de 1970, em papéis de gelatina e prata, são assinadas pelo próprio Eisenstaedt e podem ser encontradas no mercado de leilões por até 12 mil dólares cada.

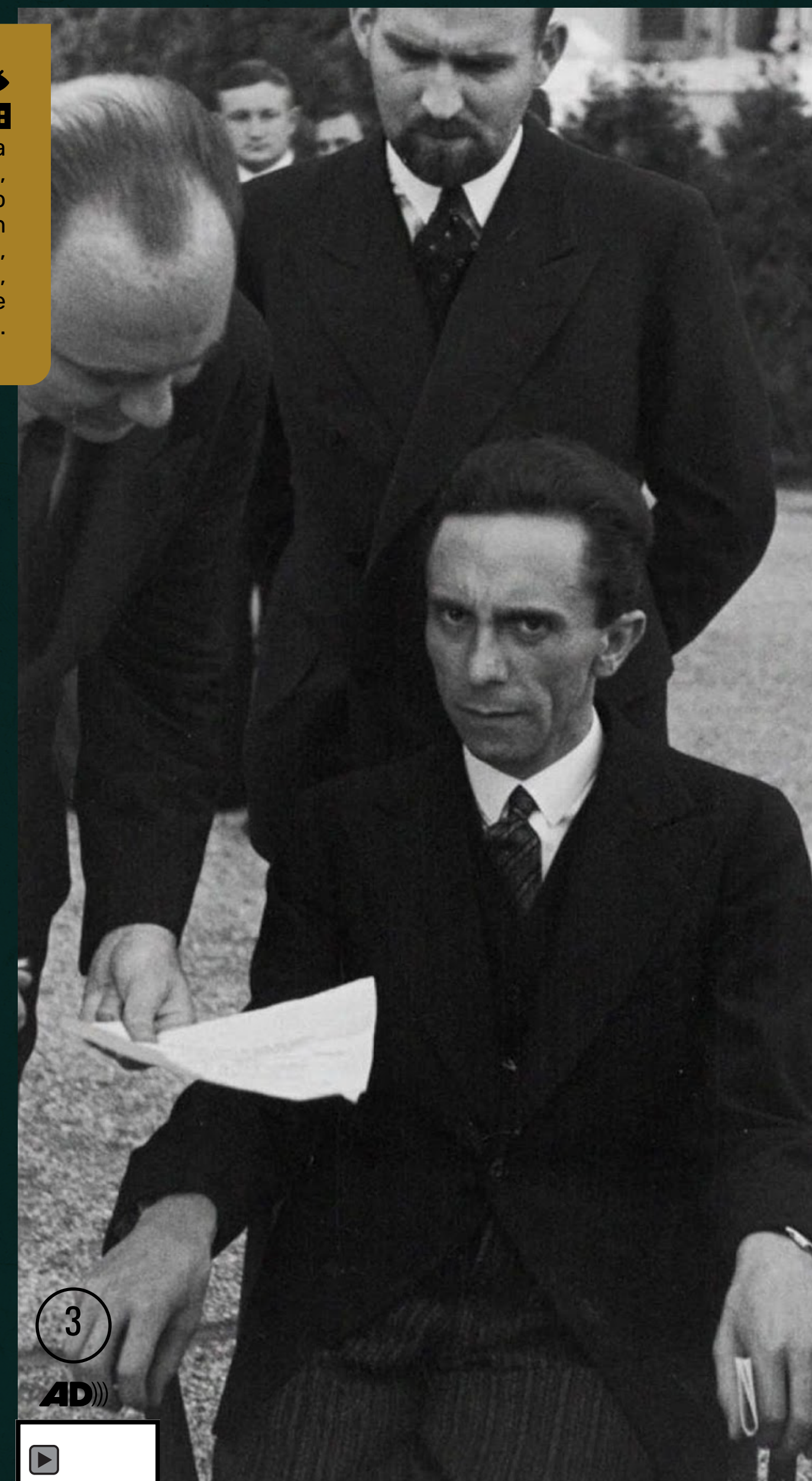
Esta se tornou uma das fotos mais icônicas do regime nazista e uma das mais famosas de Eisenstaedt, embora não a mais conhecida – esta tirada em 14 de agosto de 1945, data da rendição do Japão na Segunda Guerra Mundial. A famosa foto de um marinheiro norte-americano beijando uma enfermeira na Times Square, em Nova York, tornou Eisenstaedt praticamente uma celebridade.

Alfred Eisenstaedt emigrou para os Estados Unidos em 1935, onde trabalhou como *freelancer* para diversas publicações. Deste ano até 1972, foi fotógrafo da LIFE e teve mais de 2.500 fotos publicadas, sendo 90 imagens selecionadas para a capa. Eisenstaedt faleceu em 1995, aos 96 anos, nos Estados Unidos. Já Goebbels suicidou-se ao lado de sua esposa em 1º de maio de 1945, dentro do bunker de Hitler, depois de terem matado seus seis filhos com cianeto.



Descrição da imagem:

No retrato em preto e branco, sentado em uma cadeira estilo poltrona com os braços apoiados, Joseph Goebbels olha para nós. Com expressão sisuda, testa franzida e boca contraída, tem cabelos pretos penteados para trás, usa terno, gravata escuros e camisa branca. À esquerda, um homem calvo segura um papel à frente de Joseph, e atrás, outro em pé observa.

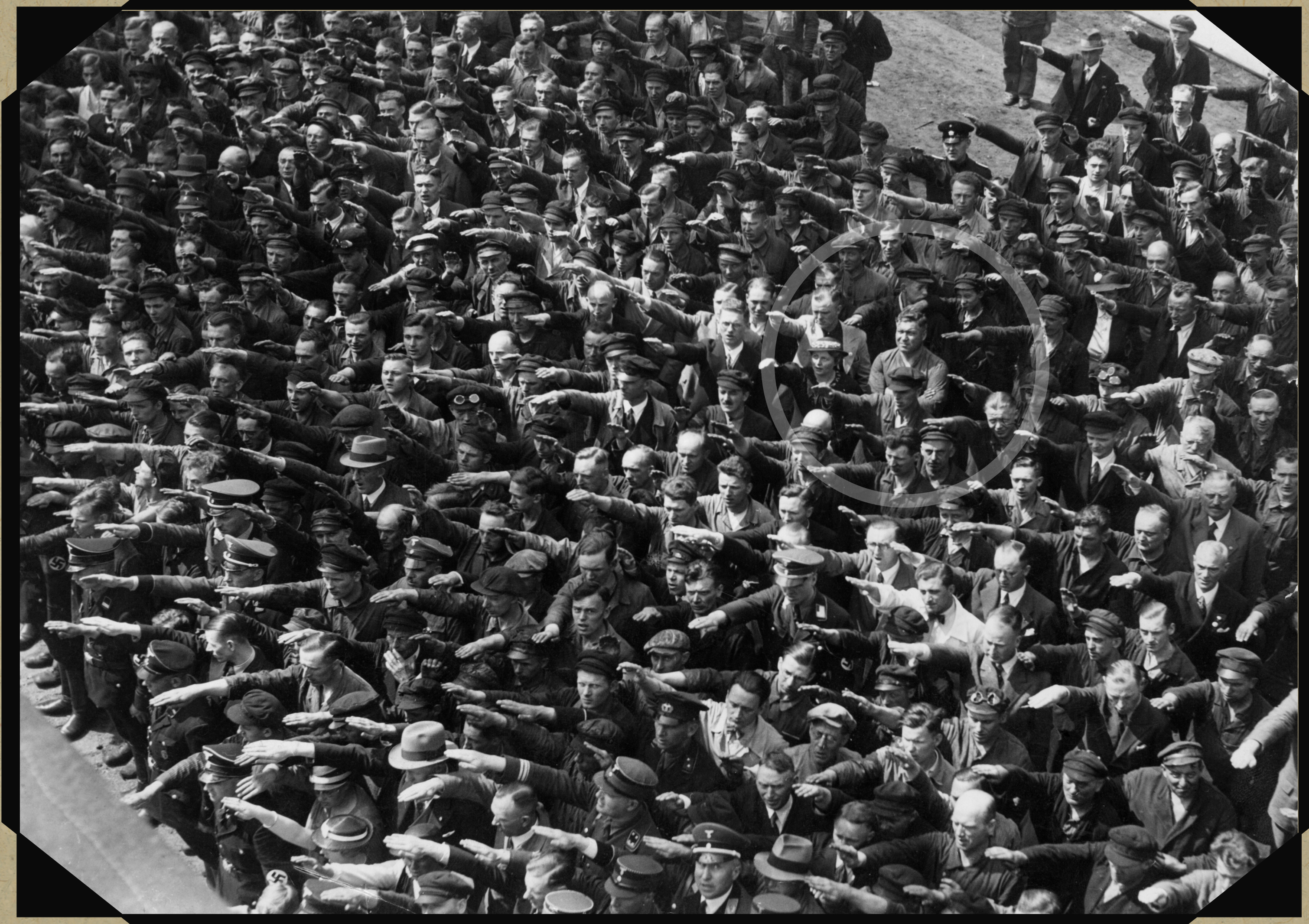


3


AD



O homem que se recusou a saudar o ditador



O homem que se recusou a saudar o ditador

Trabalhe este tema em sala de aula! 

Ao navegar por redes sociais e páginas de cunho político, constantemente surge a fotografia em preto e branco de um misterioso homem que, em meio a uma multidão e de braços cruzados sobre o peito, se recusou a saudar Hitler. Normalmente marcada com um círculo em volta desse homem, a foto serve como inspiração a movimentos de resistência contra grupos e regimes autoritários. Mas, afinal, quem era o alemão que ousou desafiar Hitler e o nazismo?

Há controvérsias. A foto foi tirada em 13 de junho de 1936, numa concentração de trabalhadores do estaleiro Blohm & Voss, em Hamburgo. Nesse dia, foi realizado um comício nazista para celebrar o lançamento do navio de treinamento Horst Wessel. A foto, de autoria desconhecida, veio à tona quase 55 anos depois por meio de um artigo veiculado no jornal alemão *Die Zeit*, em 22 março de 1991.

A alemã Irene Eckler foi a primeira a reivindicar a identidade do desconhecido: seria seu pai August Landmesser. Em 1996, ela lançou o livro “A Lei de Tutela 1935–1958: perseguição de uma família por ‘desonrar a raça’” (tradução livre), contando a história de amor entre seus pais.

August Landmesser, no entanto, nem sempre se opôs ao nazismo. Como muitos alemães, ele foi simpático a esta ideologia e ao próprio regime – sendo inclusive membro do partido. Em 1934, o rapaz se apaixonou por Irma Eckler, uma mulher judia. No ano seguinte, August foi expulso do partido e teve seu pedido de casamento negado como reflexo das Leis raciais de Nuremberg. Mesmo assim, em 29 de outubro, nasceria a primeira filha do casal, Ingrid.

Passado um ano daquele evento público, Irma engravidou da segunda filha, Irene. Temendo pelo futuro, August tentou fugir, sem sucesso, para a Dinamarca. Em julho de 1938, ele foi enviado para o campo de trabalhos forçados em Borgermoor.

Nunca mais esteve com sua esposa e filhas. Irma foi presa pela Gestapo e assassinada numa câmara de gás em Bernburg. Após um período num orfanato, Ingrid passou a viver com os avós paternos, enquanto Irene foi entregue a pais adotivos.

August Landmesser foi libertado em janeiro de 1941. Três anos depois, foi convocado pelo exército alemão e, devido ao seu passado “criminoso”, foi enviado para as missões mais perigosas. Pouco se sabe sobre a sua participação na Guerra, mas ele foi dado como desaparecido em outubro de 1944, quando lutava na Croácia. Seu corpo nunca foi encontrado e ele foi considerado morto em 1949. Em 1951, o Senado reconheceu o casamento entre August Landmesser e Irma Eckler, eternizando a relação condenada pelos nazistas.

Entretanto, não há consenso quanto à real identidade do homem na foto. Isso porque outra família reivindica que quem está de braços cruzados seria o alemão Gustav Wegert, que também trabalhava no estaleiro Blohm & Voss. De fato, Wegert se parece mais com o homem da foto icônica. E, ainda mais relevante, sabe-se que ele jamais fazia a saudação nazista, em nenhuma hipótese.

Cristão convicto, Gustav se recusava a venerar Hitler, dizendo que “deve-se obedecer a Deus mais do que aos homens”. Sua esposa temia que o marido fosse preso e até morto, mas Gustav a acalmava: por precisar de trabalhadores especializados, a punição nunca iria além de uma advertência. Ele faleceu em 1959.

Até hoje, restam dúvidas quanto a verdadeira identidade do homem de braços cruzados. E de algum modo, a foto remete tanto a vida de August quanto a de Gustav. A fotografia é um documento que contesta a ideia de que o regime teve apoio de toda população alemã. Cada um à sua maneira, ousaram dizer não ao nazismo.

4

AD)))



Descrição da imagem:

No registro preto e branco em modo paisagem, centenas de pessoas, civis e militares, com o braço direito para frente erguido na altura do ombro. No quadrante superior direito, um homem de braços cruzados destacado com um círculo.

A entrada de Hitler em Paris



A entrada de Hitler em Paris

Trabalhe este tema em sala de aula!



Descrição da imagem:

Na fotografia retrato, Hitler à frente de um grupo de 20 oficiais nazistas. Quatro usam gorro sem pala, os demais quepes. Todos usam sobretudo longo até a altura da panturrilha. Ao fundo, a imagem da Torre Eiffel levemente anuviada.

A foto de Adolf Hitler caminhando à frente da Torre Eiffel, em Paris, se tornou um ícone de um momento em que parecia que a Europa ficaria sob o jugo do regime nazista.

Desde o surgimento do partido nazista, vingar a derrota alemã na Primeira Guerra Mundial estava entre as prioridades de Hitler. E, embora a França não tenha sido o único país vencedor daquele conflito, a rivalidade entre Alemanha e França se destacava.

Diferentemente da Primeira Guerra Mundial, na qual cansativas e mortais batalhas de trincheiras se alongaram por quatro anos e terminaram em derrota, dessa vez os alemães avançaram rapidamente. Em 14 de junho de 1940, Paris capitulou e no dia 22 um armistício foi assinado. O território francês seria dividido em dois: uma parte sob ocupação alemã; e a outra sob o governo do Marechal Pétain, sediado em Vichy, neutra na Guerra, mas colaborando na perseguição a membros da Resistência e a judeus.

A França não era o inimigo militarmente mais poderoso, tampouco o maior antagonista ideológico, mas o simbolismo da vingança da humilhação sofrida na Primeira Guerra Mundial era fundamental para Hitler. Não por acaso, ele ordenou que o vagão de trem no qual fora assinado o fim dos combates em 1918 fosse retirado do museu onde estava para ser novamente utilizado na mesma floresta de Compiègne, para confirmar a derrota francesa.

Esta foto também celebra a revanche da Guerra. Pouco após a assinatura do armistício, nas primeiras horas da manhã de 23 de junho (ou 28, segundo outros historiadores), Adolf Hitler e uma pequena comitiva fizeram uma visita não anunciada de cerca de duas horas a Paris. Visitaram alguns dos lugares mais emblemáticos da capital francesa, praticamente deserta àquela hora, como a Ópera, o Arco do Triunfo, O Hôtel des Invalides (onde Hitler se deteve no túmulo de Napoleão, cujas conquistas militares e métodos sanguinários ele admirava), a Notre-Dame, o Louvre e o Trocadéro, onde posou em frente à Torre Eiffel. Ele não subiu, pois os elevadores haviam sido danificados por franceses anti-nazistas.

A foto, tirada pelo fotógrafo pessoal de Hitler, Heinrich Hoffmann, tinha uma carga política imensa e paradoxal. Publicada em diversos jornais, sinalizava para o mundo quem era o novo senhor da Europa. Ao mesmo tempo em que se apossava da torre Eiffel, também a destruía simbolicamente. Afinal, ela havia sido erguida para a Exposição Universal de 1889, que celebrava o centenário da Revolução Francesa, a cujos valores o nazismo se opunha.

A visita também era um desejo pessoal de Hitler. Artista frustrado, ele não escondia a animação de visitar pela primeira vez a cidade, tão importante para a arte e a arquitetura. Não por acaso, levou consigo três dos artistas que lhe eram mais próximos: os arquitetos Hermann Giesler e Albert Speer (segundo e terceiro da esquerda para direita) e o escultor Arno Breker (à direita de Hitler). Completa o grupo que aparece em primeiro plano o general da Waffen-SS Karl Wolff. A escolha sinalizava a pretensão de um domínio não só político, mas também cultural sobre os “antigos senhores” das artes.

Após a rápida visita, Hitler nunca retornou a Paris. Ele até pretendia comandar um desfile militar para celebrar a ocupação, mas temeu um ataque da força aérea britânica. Em 1944, quando as tropas Aliadas se aproximavam de liberar Paris, Hitler ordenou que a cidade fosse destruída. O governador militar Dietrich von Choltitz não cumpriu a ordem – especula-se se por incapacidade (já que parte da cidade estava sob controle da Resistência francesa), se visando vantagens em um futuro julgamento ou se por desobediência consciente, como ele próprio alegaria após a Guerra.

5


AD



O Movimento Rosa Branca



O Movimento Rosa Branca

Trabalhe este tema em sala de aula! 

O talvez mais conhecido movimento de resistência alemã não-judaico contra o nazismo, a Rosa Branca [*Weisse Rose*], foi eternizado por essa foto de 24 de julho de 1942. Aparecem, da esquerda para a direita, os irmãos Hans e Sophie Scholl e Christoph Probst. Seu núcleo era formado por estudantes da universidade de Munique, a maioria sem histórico de ativismo político que, com as derrotas militares alemãs, tomaram consciência da urgência de parar o nazismo.

No verão de 1942, publicaram quatro de seus seis panfletos, deixados em lugares estratégicos e caixas de correios, instando a população a sabotar os esforços de Guerra. Os panfletos traziam referências à Bíblia e a clássicos da literatura alemã, reivindicando uma identidade alemã que fosse oposta ao nazismo.

No início de 1943, o grupo passou a ações mais ousadas. Os panfletos passaram das centenas para milhares e slogans antinazistas também eram registrados em muros de Munique. Em 18 de fevereiro de 1943, Hans e Sophie foram vistos por um informante da Gestapo. Quatro dias depois, juntos a Christoph Probst, foram submetidos a um julgamento sumário e executados. Nos meses seguintes, outros integrantes tiveram o mesmo destino.

Se o impacto da Rosa Branca foi limitado, a notícia sobre eles se espalhou. Em julho de 1943 milhões de cópias do último panfleto foram jogados sobre cidades alemãs pela força aérea britânica.

Após a guerra, a Rosa Branca se tornou um símbolo de resistência. A fama do grupo se deve, em grande medida, ao livro “A Rosa Branca”, publicado em 1952 pela irmã de Hans e Sophie, Inge Scholl. Cerca de 600 ruas e 200 escolas na Alemanha levam seus nomes e a imagem dos irmãos jogando panfletos do andar superior da universidade de Munique foi reencenada em filmes e é uma referência conhecida no país.

Principalmente no caso de Sophie, seu legado é evocado e manipulado para os mais diversos fins. No período da reunificação alemã, ela foi empregada como um símbolo de união. Outros a reivindicam no ativismo em prol de imigrantes ilegais ou, por outro lado, cooptaram sua imagem contra as medidas de restrição no auge da pandemia da Covid-19.

Essa espécie de memória oficial é acusada de ofuscar a participação de outros integrantes do grupo. Um dos incomodados era justamente o fotógrafo dessa imagem:



Jurgen Wittenstein, que não fora preso provavelmente por proteção de seu superior no exército e, ao fim da Guerra, por se voluntariar para o *front*.

Jurgen tem um episódio que o vincula ao destino de dois sobreviventes do Holocausto. Em agosto de 1939, ele decidira deixar a Alemanha. No navio, conheceu Esther e Natan Berkowicz, dois irmãos judeus de 11 e 16 anos de idade, que viajavam sozinhos para os Estados Unidos, onde tinham parentes – os pais esperavam se juntar a eles. Porém, as tensões entre Alemanha e Reino Unido, que levariam à declaração de Guerra, fizeram o navio retornar ao porto de Hamburgo. De volta a Alemanha, Wittenstein pretendia chegar o mais rápido possível a Holanda e de lá deixar a Europa. Mas se compadeceu da situação dos dois irmãos, que não conheciam ninguém e não tinham dinheiro. Assim, lhes deu carona até Berlim, na direção oposta à fronteira holandesa, onde viviam os Berkowicz, e perdeu a chance de emigrar. Pouco depois, em nova tentativa, os irmãos conseguiram chegar aos Estados Unidos, mas seus pais foram mortos durante o Holocausto.

Após a Guerra, Jurgen também foi viver nos Estados Unidos. Por intermédio de um arquivista do Museu do Holocausto em Washington, os três se reencontraram no aniversário de 91 anos de Jurgen, em 2010. Ele faleceu em 2015.



Descrição da imagem:

Na fotografia preto e branco em plano médio, dois rapazes e uma moça. À esquerda, Hans usa boina e uniforme militar. Ao seu lado, Sophie tem cabelos lisos escuros na altura dos ombros e presos na lateral esquerda, usa casaco de crochê sobre vestido e uma margarida branca sobre o peito. A frente deles, Christoph tem cabelos claros, usa terno escuro e segura nas mãos bloquinho e caneta.

A rendição no gueto de Varsóvia



A rendição no gueto de Varsóvia

Trabalhe este tema em sala de aula!

A foto de um grupo de judeus, com duas mulheres e uma criança à frente, cercados por soldados da Alemanha nazista, é uma das imagens mais conhecidas da liquidação do gueto de Varsóvia, entre abril e maio de 1943.

Este gueto foi o maior criado pelas forças de ocupação alemãs, chegando a confinar mais de 400 mil judeus. Em 1942, começaram as deportações para campos de concentração e extermínio e, no início de 1943, veio a ordem para que ele fosse liquidado. Diante disso, os judeus remanescentes, sobretudo jovens, se organizaram para o mais conhecido ato de resistência judaica durante o Holocausto: o levante do gueto de Varsóvia.

Entre 19 de abril e 16 de maio, jovens com poucas armas e treinamento resistiram às investidas nazistas de acabar com o gueto. Militarmente não tinham, porém, chances. Os nazistas mobilizaram 1200 homens liderados pelo general da SS Jürgen Stroop - dos quais os resistentes conseguiram matar 17 e ferir 93 - mas, ao final de mais de três semanas de batalhas, o gueto foi incendiado e os últimos 56 mil judeus de Varsóvia foram mortos ou capturados e deportados.

A foto é de um desses momentos em que judeus são levados para o *Umschlagplatz*, de onde seriam embarcados em trens para campos nazistas. A foto foi tirada na rua Nowolipie e, ao fundo, é possível perceber a fumaça da destruição.

Essa foto faz parte de um conjunto de 52 fotografias contidas no chamado “Relatório Stroop”, cujo nome original em português seria “Não há mais área judia em Varsóvia”. Sua autoria é, provavelmente, de algum dos fotógrafos da *Wehrmacht Propaganda*, equipe que acompanhava as tropas alemãs. A identidade do fotógrafo deste clique é desconhecida.

Além das fotografias o relatório continha um resumo das operações da SS na liquidação do gueto e da comunicação diária. Três cópias foram preparadas: para o próprio Jürgen Stroop; para Friedrich Krüger, chefe da SS na Polônia ocupada; e para Heinrich Himmler, comandante-geral da SS. Os três álbuns foram recuperados após a Guerra e um deles chegou a ser utilizado como prova nos julgamentos de Nuremberg.

As duas mulheres, a criança e o homem atrás dela, que aparecem no centro da imagem, são, provavelmente, a família Neyer. À esquerda, Yehudit Neyer (de solteira Tolub) está de braços dados com sua sogra. A criança é a filha de Yehudit e Avraham Neyer, que aparece atrás da menina. Avraham foi membro do Bund, partido operário judaico-socialista que participou do

levante do gueto e é o único dos quatro que sobreviveu ao Holocausto, estabelecendo-se, depois, em Israel. Sua filha, esposa e mãe foram mortas. Outras fontes, no entanto, apontam que as mulheres poderiam ser Malka e Deba Lusky ou então que os quatro seriam Gela, Margalit, Israel e outra mulher da família Lichtenstein.

Jürgen Stroop foi capturado ao fim da Guerra e condenado à morte nos chamados “julgamentos de Dachau” (1945-1947) pelo assassinato de nove soldados norte-americanos prisioneiros de guerra. Antes da sentença, porém, já havia sido extraditado para a Polônia. Lá, foi julgado em 1951, desta vez por crimes dentre os quais a liquidação do gueto de Varsóvia e novamente condenado a morte. Foi executado no ano seguinte. As conversas que tinha com seus companheiros de cela revelam que permaneceu até o fim convicto do ideário nazista e acreditava que os juízes que o condenaram eram judeus e maçons.

Hoje em dia, as três cópias originais do relatório Stroop com as fotos estão no Arquivo Nacional dos Estados Unidos, em Washington; no Arquivo Nacional da Alemanha, em Koblenz; e no Instituto de Memória Nacional em Varsóvia, Polônia.



Descrição da imagem:

Na fotografia preto e branco em plano aberto, de braços dados, duas mulheres e uma menina caminham pelo corredor formado por militares armados, são seguidas por dezenas de pessoas. A mulher da esquerda tem cabelos escuros, usa sobretudo, blusa, saia e botas curtas. No centro, a mulher de meia idade carrega uma bolsa na mão direita e um casaco no braço esquerdo. Está de casaco longo, vestido e botas. À direita, a menina de aproximadamente cinco anos usa chapéu, vestido xadrez pouco acima dos joelhos e botinhas curtas.

7

AD)))



O menino do gueto de Varsóvia



O menino do gueto de Varsóvia

Trabalhe este tema em sala de aula! 

Durante a última ofensiva nazista para liquidar o gueto de Varsóvia, em 1943, uma cena capturada tornou-se icônica: uma criança, com as mãos erguidas, encara uma submetralhadora apontada em sua direção pelo SS-Rottenführer Josef Blösche. Usando um boné de jornaleiro e meias na altura dos joelhos, o menino com semblante assustado aparenta seis ou sete anos de idade e levanta as mãos num gesto de rendição.

Parte do conjunto de 52 fotografias contidas no chamado Relatório Stroop, ela se tornou uma das representações mais emblemáticas do Holocausto. Durante seu julgamento, anos depois, o fotógrafo Franz Konrad alegou ter tirado as fotos apenas para que pudesse reclamar da brutalidade de Stroop. O tribunal não aceitou essa alegação. O mesmo ocorreu com Blösche, questionado em seu julgamento por essa foto específica e que se limitou a responder que “eles estavam com um pavor tremendo”.

Em dezembro de 1945, o jornal *The New York Times* publicou a foto pela primeira vez, mas foi na década de 1970 que ela se tornou conhecida. Com ela, levantaram-se dúvidas sobre a identidade do garoto. A incerteza levou a um fenômeno curioso: sobreviventes começaram a reivindicar essa identidade. Foram vários com a absoluta certeza de que se tratavam deles mesmos ou de parentes próximos. Diante do trauma evidente, criou-se um dilema sobre o questionamento público: em meio às lembranças e a dor desencadeadas pela fotografia, como dizer que estavam equivocados? Como desmenti-los? Afinal, eles viram-se novamente naquele contexto de brutalidade, o que despertou emoções que não podemos mensurar.

Especialistas debruçaram-se no fenômeno e, na tentativa de explicá-lo, criaram o que foi chamado de “Síndrome do Menino do Gueto de Varsóvia”: uma consequência do trauma causado pelas violências que abalaram a estrutura psíquica dessas vítimas após a experiência-limite.

Fato é que pelo menos oito pessoas se auto identificaram; um deles o médico Tsvi Nussbaum, morador de Rockland, em Nova York, que contou sua história à imprensa

8

AD)))



em 1982. Apesar de parte da comunidade internacional ter se convencido de que se tratava do dr. Nussbaum, ele mesmo sempre foi hesitante. Mais de quatro décadas depois da entrevista, muitas dúvidas ainda pairam e é impossível afirmar com certeza quem seria essa criança. Outros possíveis nomes seriam de Levi Zeilinwarger e Artur Dab Siemiątek.

O mesmo acontece com aqueles retratados em volta da criança. Pelo menos seis pessoas foram identificadas por familiares desde que ela se tornou amplamente conhecida, uma delas diretamente ligada ao Brasil. Trata-se de Chawa Salztrager, a mulher que está exatamente atrás do menino, apenas com a mão direita levantada. Sua mãe e dois irmãos foram assassinados e, após a liberação, Chawa encontrou-se com o pai e o irmão caçula. Tentaram chegar à Terra de Israel, mas foram mandados ao Chipre antes de retornarem a Alemanha. Já com uma filha e o marido Ruwen Reis, chegaram ao Rio de Janeiro no fim da década de 1940. Chawa (Eva) faleceu em 2012, sete após seu marido.

Considerada uma das imagens mais fortes e emblemáticas do Holocausto, ela foi objeto de pelo menos dois livros: em 2004, publicado por Richard Raskin (*A child at gunpoint*) e, em 2010, pelo professor israelense Dan Porat (*The Boy*). Em 2016, a revista Time listou-a como uma das 100 fotografias mais influentes de todos os tempos.

Por causa da popularidade, a imagem tem sido usada em obras de arte controversas, que justapõem o Levante ao conflito entre o Estado de Israel e o grupo terrorista Hamas. O historiador Lucjan Dobroszycki, ligado ao Instituto Yivo, afirmou que esta “fotografia requer um maior nível de responsabilidade dos historiadores do que quase qualquer outra...”.



Descrição da imagem:

Na imagem preto e branco em plano aberto, um menino à frente de um grupo de pessoas, todas com as mãos abertas para o alto. À esquerda, uma mulher com o rosto voltado para a direita olha para onde estão quatro soldados armados.

Os irmãos Bielski



Os irmãos Bielski

Trabalhe este tema em sala de aula!



Descrição da imagem:

Na imagem em preto e branco estilo paisagem, um grupo com 25 homens e três mulheres dispostos em três fileiras posam para a foto ao ar livre. Ao fundo, em pé, 12 homens e duas mulheres. Na segunda fileira, agachados, sete homens. À frente, sentados, uma mulher, cinco homens com armas em punho e, no centro, outro homem de bruços empunha um fuzil.



Uma das primeiras questões que vêm à mente quando se discute temas como a solidariedade durante o Holocausto é: como? Rodeados de humilhação, exploração, dificuldades, perdas e morte, como foi possível que as pessoas permanecessem humanas e mostrassem solidariedade para com outros seres humanos?

O Holocausto desafiou normas, valores e relacionamentos sociais estabelecidos. Há muitos exemplos de judeus que arriscaram as suas vidas para salvar outros judeus – quer espontaneamente, seguindo os seus instintos, quer por meio de planejamento e ideologias. Uma das histórias mais inspiradoras e extraordinárias de resistência e de solidariedade judaicas é a dos irmãos Bielski, que construíram um acampamento familiar numa floresta da Bielorrússia (Belarus) Ocidental e salvaram a vida de cerca de 1.200 judeus. A história traz à luz o significado da solidariedade humana que ainda era possível, mesmo diante das atrocidades.

Depois que seus pais e dois irmãos foram assassinados no gueto de Nowogrodek, em 1941, os três irmãos sobreviventes da família Bielski – Tuvia, Asael e Zus – criaram um grupo de partisanos. No início, tentaram salvar apenas suas próprias vidas e as de seus familiares. Embora tivessem combatido os alemães, mais tarde, enfatizaram a necessidade da criação de um lugar seguro para judeus, sobretudo mulheres, crianças e idosos que conseguiam fugir para as florestas.

Os Bielski eram uma família judaica de agricultores de um vilarejo próximo, e os irmãos conheciam bem a região. Sua familiaridade com a geografia, os costumes e as pessoas os ajudaram a enganar as autoridades alemãs e seus colaboradores bielorrussos. Com a ajuda de amigos não-judeus, eles conseguiram adquirir armas e complementaram seu arsenal com armamento capturado dos alemães e equipamentos fornecidos por partisanos soviéticos.

Não existem muitos detalhes sobre as circunstâncias em que essa famosa foto foi tirada. Nela, 28 membros da unidade de partisanos judeus de Kalinin, do grupo Bielski, mantêm guarda em um campo de pouso clandestino na floresta de Naliboki. Grande parte da área é ocupada por florestas de pinheiros e pântanos, sendo outras bastante montanhosas, o que favorecia as atividades.

Há dúvidas sobre a autoria da foto, constando em registros os nomes de Leizer Novitzky ou de Moshe Kaganovich, responsável pela doação ao Museu do Holocausto em Washington, nos Estados Unidos. Entre os retratados, está o comandante Nowiczki, primeiro à direita; Joseph Kozlowski, na linha superior, segundo a partir da direita; Solomon Golanski, no canto inferior direito; e Josef Kessler, no centro vestindo camisa branca de manga curta. Atrás dele pode estar Hershl Goldhamer; e sentada no centro pode ser Esia Schorr, prima dos Bielski. A maior parte eram fugitivos do gueto de Mir, na Bielorrússia, onde viviam três mil judeus dos quais pouco menos de cem sobreviveram ao Holocausto.

Outros que aparecerem na foto são Zeev Schriber, Berkowitz, Gershon Seigel, Saul Schadnow e Yudis Koszeinska. Yudis tinha 19 anos à época e escapou do trem para o campo de extermínio de Majdenek. Yehuda Bielski, primo dos três irmãos, está deitado com sua arma na primeira fila, no centro. Estima-se que cerca de 50 membros do grupo Bielski foram mortos durante as operações, uma taxa baixa em comparação a outros grupos da região, judaicos ou não.


Após a Guerra, Tuvia e Zus Bielski emigraram com suas famílias para o futuro Estado de Israel. Ambos lutaram na Guerra de Independência, em 1948. Posteriormente, emigraram para os Estados Unidos. Asael foi convocado pelo exército soviético e morreu em combate na Prússia oriental, em fevereiro de 1945. A história dos partisanos de Bielski foi dramatizada no filme *Defiance* (“Um Ato de Liberdade”, 2008), que escalou Daniel Craig para o papel de Tuvia Bielski.



O álbum de Karl Höcker



O álbum de Karl Höcker

Trabalhe este tema em sala de aula! 

Em 2006, um oficial aposentado do exército dos Estados Unidos que pediu anonimato entrou em contato com o museu do Holocausto, em Washington. Servindo em Frankfurt logo após a Segunda Guerra Mundial, ele encontrara um álbum de fotografias e queria doá-lo ao museu.

As 116 fotos em preto e branco mostram oficiais nazistas que trabalhavam no complexo de concentração e extermínio de Auschwitz-Birkenau. Não são, no entanto, retratos de seus trabalhos. Tampouco os prisioneiros estão presentes em qualquer uma das fotos. Algumas mostram cerimônias e outras, como esta, são de momentos de lazer.

O álbum, cujas fotos datam de maio a dezembro de 1944, provavelmente pertenceu a Karl Friedrich Höcker (é quem mais aparece e o único a ter fotos sozinho), oficial da SS e adjunto do comandante de Auschwitz I, Richard Baer.

O “álbum de Höcker”, como ficou conhecido, retrata oficiais nazistas de alto escalão – como o comandante do complexo de Auschwitz, Rudolf Höss, e o médico por trás de macabros experimentos com humanos, Josef Mengele. São figuras que, comprovadamente, estiveram envolvidas em crimes horrendos. Mas nestas fotos, os mesmos sujeitos aparecem em outra circunstância, aproveitando tempo para divertimento e descontração.

Esta foto foi tirada em julho de 1944 em Solahütte, uma espécie de *resort* campestre a cerca de 30 quilômetros de Auschwitz e ao qual os oficiais podiam ir em suas folgas. Sobre uma ponte, oficiais da SS – ao centro, o próprio Höcker – aparecem sorrindo, um deles toca um acordeom. As moças são SS-Helferinnen [SS-auxiliares], uma seção de mulheres que realizava serviços administrativos, inclusive nos campos de concentração.

Parecem pessoas normais aproveitando uma folga. Porém, o período coincide com o pico das operações de extermínio, quando centenas de milhares de judeus foram deportados, naquele momento principalmente da Hungria, para serem mortos em operações levadas a cabo justamente pelos fotografados.

O álbum de Höcker foi produzido no mesmo local e época que o “álbum de Auschwitz” e as fotos do Sonderkommando, também presente neste material. Parecem, no entanto, como se tivessem sido tiradas em contextos absolutamente diferentes. Enquanto milhares de pessoas eram mortas em câmaras de gás, os funcionários do campo aproveitavam suas folgas com música e registravam os momentos de alegria. É precisamente esse contraste que torna o álbum de Höcker tão impressionante e revoltante.

Inevitavelmente, surge a pergunta: como era possível, no auge das operações de extermínio, que seus executores desfrutassem de momentos de lazer e ainda registrassem em fotos? O álbum dá materialidade imagética a um dos paradoxos da crueldade. Os homens e mulheres retratados eram



Descrição da imagem:

Fotografia em modo paisagem amarelada de um grupo de 12 oficiais nazistas, oito mulheres e quatro homens. Eles sorriem para a foto. À direita, um oficial de quepe segura uma sanfona. As mulheres usam camisa branca, blazer, saia escura abaixo dos joelhos e sapatos rasteiros. Os homens usam farda e coturnos. Nas lapelas dos oficiais, vemos condecorações militares.

pessoas comuns se divertindo como quaisquer outras – não fossem os uniformes, não seriam identificadas como nazistas. E eram também, ao mesmo tempo, perpetradores de um genocídio. Essas imagens são um lembrete de que os nazistas não vieram de outro planeta e de que não era preciso ser um monstro para aderir a estes ideais; seres humanos, dado o contexto e as ideias, podiam – e ainda podem – escolher se tornarem genocidas. Essa constatação serve de alerta de que nenhum indivíduo ou sociedade está imune a realizar estes atos.


Karl Höcker, o dono do álbum, foi capturado ao fim da Guerra, mas liberado após 18 meses em um campo de prisioneiros de guerra. Retornou à sua cidade-natal e à sua antiga profissão de bancário, até ser preso e levado ao “julgamento de Auschwitz”, em 1963. Höcker alegou não ter participado diretamente das ações de seleção e assassinato, apesar dos testemunhos apontando o contrário. Foi condenado a sete anos de prisão, da qual saiu em 1970. Morreu em 2000, aos 88 anos, antes do álbum vir a público.



O álbum de Auschwitz



O álbum de Auschwitz

Trabalhe este tema em sala de aula! 

Essa foto compõe o icônico “Álbum de Auschwitz” e retrata a chegada de um comboio de prisioneiros judeus ao complexo de concentração e extermínio de Auschwitz, em maio ou junho de 1944. Nela, é possível ver prisioneiros recém-chegados e claramente desorientados, oficiais nazistas e prisioneiros antigos uniformizados. Mulheres e crianças aparecem em primeiro plano, separadas dos homens adultos. Ao fundo, o portão de Birkenau e a fumaça, possivelmente dos crematórios.

O trem vinha provavelmente da Transcarpátia, hoje na Ucrânia, região que fora parte da Tchecoslováquia e que naquele momento estava sob ocupação húngara.

Em meados de 1944, o regime nazista, já próximo da derrota, decidira deportar com celeridade os cerca de 800 mil judeus da Hungria. A maioria foi enviada a Auschwitz. Após desembarcarem, passavam pelas seleções que os dividia entre trabalhos forçados e as câmaras de gás.

A maioria das pessoas na imagem foi morta nas horas ou dias seguintes. Um dos sobreviventes identificados é o judeu holandês Eddi Wynschenk, um dos prisioneiros uniformizados. Com somente 16 anos de idade, seu trabalho consistia em entrar nos trens após o desembarque e recolher pertences para que fossem reaproveitados pelos nazistas. Após a guerra, descobriu que toda sua família havia sido morta. Faleceu em 2003, nos Estados Unidos.

O “álbum de Auschwitz”, que nas anotações dos seus criadores é intitulado como “Reassentamento dos judeus da Hungria”, é um documento ímpar desse momento em que a máquina de extermínio operou no máximo de sua capacidade. Ao todo, o álbum contém quase 200 fotografias que retratam os processos de desembarque e triagem dos prisioneiros, e a espera a caminho das câmaras de gás. Ou seja, todo o processo, com exceção dos assassinatos e incineração dos corpos.

A maioria das fotos foi tirada por dois oficiais da SS que identificavam os prisioneiros: Ernst Hofmann e Bernhard Walter. Mas algumas podem ser de outros autores, até mesmo do comandante do campo, Rudolf Höss.

Não se sabe exatamente qual o propósito das fotos. A hipótese mais provável era que o álbum – que pode ter tido cópias – se destinava a registrar perante o alto escalão a “eficiência” de toda a operação. Até por isso, as fotografias não devem ser vistas como uma representação exata do funcionamento de Auschwitz, mas como a SS o idealizava.

A trajetória do álbum nos meses seguintes é desconhecida. O que se sabe é como ele cruzou com a história de Lili Jacob. Nascida em 1926 em Bilki, na Transcarpátia, tinha 18 anos quando

11

AD)))



foi deportada do gueto de Berehovo para Auschwitz. Na chegada, foi separada de sua família, que foi assassinada. Lili passou por vários campos de concentração até ser liberada por tropas aliadas em Mittelbau-Dora, na Alemanha. Lá, em um dos barracões, encontrou o álbum e se surpreendeu ao reconhecer parentes e até a si mesma em uma foto.

Não se sabe por que o álbum foi parar em Dora, a mais de 600 quilômetros de Auschwitz. Provavelmente, ao fugir às pressas, o dono deixou as fotos lá. Lili ficou com o álbum, que também é chamado de “Álbum Lili Jacob”.

O álbum ficou conhecido nos anos 1960, quando foi utilizado como prova documental no chamado “juízo de Auschwitz”, em Frankfurt. Inclusive, foi uma dessas fotos que comprovou que um dos réus trabalhara no processo de extermínio.

Em 1980, o “caçador de nazistas” Serge Klarsfeld convenceu Lili a doar o álbum ao Yad Vashem. Nesse momento, algumas das fotos estavam faltando. Nos anos anteriores, sobreviventes procuravam Lili querendo vê-lo. Quando reconheciam alguém, era comum ela lhes dar a fotografia. Lili Jacob-Zelmanovic Meier faleceu em 1999, nos Estados Unidos.



Descrição da imagem:

Na fotografia paisagem preto e branco em plano aberto, a frente de vagões, um grupo de milhares de pessoas de diversas idades, dispersas pelo pátio ao ar livre. Oficiais nazistas fardados, homens, mulheres com crianças nos braços, homens com uniforme listrado e ao fundo, uma construção quadrada com janelas no alto e um portal em arco, na extensão lateral, uma edificação longa com chaminés fumegantes.

As fotografias do Sonderkommando



As fotografias do Sonderkommando

Trabalhe este tema em sala de aula! 

As quatro fotografias tiradas secretamente em agosto de 1944 são um dos poucos registros imagéticos do extermínio em Auschwitz feitos por prisioneiros.

No verão de 1944, Auschwitz-Birkenau operava em capacidade máxima. Os *Sonderkommando* eram prisioneiros que realizavam tarefas como levar prisioneiros para as câmaras de gás, retirar corpos e levá-los aos fornos crematórios. Eles viviam enquanto eram úteis, sendo eventualmente mortos e substituídos.

Um grupo do *Sonderkommando*, composto por Alex, David Szmulewski, Alter Fajnzyberg e os irmãos Shlomo e Abraham (também referido como Josel) Dragon estavam cientes do seu provável destino, mas decidiram que denunciariam os horrores que presenciavam. Menos de um ano antes, o chefe da SS, Heinrich Himmler, havia afirmado que o genocídio dos judeus seria uma “página gloriosa da nossa história, que nunca foi escrita e nunca será escrita”. Alex e seus companheiros estavam determinados a contrariar.

A resistência polonesa pedia imagens para divulgar as atrocidades ao mundo. Uma máquina fotográfica foi clandestinamente introduzida em Auschwitz no fundo de um balde e chegou ao grupo do *Sonderkommando*.

O telhado do crematório V foi propositadamente danificado para que David Szmulewski tivesse que consertá-lo e pudesse vigiar a área para indicar o momento para fotografar. Quando ninguém olhava, Alex apontou a câmera para uma pilha de corpos sendo queimados ao ar livre. Para não ser visto, é provável que tenha se posicionado dentro de uma das câmaras de gás, cujas paredes aparecem nas fotos.

A seguir – de acordo com os testemunhos, mas que por estudos das sombras teriam sido tiradas primeiro – Alex tirou duas fotos do bosque. Numa, mulheres despidas caminham para a câmara de gás. Na outra, é possível somente distinguir as copas das bétulas. As imagens são desfocadas pois ele provavelmente não teve condições de olhar o visor.

Ainda era preciso enviar as fotos para fora de Auschwitz. Os negativos foram enrolados em um tubo de pasta de dente junto com um bilhete de dois prisioneiros políticos e levados à resistência por uma empregada da cantina dos SS.

Dos cinco participantes do ato de bravura, o único que não sobreviveu foi justamente o fotógrafo: Alex, que somente anos depois seria identificado como Alberto Errera, judeu nascido em 1913 na Grécia e membro da resistência antinazista. Ele tentara fugir, mas foi capturado e morto. Os outros quatro eram judeus poloneses. David Szmulewski e Alter Fajnzyberg se estabeleceram na França, enquanto os irmãos Abraham e Shlomo Dragon emigraram para Israel.

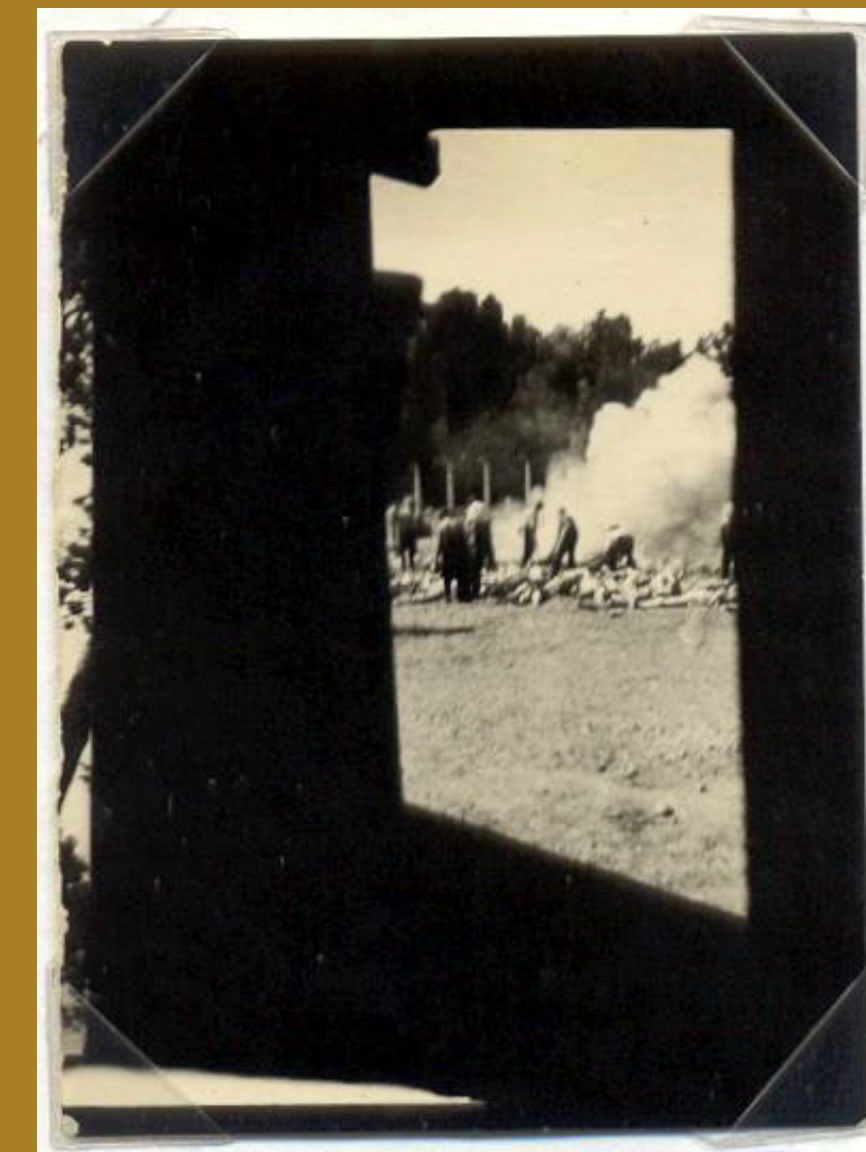
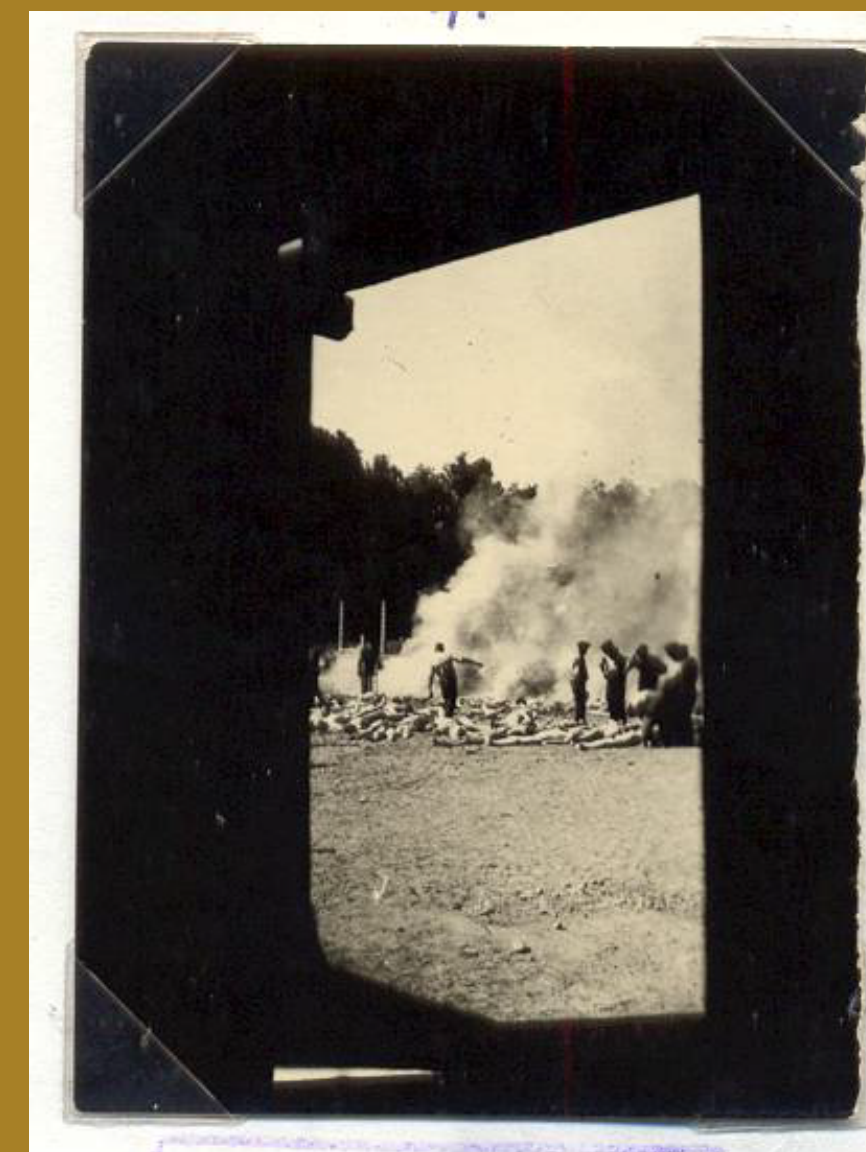
Em 1945, as fotografias, em versão *cropada*, constavam em um relatório do julgamento dos comandantes de Auschwitz. Nos anos seguintes, apareceram esporadicamente, até suas versões originais serem doadas em 1985 ao museu de Auschwitz-Birkenau pela viúva de um membro da resistência polonesa. Mas foi em 2001, na exposição *Memoire des camps*, em Paris, que essas fotografias ficaram conhecidas e controversas.

Algumas vozes se levantaram contra sua exibição, como a do cineasta Claude Lanzmann (que, não por acaso, gravara o seu documentário “Shoah” sem utilizar nenhuma imagem de arquivo). Para ele, essas fotos desrespeitariam as vítimas e dariam a ilusão de que este evento seria representável.

O filósofo George Didi-Huberman contra-argumentou que a impossibilidade de representar e imaginar o Holocausto seria precisamente o anseio dos nazistas, como Himmler sugerira. Essas fotografias são desnecessárias para comprovar o Holocausto, mas são testemunho não somente do genocídio, mas da resistência envolvida na produção da imagem (que, afinal, foi feita para ser vista). Por isso, as fotos não deveriam ser cortadas ou retocadas, e aquela em que somente aparecem árvores deve ser exibida também, pois, nas palavras dele, é “enquanto atos e não somente enquanto representações” que essas imagens são importantes.

12

AD)))



Descrição da imagem: Sequência de quatro fotografias preto e branco. Nas duas primeiras, ao ar livre, dezenas de corpos nus espalhados pelo chão, militares em pé e uma nuvem de fumaça provinda dos corpos. Na terceira, dezenas de mulheres nuas no bosque. Na última fotografia, vista de baixo para cima, o caule linear de árvores altas com poucas folhas.

A cobra fumou



A cobra fumou

Trabalhe este tema em sala de aula!



Descrição da imagem:

Fotografia em modo retrato em preto e branco. O soldado Francisco de Paula sorri enquanto segura com as duas mãos a munição de calibre 105mm próximo da ignição de disparo. Francisco usa capacete de aço e macacão com as mangas arregaçadas. Na munição, em letras caixa alta: "A COBRA ESTÁ FUMANDO..."

Em meados dos anos 1940, a expressão “a cobra vai fumar” era comum em círculos populares e significava algo difícil de ser realizado - e, se acontecesse, problemas poderiam surgir. Tem o mesmo significado de “o bicho vai pegar” ou “a batata vai assar”. Não se sabe sua origem, mas existe uma lenda de que começou a circular quando militares de São Paulo iam até a Praça da Sé para assistir à apresentação de um caixeiro-viajante que literalmente fazia uma cobra fumar.

Fato é que a frase se tornou o principal slogan da participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial, fruto de um sentimento de desconfiança. Diante do até então inimaginável caso de o Brasil entrar em guerra contra a Alemanha, o então presidente Getúlio Vargas teria dito: “é mais fácil uma cobra fumar cachimbo do que o Brasil entrar na guerra”.

Embora não se tenha certeza da autoria, realmente pairava a dúvida sobre a possibilidade do Brasil, despreparado e inexperiente, participar de uma campanha militar tão longe de casa. A expressão ganhou força em 1942, quando o ceticismo se fortaleceu após Vargas ter anunciado que o Brasil não se limitaria ao fornecimento de materiais nem à contingentes simbólicos.

Diante dos longos meses entre o anúncio e o envio de soldados, jornalistas brasileiros começaram a reafirmar, em tom de piada, que seria mais fácil uma cobra fumar do que o Brasil entrar na guerra.

A partida para a Itália ocorreu apenas em junho de 1944 - e a expressão se tornou lema da Força Expedicionária Brasileira (FEB), inclusive com a adoção do desenho de uma cobra fumando em seu próprio emblema. Em tom irônico, a FEB editou o jornal “E a Cobra Fumou!”

Uma das fotos mais emblemáticas da campanha militar brasileira foi captada pelo fotógrafo norte-americano Lawrence Emery. Ela mostra o soldado carioca Francisco de Paula carregando um canhão 105mm com um recado aos alemães: “A Cobra está Fumando!”. Francisco, membro da 1ª Divisão Expedicionária, foi um dos pouco mais de cinco mil pracinhas que embarcaram na noite de 30 de junho.

Costumeira e erroneamente, atribui-se ao soldado Francisco de Paula a autoria do primeiro disparo de artilharia da FEB. No entanto, o primeiro tiro (e tantos outros) já havia sido dado quase duas semanas antes. Além disso, sabe-se que Francisco era municionador, e não atirador.

A fotografia do soldado Francisco de Paula só teria sido registrada em 29 de setembro de 1944 e a criação da “autoria do primeiro disparo de canhão” teria sido pura invenção da imprensa brasileira, tentando elevar o espírito nacional, assim como afastar críticas negativas de que os brasileiros não estariam desempenhando funções de destaque. O primeiro tiro da artilharia da FEB, por sua vez, rugiu ao norte da província italiana de Lucca, na Toscana, onde, aos pés do Monte Bastione, o alvo foi atingido. Era 16 de setembro de 1944 e o disparo teria sido realizado pelo cabo atirador Adão Rosa da Rocha.

Francisco passaria ainda pelo vale do Rio Reno, onde participaria da tomada de Monte Castelo, em fevereiro de 1945. Ele retornou ao Brasil em julho do mesmo ano.

Recentemente, em meio às epidemias de notícias falsas, a foto do soldado voltou a circular em formato de meme. Nele, Francisco é mostrado sem os dentes da frente e é contada uma história mentirosa de que soldados brasileiros descuidados teriam acendido um fogo para se esquentar em uma noite fria de inverno. Os alemães teriam achado se tratar de uma armadilha - afinal, quem em sã consciência faria fogo na frente dos inimigos. Não há qualquer registro da veracidade dessas informações.



A liberação de Buchenwald



A liberação de Buchenwald

Trabalhe este tema em sala de aula! 

Ao amanhecer de 11 de abril de 1945, divisões blindadas do Terceiro Exército dos Estados Unidos partiram da cidade alemã de Gotha e avançaram em direção ao leste. Por volta das 16 horas, com a fuga de militares e oficiais nazistas, os 21 mil prisioneiros ainda vivos do campo de concentração de Buchenwald, no leste da Alemanha, foram oficialmente liberados.

A fotógrafa Margaret Bourke-White acompanhou as tropas e teve suas icônicas imagens publicadas pela revista Life no início de maio com a legenda “Os mortos terão de fato morrido em vão se os vivos se recusarem a olhar para eles”. No dia seguinte, vários jornalistas chegaram ao campo, incluindo Edward R. Murrow, cuja reportagem de rádio foi transmitida pela CBS e se tornou um símbolo daquela operação.

Mas a foto que se tornaria a mais famosa da liberação de Buchenwald foi tirada cinco dias depois da entrada dos Aliados, em 16 de abril, pelo fotógrafo militar Harry Miller, ligado a 166th *Signal Photographic Company* – um grupo de sete fotógrafos que acompanhou a 5ª Divisão do Exército dos Estados Unidos durante o combate na frente europeia. No extremo norte do campo, havia uma área delimitada pelos nazistas que funcionou, dois anos antes, como um espaço de quarentena para abastecer os sub-campos com trabalhadores escravos. No início de 1945, o lugar tornou-se superlotado por causa dos comboios que chegavam constantemente de Auschwitz e de Gross-Rosen. Toda essa área ficou conhecida como “Campo Pequeno”. Foi na barraca número 56 que Harry Miller entrou e fez a foto que ficou para a história.

A fotografia foi publicada na *The New York Times Magazine*, em 6 de maio de 1945, com a legenda “Beliches lotados no campo de prisioneiros de Buchenwald”. Até então, nenhuma das vítimas havia sido identificada. Durante décadas, muitos nomes desses sobreviventes surgiram – a principal delas, Elie Wiesel, retratado na segunda fileira de beliches, sétimo a partir da esquerda, próximo à viga vertical. Wiesel transformou-se num símbolo da memória do Holocausto e recebeu o Prêmio Nobel da Paz de 1986 pelo conjunto de sua obra.

Foi a partir da visibilidade de Elie Wiesel que outros sobreviventes começaram a ser identificados na fotografia: Abraham Hipler, Ignacz (Isaac) Berkovicz, Michael Nikolas Gruner, Perry Shulman, Heinman Leefsma, Paul Argiewicz, Max Hamburger, Naftali Fuerst, Simon Toncman, Willi Kessler e Mel Mermelstein, que ficou conhecido no final da década de 1970 por vencer um processo judicial contra um grupo negacionista.

Em janeiro de 2013, um boato online se espalhou rapidamente pelas redes e alegava que a imagem era uma farsa. A argumentação, como de costume para os negadores do Holocausto, era simples o suficiente para que qualquer pessoa pudesse compreendê-la: uma suposta manipulação da imagem e incoerências nas biografias das vítimas identificadas. Um blogueiro encontrou uma edição da revista onde a imagem foi reimpressa, ocultando o famoso homem de pé no lado direito da foto (mais tarde identificado como Simon Toncman, um holandês à época com 28 anos). “A foto mais famosa do Holocausto é uma fraude” foi o título da publicação, que viralizou. Questionado, o Arquivo Nacional dos Estados Unidos divulgou uma cópia do negativo original. Nele, a verdade sobre a imagem pode ser vista, provavelmente tão preto e branco quanto a verdade pode ser.

Até hoje, iniciativas apócrifas negacionistas em fóruns na internet buscam deslegitimar todo o genocídio cometido pelos nazistas e seus colaboradores a partir de supostas incertezas nessa foto específica. A luta contra o ódio, o antissemitismo e a negação do Holocausto fazem parte do legado de Elie Wiesel, falecido em 2016.



Descrição da imagem:


No registro em preto e branco, um dos alojamentos do campo de concentração. Um beliche de parede inteira com quatro andares, dividido em nichos para três ou quatro pessoas, está lotado. Em pé, um prisioneiro apoiado em uma viga vertical à direita. Extremamente magro e nu, esconde a genitália com uma peça de roupa.



As crianças liberadas de Auschwitz



As crianças liberadas de Auschwitz

Trabalhe este tema em sala de aula! 

Já passavam das cinco horas da tarde de 27 de janeiro de 1945 quando o cinegrafista militar soviético Alexander Vorontsov, portando uma câmera de vídeo de fabricação norte-americana, entrou no complexo de Auschwitz-Birkenau ao lado da 100ª Divisão de Infantaria de Lviv, sob o comando do Major-General Fyodor Krasavin. Horas antes, Vorontsov havia acompanhado o Exército Vermelho nos combates pesados contra os nazistas em campos-satélite, como em Monowitz, e na própria cidade polonesa de Oswiecim.

Na imensidão de Auschwitz, cerca de sete mil prisioneiros haviam sido deixados para trás, a maior parte deles doentes, e majoritariamente adultos de meia-idade ou crianças menores de 15 anos. O objetivo de Vorontsov era documentar, numa perspectiva soviética heroica e vitoriosa, o triunfo da invasão e a liberação dos prisioneiros. Assim o fez durante semanas sob ordens de seu superior soviético Mikhael Oschurkow. Dezoito minutos das imagens filmadas em preto e branco entre 27 de janeiro a 28 de fevereiro de 1945 foram exibidos como prova documental no Tribunal Militar Internacional de Nuremberg, na Alemanha.

O restante das filmagens, dado como perdido, permaneceu nos arquivos soviéticos até 1985, quando dois documentaristas da Alemanha Ocidental produziram o documentário "The Liberation of Auschwitz" e entrevistaram Vorontsov – à época, o último cinegrafista ou fotógrafo vivo dos seis profissionais de Moscou que registraram a liberação. Usando um terno azul repleto de condecorações de guerra, ele falou sobre a precariedade do equipamento (que não possuía sistema de som) e de algumas encenações feitas por tropas russas para a propaganda soviética.

Dentre os registros de Vorontsov que vieram à tona, um deles havia se tornado icônico: a imagem de um grupo de treze crianças atrás de uma cerca de arame farpado de Auschwitz. Com várias versões da mesma foto, cada uma tirada de um ângulo ligeiramente diferente, descobriu-se que as fotos não eram realmente fotos, mas sim frames do vídeo do capitão Vorontsov. Os semblantes sérios e os olhares perdidos contrastam com o alívio e a esperança que essas crianças e adolescentes deveriam sentir – a maior parte deles, os únicos sobreviventes de suas famílias.

De qualquer forma, a imagem tornou-se célebre mundialmente e logo levantou dúvidas e curiosidade em pesquisadores sobre quem seriam aquelas crianças. Os primeiros quatro



15

AD



Descrição da imagem:

No registro em preto e branco, doze crianças aparecem dos joelhos para cima, atrás de uma cerca de arame farpado. Usam gorros e casacos com listras verticais sobre as roupas, com semblante sério, olham para nós.

representados na imagem foram formalmente identificados e divulgados em 2005, numa iniciativa da USC Shoah Foundation, criada em 1994 pelo cineasta Steven Spielberg e que rodou o mundo gravando testemunhos, inclusive no Brasil. Gábor Hirsch, Eva Kor, Miriam Ziegler e Paula Lebovics (Pessa Balter) viajaram até Cracóvia, na Polônia, para as cerimônias oficiais de lembrança dos 60 anos de liberação de Auschwitz-Birkenau e posaram para fotos, apontando para si próprios na clássica fotografia.


Paralelamente, o sobrevivente mais jovem do grupo, Gabriel Neumann, que também havia sido identificado pela USC, pesquisou e conseguiu localizar outras seis pessoas: Bracha Katz, Jacob Schelach, Eva Slonim, Marta Wise, Erika Dohan e Tomy Shacham. Completam a lista Ruth Webber, que vivia então em Detroit, nos Estados Unidos; e Miriam Zeiger, irmã-gêmea de Eva Kor e falecida em 1993.

As crianças não se conheciam antes da tragédia do Holocausto – tinham origens, inclusive, em regiões bastante diversas da Europa: Polônia, Romênia e a antiga Tchecoslováquia, por exemplo. Suas reconstruções de vida também se deram em países diferentes: sete deles em Israel e os restantes nos Estados Unidos, Canadá, Austrália e Suíça. Isso não impediu que alguns se tornassem amigos; caso do trio Paula Lebovics, Miriam Ziegler e Ruth Webber, que viviam na América do Norte. A maior parte, no entanto, nunca retornou a Europa e ainda vive ao lado de seus entes queridos.

O trem de Magdeburg



O trem de Magdeburg

Trabalhe este tema em sala de aula! 

Esta foto veio a público graças ao projeto de um professor de História em Hudson Falls, nos Estados Unidos. Em 2001, Matt Rozell entrevistava o avô de um aluno, o juiz aposentado Carrol Walsh, então com 80 anos, que havia sido comandante do Exército durante a Segunda Guerra Mundial. Até que a filha de Walsh, Elizabeth, entrou na sala e perguntou ao pai se ele havia contado sobre “o trem”.

Rozell não sabia, mas estava prestes a se deparar com uma caixa de sapatos cheia de fotografias que, por décadas, permaneceu esquecida com outro veterano: George Gross. A foto de uma mulher segurando a mão de uma garotinha, possivelmente mãe e filha, tornou-se uma das imagens mais conhecidas do Holocausto. A expressão no rosto dela é um amálgama de tristeza, surpresa e alegria. Um contraste entre o pânico, o alívio e a dor.

A história por trás da foto remonta ao início de abril de 1945, poucos dias antes da liberação do campo de concentração de Bergen-Belsen, na Alemanha. Os nazistas estavam apressados para se livrar dos presos. Três comboios deixaram o campo entre 6 e 11 de abril, cada um com cerca de 2.500 prisioneiros. O destino deles era Theresienstadt, na Tchecoslováquia ocupada. No final das contas, apenas um trem chegou, depois que dezenas de passageiros foram mortos em um bombardeio. O segundo, conhecido como o “trem perdido”, foi pego no fogo cruzado russo-alemão e parou em Troebitz, no leste da Alemanha, onde os prisioneiros foram liberados pelo Exército Vermelho.

É o destino do terceiro trem, o que aparece na foto – na verdade, o primeiro dos três a sair de Bergen-Belsen – que nos interessa. Seus passageiros deixaram o campo em 7 de abril e caminharam dez quilômetros até embarcarem. Dentre eles, judeus da Hungria, Holanda, Polônia e Grécia. Após seis dias, o trem parou repentinamente perto da vila de Farsleben. Tiros de artilharia ecoaram à distância. Os alemães fugiram à noite com o auxílio da locomotiva, até que os norte-americanos se aproximaram.

Um dos primeiros soldados a ver os prisioneiros foi o próprio capitão Carrol Walsh, que deu a Rozell o contato de George Gross, que se tornara professor de literatura e guardava fotografias raras dessa liberação – umas delas, a imagem icônica. A foto foi tirada por outro soldado, o major Clarence Benjamin.

Rozell postou as imagens no site da escola, sem imaginar que receberia e-mails de pessoas, em diferentes países, que se identificaram. Percebendo que havia se deparado com uma grande história, decidiu pesquisá-la. Em 2015, o *Yad Vashem* exibiu a foto na cerimônia do 70º aniversário do fim da guerra. Em 2016, Rozell publicou o livro *A Train Near Magdeburg*. O jornalista israelense Ofer Aderet publicou uma resenha no jornal Haaretz – e foi ele o responsável por elucidar o mistério da identidade da mãe e da filha.

Uma leitora que vivia na Europa entrou em contato afirmando ser neta da mulher da foto, uma judia da cidade húngara de Makó, que tinha 35 anos à época e segurava a mão da filha, que tinha cinco. Ambas imigraram para Israel, mas seus nomes não foram revelados. A menina da foto, então com 77 anos, preferia evitar publicidade. A mãe, retratada na foto, sofreu com problemas psicológicos durante a vida e faleceu na década de 1980. Uma fotografia dela com a neta não deixa dúvidas de sua identidade.

E por que essa foto se tornou tão representativa? Segundo Rozell, “se você procurar por 'Holocausto' e 'trem' na web, você obtém fotos de pessoas sendo levadas para a morte. Esta imagem incrível mostra exatamente o oposto”.



16

AD




Descrição da imagem:

No retrato em preto e branco, é dia. Uma mulher de mãos dadas com uma menina sobe por um aclive pouco acentuado. Ela é branca, usa lenço no cabelo, camisa, jardineira e botas curtas. A menina tem cabelos claros presos na lateral direita com uma flor, blusa de manga longa, vestido de alça e sapatos. Elas são seguidas por outras pessoas e uma jovem de braços abertos que sorri. Ao fundo, na parte baixa, dois vagões de trem e árvores altas.

A bandeira da URSS em Berlim



A bandeira da URSS em Berlim

Trabalhe este tema em sala de aula! 

Esta imagem da bandeira soviética sobre o Reichstag (parlamento) alemão é um ícone da derrota nazista na Segunda Guerra Mundial. Tirada pelo fotógrafo militar Yevgeny Khaldei, foi divulgada pela primeira vez na revista ilustrada *Ogonyok* logo em 13 de maio, e depois ganhou o mundo. Nela, o jovem soldado soviético Aleksey Kovalev coloca uma bandeira soviética sobre o prédio, auxiliado pelo colega Abdulkhakim Ismailov. A depender do recorte, o soldado Aleksei Goryachev também aparece.

Por trás da foto há, no entanto, várias camadas de História. Além de ter sido editada, ela não foi tirada no momento exato de tomada do prédio, da qual os três não participaram.

No fim de abril de 1945, o exército soviético avançou sobre Berlim. Apesar da derrota certa, Hitler ordenara que a capital fosse defendida com o que restava de forças. O edifício, de 1894, era uma das construções mais conhecidas e um alvo simbólico, além de ser visto de grande parte da cidade.

Cada divisão do exército soviético carregava consigo estandartes para demarcar a conquista de novas áreas, mas o hasteamento de uma bandeira no Reichstag tinha uma carga simbólica que excedia a estratégia militar. É provável que o próprio Stalin tenha enfatizado a importância de fotografar a cena, ainda mais após a repercussão da também icônica foto da bandeira dos Estados Unidos em Iwo Jima, no Japão.

Em 30 de abril, quando a maior parte da cidade já estava tomada (e mesmo dia em que Hitler cometera suicídio), o ataque começou. Já na primeira noite, várias bandeiras soviéticas tremulavam no prédio. Porém, muitas estavam em pátios internos e parte foi destruída pela artilharia alemã.

Na madrugada de 1º de maio de 1945, os sargentos Mikhail Yegorov e Meliton Kantaria finalmente posicionaram uma bandeira na cúpula do Reichstag. Esta bandeira ficou conhecida como “estandarte da vitória” e foi levada mais tarde para Moscou, onde participaria do desfile da vitória, o que acabou não acontecendo. Somente no 20º aniversário, ele foi exibido publicamente e carregado por Yegorov e Kantaria.

Esta, no entanto, não é a bandeira da foto! Quando foi hasteada, os combates ainda estavam em curso e nenhuma fotografia de qualidade foi tirada. Só mais tarde, o fotógrafo Yevgeny Khaldei chegou e pediu para que os três soldados que estavam lá reencenassem a colocação da bandeira. Ele tirou 36 fotos com sua Leica III e uma delas ficou famosa!



Descrição da imagem:

Fotografia preto e branco em modo paisagem do soldado soviético, no alto do prédio. Ele segura o mastro que acomoda a bandeira soviética, que possui no quadrante superior direito o desenho da foice, o martelo cruzado e uma estrela de cinco pontas acima deles. Ao lado do soldado, um oficial segura-o na perna esquerda. Ao fundo, prédios, casas em ruínas e fumaça no ar.



17

AD)))



Em Moscou, Khaldei foi instruído a editar a foto. Na versão original, que só veio a público décadas mais tarde, Ismailov parece ter dois relógios - o que levantaria suspeitas de saques (embora outra hipótese sustente que se tratava de fato de uma bússola). Khaldei também adicionou uma nuvem de fumaça, dando dramaticidade à cena.

Há mais um elemento que liga essa história ao Holocausto. Yevgeny Khaldei, o fotógrafo, nasceu em 1917 em Iuzovka, então no Império Russo (hoje Donetsk, Ucrânia) em uma família judia. Juntou-se ao Exército Vermelho como fotógrafo e, em 1941, quando a cidade de Kerch, na Crimeia, foi temporariamente recuperada, Khaldei fez os primeiros registros dos assassinatos em massa cometidos pelos nazistas. Após sua cidade-natal ser retomada, descobriu que eles haviam matado seu pai e irmãs. Algumas das fotografias mais impressionantes de Khaldei foram na liberação do gueto de Budapeste, na Hungria, no início de 1945.

Após a guerra, ele ainda fotografou o desfile da vitória e os julgamentos de Nuremberg. Em 1948, Khaldei foi demitido. A justificativa foi que ele não se aprimorou mais tecnicamente, mas é provável que sua demissão se insira nas campanhas antisemitas de Stalin. Faleceu em Moscou, em 1997.

A Conferência de Yalta



A Conferência de Yalta

Trabalhe este tema em sala de aula!

A cidade ucraniana de Yalta (ou Ialta), na Península da Crimeia atualmente ocupada pela Rússia, foi palco da foto que marcou os rumos políticos do fim da Segunda Guerra Mundial. Em fevereiro de 1945, às margens do Mar Negro, reuniram-se os chefes de estado dos Estados Unidos (Franklin D. Roosevelt) e da União Soviética (Josef Stalin), e o chefe de governo e primeiro-ministro do Reino Unido (Winston Churchill).

A imagem imortalizada dos três líderes sentados em primeiro plano e de diversos marechais, almirantes e diplomatas ao fundo retrata a decisão sobre o destino do mundo a partir da derrota do Eixo, que se consumaria em alguns meses. Com a Alemanha debilitada militarmente, a queda do regime nazista era uma questão de tempo.

Muito já se escreveu e discutiu sobre a Conferência de Yalta (ou Conferência da Crimeia), uma série de reuniões ocorridas num resort turístico entre 4 e 11 de fevereiro de 1945. A Declaração da Europa Libertada, documento que antecipava o fim da guerra e prometia ao povo da Europa “criar instituições democráticas de sua própria escolha”, serviu como distração para seus reais interesses: decidir sobre territórios e esferas de influência no pós-guerra. Em poucos meses, o palco estaria montado para a Guerra Fria - a disputa entre as duas superpotências recém-emergidas que dividiram o mundo em dois campos ideológicos. Yalta marcou a formação de uma nova ordem mundial não mais eurocêntrica.

Sobre a foto em si, ela foi tirada nos jardins do imenso Palácio de Livadia, retiro de verão do último czar russo, Nicolau II, e à época propriedade da família Potocki. Ele abrigou, durante a Conferência, os apartamentos de Roosevelt e membros da delegação dos Estados Unidos - a delegação russa hospedou-se no Palácio Yusupov, e os britânicos em Vorontsov. Hoje, o palácio abriga um museu, usado para encontros internacionais.

Já que se trata de um registro oficial, existem versões distintas dessa foto - justamente de fotógrafos dos três países envolvidos. Os cliques soviéticos teriam sido realizados pelo famoso fotógrafo Yevgeny Khaldei, o mesmo que fotografou a bandeira soviética no alto do parlamento alemão, enquanto dos Estados Unidos teriam sido registrados por Richard L. Sarno (presente neste material). Do lado britânico, os registros mostram apenas "fotógrafo oficial do Gabinete de Guerra".

Um documentário produzido pelo Departamento de Guerra dos Estados Unidos e veiculado recentemente pelo canal C-Span mostra, por vários ângulos, imagens de bastidores desse momento, durante a tarde do primeiro dia de reuniões. Numa das cenas, Stalin se levanta e presta continência a Churchill quando percebe a chegada do premiê britânico, que retribui o gesto. Sentado em meio aos dois, Roosevelt sorri de maneira efusiva. As imagens cortadas, com



Descrição da imagem:

Fotografia em plano médio, estilo paisagem em preto e branco, retrata dez homens de farda ao ar livre. Três deles sentados em um banco de madeira, da esquerda para direita, Winston Churchill, segura um charuto na mão esquerda e o chapéu sobre as pernas; no centro, Franklin Roosevelt, segura um cigarro na mão esquerda; e Josef Stalin, com as mãos sobre as pernas e os dedos entrelaçados, sorriem. Ao fundo, em pé, oito militares espalhados pelo pátio.

aproximadamente um minuto de duração, mostram uma conversa amigável entre os três líderes sorridentes, cigarros acesos, a aproximação de assessores e a derradeira pose para as fotos.

Um take de poucos segundos mostra seis fotógrafos e quatro cinegrafistas registrando o encontro nos jardins do palácio, o que explica as versões diferentes da foto que se tornou símbolo do novo mundo. Já as imagens seguintes revelam, rapidamente e à distância, uma das reuniões da Conferência, marcada pelo grupo mais representativo de altos funcionários militares e governamentais já reunidos numa reunião internacional.

Nesse mesmo dia, durante as reuniões, foi estabelecida uma data para a realização de um encontro oficial sobre a futura Organização das Nações Unidas, que seria consumado em 25 de abril de 1945, nos Estados Unidos. Em Yalta, os três líderes se comprometeram a conversar com a França e a China sobre a criação da ONU, consolidando os membros permanentes do Conselho de Segurança.




O porto de Haifa



M. S. Gide

O porto de Haifa

Trabalhe este tema em sala de aula! 

A icônica fotografia de um menino segurando uma bandeira com o escrito “Buchenwald” em letras latinas e hebraicas foi tirada por um dos pioneiros do fotojornalismo moderno: Nahum Gidalewitsch, ou simplesmente Tim Gidal (1909-1996), nascido na Alemanha. Ela foi tirada em 17 de julho de 1945, na data mais triste do calendário judaico: *Tishá BeAv*, um dia anual de jejum para lembrar eventos trágicos da história do povo judeu que incluem as destruições dos templos sagrados e a expulsão dos judeus da Espanha.

A data, no entanto, era de alegria para uma criança que desembarcara com um visto inglês num navio repleto de refugiados órfãos que atracou no porto da atual cidade israelense de Haifa, antes da fundação do Estado de Israel. À época, o menino acreditava que a única pessoa que o conhecia era seu irmão Naphtali, apelidado de Tulek, que havia sobrevivido ao lado dele à perseguição nazista. Pouco tempo depois da detenção no campo de prisioneiros de Atlit, a mando dos britânicos, os irmãos puderam reencontrar o tio Mordechai Fogelman, que havia emigrado há anos, e reconstruir suas vidas no que passaria a ser o Estado de Israel.

Cerca de três meses antes, em 11 de abril de 1945, um oficial do Exército dos Estados Unidos esbarrou num pequeno e frágil prisioneiro que se escondia atrás de uma pilha gigante de cadáveres no campo de concentração nazista de Buchenwald, na Alemanha. O oficial, então Capelão do exército e também rabino Herschel Schacter, perguntou à criança de sete anos de idade qual era o seu nome. “Lulek”, respondeu baixinho. Antes, Lulek havia passado pelo campo de trabalhos forçados de Czestochowa.

Lulek era o apelido de Yisrael Meir Lau, nascido na cidade polonesa de Piotrków Trybunalski, local onde foi estabelecido o primeiro gueto nazista. Seu pai, o rabino Moshe Chaim Lau, foi o último rabino-chefe da cidade,

sendo assassinado no campo de extermínio de Treblinka. A mãe Chaya foi assassinada no campo nazista para mulheres de Ravensbrück, na Alemanha.

Liberado de Buchenwald, Lulek recebeu um uniforme da Juventude Hitlerista porque não tinha outras roupas. De acordo com sua autobiografia, *Out of the Depths*, um soldado norte-americano também lhe entregou um rifle, que ele pendurou no ombro e o carregou em toda a sua trajetória até o porto de Gênova, passando pelas cidades francesas de Paris, Lyon e Marselha.

Já na Terra de Israel, junto ao irmão Tulek, foi criado por tios e estudou com o famoso rabino ortodoxo Shlomo Zalman Auerbach. Assim, Lau manteve a tradição e tornou-se a 38ª geração de uma cadeia familiar ininterrupta de rabinos. Em 1994, um ano depois de tornar-se rabino-chefe *ashkenazi* de Israel, o rabino Lau convidou o famoso fotógrafo Tim Gidal para uma recepção privada. Seu objetivo era compartilhar reflexões emocionais sobre esta foto, que se tornou um símbolo da reconstrução e da resiliência do povo judeu na terra de seus antepassados.

Atualmente, os trabalhos de Tim Gidal estão incluídos em muitas coleções públicas. Ele ganhou prêmios importantes por seu trabalho não apenas como fotógrafo, mas como artista criativo, educador e historiador da fotografia.

Já o rabino Lau é casado e tem oito filhos e muitos descendentes, vários seguindo a linhagem rabínica da família. Ele é autor de inúmeras obras sobre a lei e a tradição judaicas. Em 2005, recebeu o importante Prêmio Israel pelo conjunto de sua obra e, desde 2008, ocupa a presidência do Conselho do museu Yad Vashem, em Jerusalém. Seu irmão Naphtali Lau-Lavie, o Tulek, foi porta-voz de vários governos israelenses e seguiu carreira na diplomacia, falecendo em 2014.



Descrição da imagem:


Na fotografia em preto e branco em estilo retrato, um menino com um pequeno sorriso empunha uma bandeira com duas faixas verticais. Na parte superior, uma estrela de seis pontas e abaixo letras latinas e hebraicas. Junto dele, mais quatorze jovens.



O julgamento de Nuremberg



O julgamento de Nuremberg

Trabalhe este tema em sala de aula! 



Descrição da imagem:

Registro em preto e branco de oito homens no banco dos réus, sentados em duas fileiras. Ao fundo, quatro soldados em pé. O espaço é delimitado por um cercado de madeira com aproximadamente 60 centímetros de altura.

Em novembro de 1945, começaram os julgamentos no Tribunal Militar Internacional em Nuremberg, na Alemanha. No primeiro desses julgamentos, juízes das potências Aliadas – Reino Unido, França, União Soviética e Estados Unidos – presidiram a audiência de 24 dos principais nazistas vivos. Adolf Hitler não foi julgado, pois havia cometido suicídio nos últimos dias da guerra, o mesmo caso de Heinrich Himmler e Joseph Goebbels.

Os réus foram acusados de crimes contra a paz, crimes de guerra, crimes contra a humanidade e conspiração para cometer os três anteriores. Embora o termo “genocídio” tenha sido utilizado durante o processo, ele não poderia constituir uma acusação formal, já que a Convenção para a Prevenção e a Repressão do Crime de Genocídio, que o definiria juridicamente, só seria aprovada em 1948.

Desde 1942, lideranças Aliadas declaravam a intenção de levar os nazistas a julgamento. Enquanto havia quem defendesse a execução sumária dos principais líderes, prevaleceu a posição de julgá-los. Os motivos foram evitar alegações de que não foi seguido o processo legal, não deixar os graves crimes impunes e, principalmente, esclarecer o funcionamento do regime nazista e o envolvimento de seus comandantes.

A cidade de Nuremberg fora escolhida pela importância que havia tido para o regime nazista. Palco de grandes comícios e local de promulgação das conhecidas “Leis de Nuremberg”, os Aliados pretendiam ressignificar esse lugar simbólico.

O julgamento recebeu grande cobertura midiática. Um dos fotógrafos presentes era o norte-americano Raymond D’Addario. Ele começara sua carreira como freelancer e, após a entrada dos Estados Unidos na Guerra, D’Addario se alistou no exército para servir como fotógrafo. Foi enviado a Londres para fotografar os bombardeios nazistas e, ao fim da Guerra, chegou a Nuremberg.

O trabalho era desafiador, já que as regras para os fotógrafos eram rígidas. Eles não podiam falar com os réus, nem conversar entre si durante as seções. Não podiam usar flash, o que fazia com que D’Addario tirasse várias versões das mesmas fotos até chegar ao resultado desejado. Um desafio era que ele não entendia alemão e, como os fones de ouvido com tradução simultânea o desconcentravam, fotografou sem saber exatamente o que estava acontecendo.

Raymond fotografou principalmente os réus, juntos e individualmente, dando rostos aos criminosos responsáveis pelo Holocausto. A maioria de suas fotos eram em preto e branco, mas, com filmes enviados pela sua mãe, também tirou fotos coloridas. Elas foram distribuídas gratuitamente aos jornais e se tornaram mundialmente conhecidas.

Ele permaneceu na Alemanha por mais três anos cobrindo julgamentos de outros nazistas. Durante esse período, conheceu Margarete Borufka, tchecoslovaca que trabalhava como intérprete para o tribunal. Eles se casaram e viveram na cidade-natal de Raymond, Holyoke, nos Estados Unidos. Lá, abriram uma loja de câmeras fotográficas. Raymond morreu em 2011, aos 90 anos.

Esta é uma de suas fotografias mais conhecidas, na qual aparecem oito dos réus. Na fileira de trás aparecem, da direita para a esquerda, Fritz Sauckel, diretor do programa de alocação de trabalho forçado; Baldur von Schirach, líder da juventude hitlerista; Erich Raeder, almirante; e Karl Dönitz, almirante e presidente nos dias entre o suicídio de Hitler e a dissolução do Terceiro Reich. Na fileira da frente, estão, da direita para a esquerda, Wilhelm Keitel, alto comandante das forças armadas; Joachim von Ribbentrop, ministro das relações exteriores; Rudolf Hess, vice-líder do partido; e, provavelmente o mais conhecido deles, Hermann Göring, presidente do parlamento e comandante da força aérea. Dönitz foi condenado a 10 de prisão, Schirach a 20, Raeder e Hess a prisão perpétua e os demais a morte por enforcamento. Göring cometeu suicídio na noite anterior a execução da sentença.

20

AD



Propostas Educativas

Educação Infantil

O olhar de Vishniac
O ódio de Goebbels
As crianças liberadas de Auschwitz

Ensino Fundamental I

A cobra fumou
O trem de Magdeburg
O porto de Haifa

Ensino Fundamental II

O saque ao Instituto de Ciências Sexuais
O Movimento Rosa Branca
A entrada de Hitler em Paris; A bandeira da URSS em Berlim
Os irmãos Bielski
O homem que se recusou a saudar o ditador; A rendição no gueto de Varsóvia; O menino do gueto de Varsóvia
A Conferência de Yalta

Ensino Médio

O saque ao Instituto de Ciências Sexuais
O álbum de Karl Höcker; O álbum de Auschwitz
As fotografias do Sonderkommando
A liberação de Buchenwald
O julgamento de Nuremberg

Educação Infantil

Foto: O olhar de Vishniac

Encaminhamento metodológico:

Etapas de discussão e roda de conversa

- Apresentar a imagem com questionamentos sobre o que os alunos percebem na foto em questão:

Quem poderia ser o menino da foto? Qual será o seu nome? O que ele gosta de fazer? Do que ele pode gostar de brincar? Quando esse momento pode ter sido fotografado? A foto é antiga ou nova? As crianças são todas iguais? Elas usam a mesma roupa? Se elas usassem a mesma roupa elas seriam iguais?

- Explicar que o menino fotografado é judeu e religioso. Elucidar o que é um judeu, destacando o tripé cultura/religião/identidade. Demonstrar como é possível perceber que ele é judeu nessa foto, deixando evidente que nem todos os judeus se vestem dessa forma. Perguntar se seria possível saber sobre sua religião e cultura se ele não estivesse utilizando o chapéu e se tivesse o cabelo curto.
- O que me torna diferente do menino apresentado na imagem? O que vocês têm em comum com ele? Vocês são iguais a ele ou iguais aos colegas de turma?
- Converse com os alunos, perguntando o que gostam - brincadeiras, comidas, músicas, entre outras preferências - com a intenção de perceber o seu ponto em comum: todas são crianças e ao mesmo tempo todas são diferentes por possuírem e terem gostos próprios.
- A partir da imagem e roda de conversa apresentar os conceitos de identidade e alteridade;
- Enfoque sobre as múltiplas questões que compõem a identidade do sujeito: nome, influência dos pais e do lugar que mora, gostos de comida, vestimenta, brincadeiras etc.

Proposta de atividade:

Diferenças entre identidades

- Cada criança deverá trazer um objeto que represente de alguma forma sua identidade;
- Imprimir imagem do rosto de cada criança, dividindo-a ao meio. Em seguida, cada criança deve completar o seu rosto, seja com massinha ou com desenho, podendo utilizar cores e elementos visuais que queiram;
- Ao terminarem a atividade, devem se apresentar à turma (nome, idade, objeto escolhido e coisas que gostam) e destacar porque se representaram desta maneira.
- Para finalizar, com a imagem do menino apresentado na fotografia de Vishniac e as imagens das crianças, produzir um mural da turma apresentando-o como o produto final.



Conceitos

Alteridade:

al-te-ri-da-de

Característica, estado ou qualidade de ser distinto e diferente, de ser outro.

Identidade:

i-den-ti-da-de

Série de características próprias de uma pessoa ou coisa por meio das quais podemos distingui-las.

Dicionário Michaelis

<https://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=alteridade+>

<https://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=Identidade+>

Educação Infantil

Foto: O ódio de Goebbels

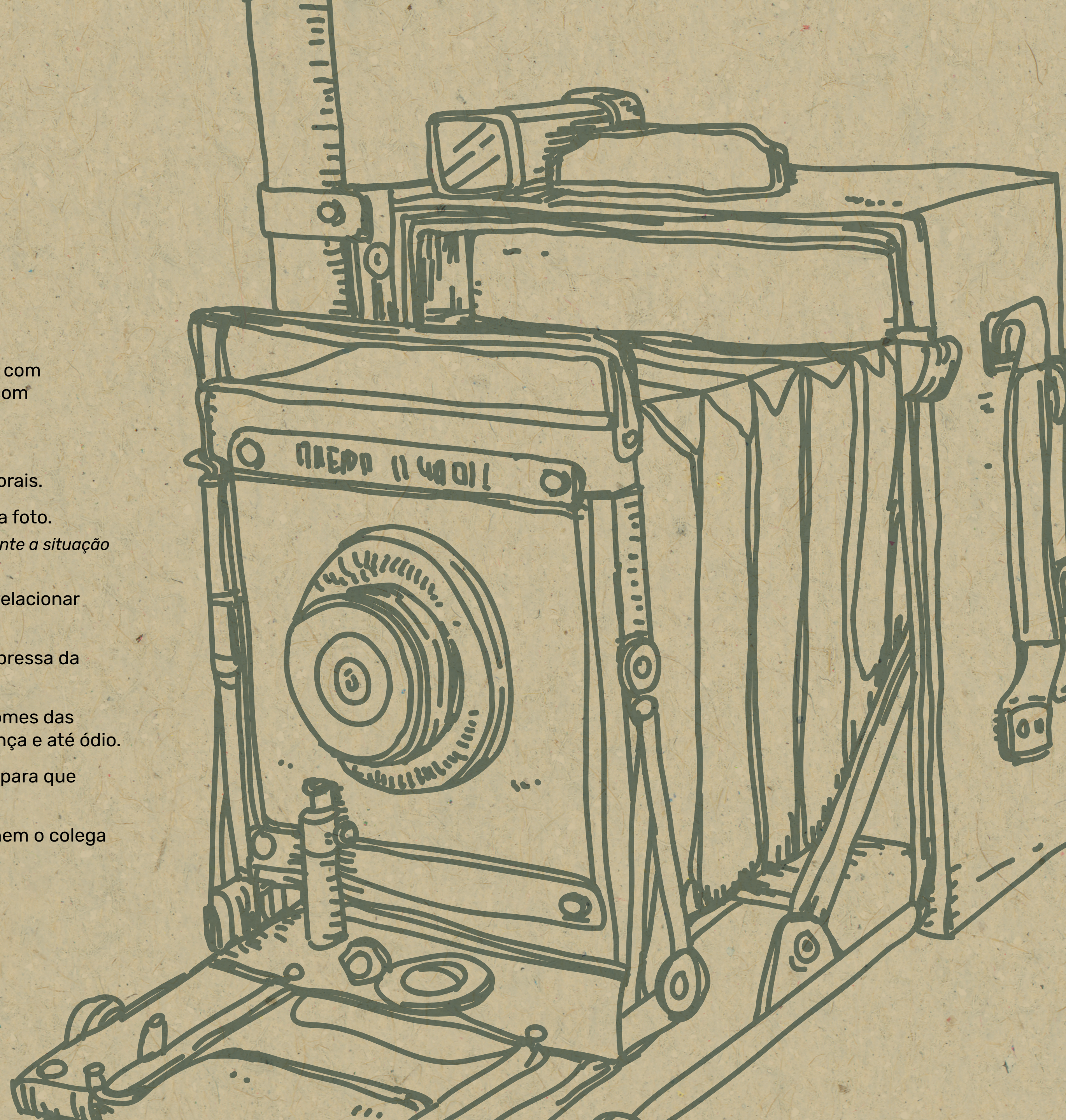
O corpo fala

Objetivos:

- Compreender as emoções como expressões físicas de sentimentos, refletindo sobre como lidar com as diferentes formas de explicar desejos, angústias, tristezas, alegrias, advindas das pessoas com quem convivemos.

Encaminhamento metodológico:

- Apresente aos alunos revistas, jornais ou quadrinhos que contenham rostos e expressões corporais.
- Junto delas, apresente a foto de Goebbels. Pergunte aos alunos o que é possível observar nessa foto.
Qual emoção ela transmite? Será que é bom sentir essa emoção? Como evitá-la? Contextualize minimamente a situação em que a foto foi tirada, na medida adequada à idade, baseando-se no texto sobre ela.
- Depois, questione os alunos o que eles percebem nas outras imagens apresentadas, tentando relacionar em grupo, as diferentes emoções.
- Continue questionando sobre a forma que podemos nos expressar. Será que todo mundo se expressa da mesma maneira?
- Separe as fotos das expressões e coloque-as no chão, no centro da sala, juntamente com os nomes das emoções apresentadas: euforia, dúvida, espanto, dor, susto, alegria, tédio, plenitude, desconfiança e até ódio.
- Sugira que alguns alunos venham à frente do grupo e façam uma mímica de alguma expressão para que o grupo adivinhe qual emoção seria.
- Divida os alunos em duplas e, sentando um aluno na frente de outro, proponha que eles desenhem o colega com alguma emoção específica.
- Os desenhos poderão ficar expostos para que os demais alunos vejam.



Educação Infantil

Foto: As crianças liberadas de Auschwitz

POR QUE é importante ensinar sobre o Holocausto, um tema tão complexo, para crianças? Segundo a filosofia educativa do Museu Yad Vashem, em Jerusalém, e compartilhada pelo Museu do Holocausto de Curitiba, a importância de ensinar o Holocausto desde a infância reside em alguns fatores:

São histórias que aconteceram de verdade;

São narrativas únicas e peculiares;

Sua transmissão e contação são facilitadas, pois passou tempo suficiente;

Por meio de relatos pessoais, podem-se inculcar valores e princípios éticos importantes na formação moral da criança.

Ensinar História envolve compreender atitudes e valores de pessoas no passado, às quais podem ser diferentes das suas, ajudando a criança a desenvolver a empatia e a entender a si mesmo.

- Baseando-se nessa introdução, mostre a foto e questione sobre ela:
É antiga ou nova? As crianças são parecidas com elas? Se vestem iguais a elas? O que podemos perceber? Estão tristes ou felizes?
- Quais perguntas os alunos gostariam de fazer a elas? A professora, nesse momento, pode utilizar um quadro grande para anotar as perguntas.
- Deve-se contar resumidamente a história de GABRIEL NEUMANN, o menino mais novo da foto, enfatizando que ele cresceu, formou uma família e viveu muitos anos.

GABRIEL NEUMANN

- Em 27 de janeiro de 2005, sob a iniciativa de uma instituição nos Estados Unidos, algumas das “crianças” dessa foto se reencontraram e posaram em frente à imagem ampliada. A professora pode apresentar a foto mais atual, demonstrando que cresceram e formaram suas famílias.

FOTO DO ENCONTRO

- Como produto final, os alunos devem criar uma playlist de músicas ou livro de emoções da sala que exemplifiquem os sentimentos que foram trabalhados. O livro pode ser construído a partir de figuras e fotos encontradas em revistas e jornais.



Ensino Fundamental I

Foto: A cobra fumou



Proposta recomendada para alunos do 4º e 5º ano

Com base na fotografia do soldado Francisco de Paula, é possível notar escrito na artilharia a frase “A Cobra está fumando...”. Ela faz menção à expressão “a cobra vai fumar”, explicada no texto deste material, que foi muito utilizada ao afirmar que era mais fácil uma cobra fumar um cachimbo do que o Brasil entrar na Segunda Guerra Mundial. Além da expressão se tornar slogan da Força Expedicionária Brasileira (FEB), tornou-se também seu símbolo.

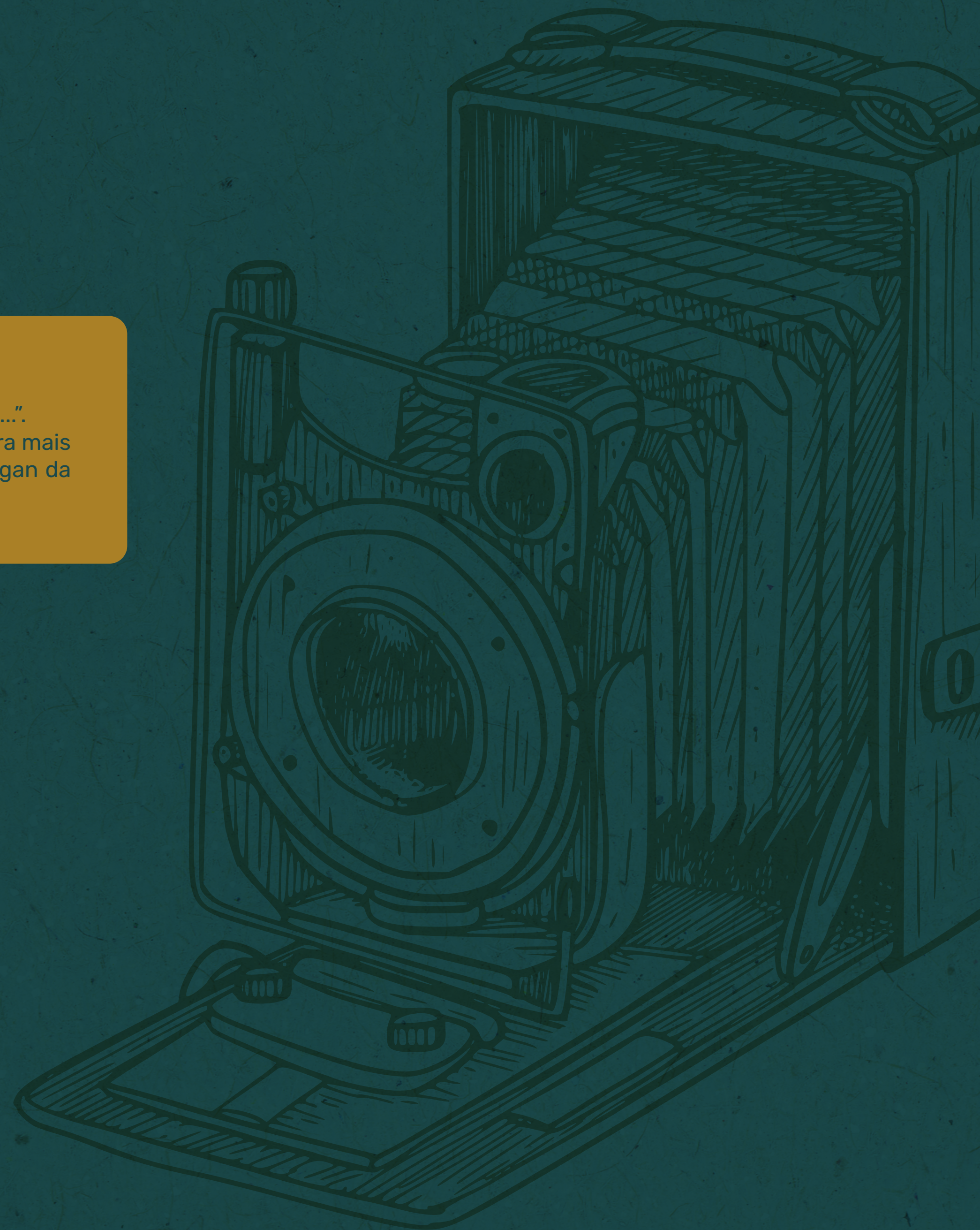
- A professora deve buscar na internet e levar aos alunos uma reprodução do distintivo da FEB.

Tópicos de discussão:

- *Será que depois da Segunda Guerra Mundial ainda houve outras guerras?*
- *Quais são os efeitos de uma guerra? São positivos ou negativos?*
- *Em que situações uma guerra pode ser necessária?*
- *Como vocês se sentiriam se houvesse uma guerra em nosso território?*

Atividade:

- Proponha à turma a produção de um símbolo e um slogan coletivo sobre a importância de se manter a paz e evitar guerras.
- Em Curitiba, o **Museu do Expedicionário** recebe grupos para visitas mediadas, com entrada gratuita. No espaço, além contextualizar a participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial, é apresentada a história do sargento Max Wolf Filho e da Legião Paranaense do Expedicionário.



Ensino Fundamental I

Foto: O trem de Magdeburg

Apresente a foto aos alunos.

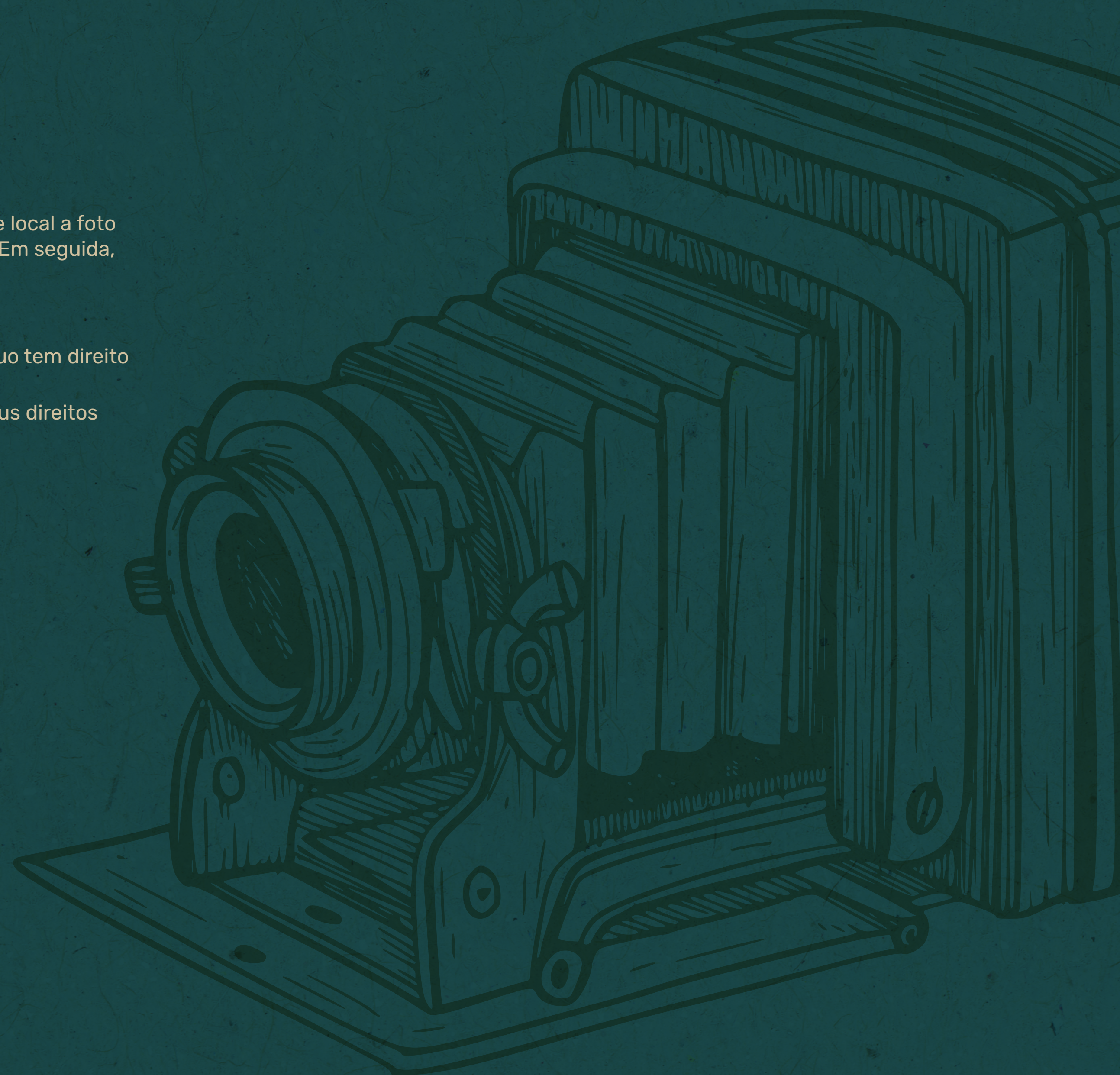
- Questione-os se a imagem é atual ou antiga; quem são as pessoas da foto; o que representam; em que local a foto foi feita; que sentimentos a imagem transmite; entre outros questionamentos que julgar necessários. Em seguida, conte a história por trás dessa foto.
- Apresente aos alunos um breve relato do contexto da guerra.
- Faça a leitura da Declaração Universal dos Direitos Humanos e enfatize o artigo terceiro (“Todo indivíduo tem direito à vida, à liberdade e à segurança pessoal”).
- Proponha uma pesquisa em jornais, revistas e sites, sobre situações em que as pessoas vivem com seus direitos básicos restringidos.

Produto Final:

- Construa uma tabela comparativa entre os direitos contidos na declaração e as imagens e pesquisas trazidas pelos alunos, que mostram de que formas não estão sendo garantidos.

Sugestão para pesquisa:

Uma breve história dos Direitos Humanos – Vídeos Educacionais



Ensino Fundamental I

Foto: O porto de Haifa

Apresente imagem de Meir Lau e conte de forma adaptada a sua história.

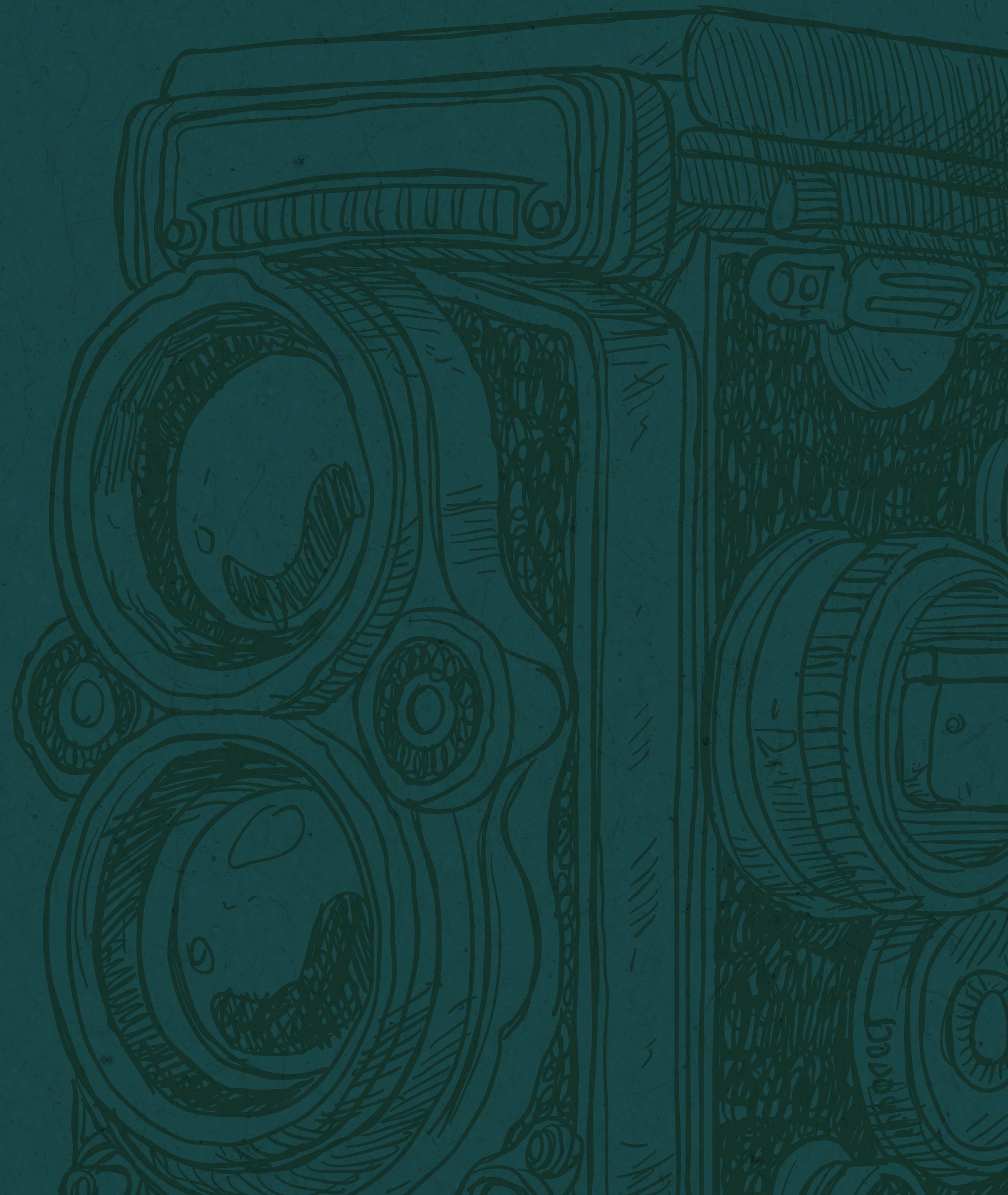
- Destacar que, no momento em que foi fotografado, estava feliz.
- Quando adulto, escreveu sua autobiografia em que conta sobre a infância e a reconstrução de sua vida em Israel.
- Destacar o reencontro com o fotógrafo para contar o que sentia quando via aquela imagem.

Tópicos de discussão:

- *Vocês sabem o que é uma biografia?*
- *Qual a diferença de autobiografia para biografia?*
- *Vocês conhecem ou já leram uma autobiografia ou biografia?*
- *Se você fosse escrever uma autobiografia destacando momentos de sua infância, o que escreveria?*
- *O que você sente quando lembra desses momentos?*

Atividade:

- Proponha à turma a escrita de uma autobiografia e a apresentação aos colegas, destacando momentos de sua infância e os sentimentos ao lembrá-los. É possível adicionar imagens, fotografias, desenhos e objetos para representar as ocasiões narradas.



Ensino Fundamental II

Foto: O saque ao Instituto de Ciências Sexuais

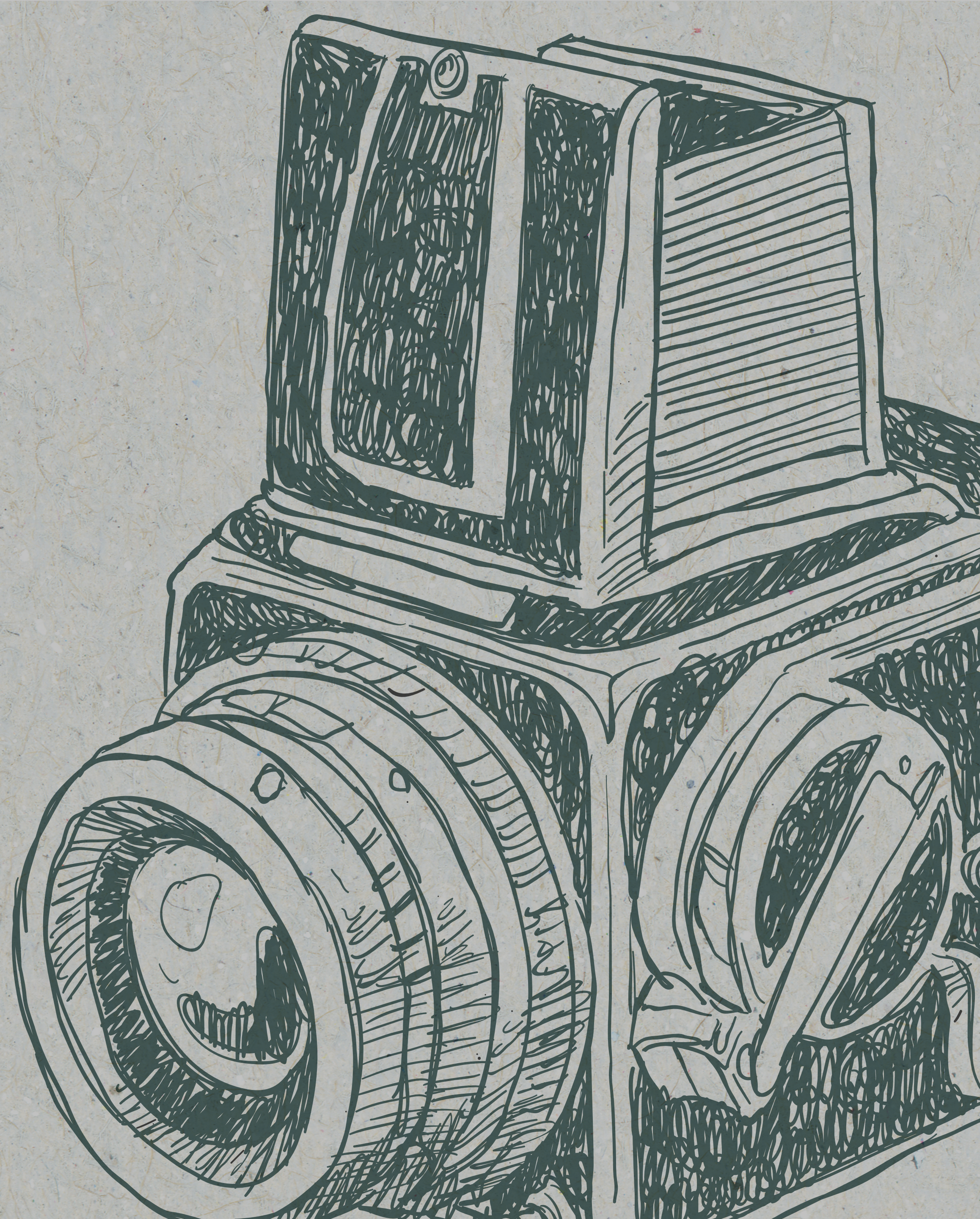
Apresentar imagem, em seguida explicando e apresentando o texto ou o contexto da imagem.

- Iniciar discussão com a seguinte frase escrita no quadro: *“Por alguma razão a minha existência incomodava muito eles.”*
- A partir da frase, pedir para que os alunos discutam sobre o que ela se trata.
- Em seguida apresentar vídeo da série “Contar para viver”: Joshua Strul e André Baliera, criado pelo Museu do Holocausto de Curitiba em parceria com a UNESCO Brasil e a CONIB.

Joshua Strul e André Baliera têm algo em comum – #ContarParaViver

Tópicos de discussão:

- Sobre o que se trata o vídeo? Vocês conhecem sobre o tema?
- Vocês já ouviram sobre LGBTQIAP+FOBIA?
- Por que é tão importante que o André afirme quem ele é (identidade)?
- Vocês já se depararam com casos de LGBTQIAP+FOBIA?
- Somente violência físicas se enquadram como LGBTQIAP+FOBIA?
- Tendo em vista o nosso contexto escolar, vocês acreditam que ele seria um ambiente acolhedor para pessoas da comunidade LGBTQIAP+?

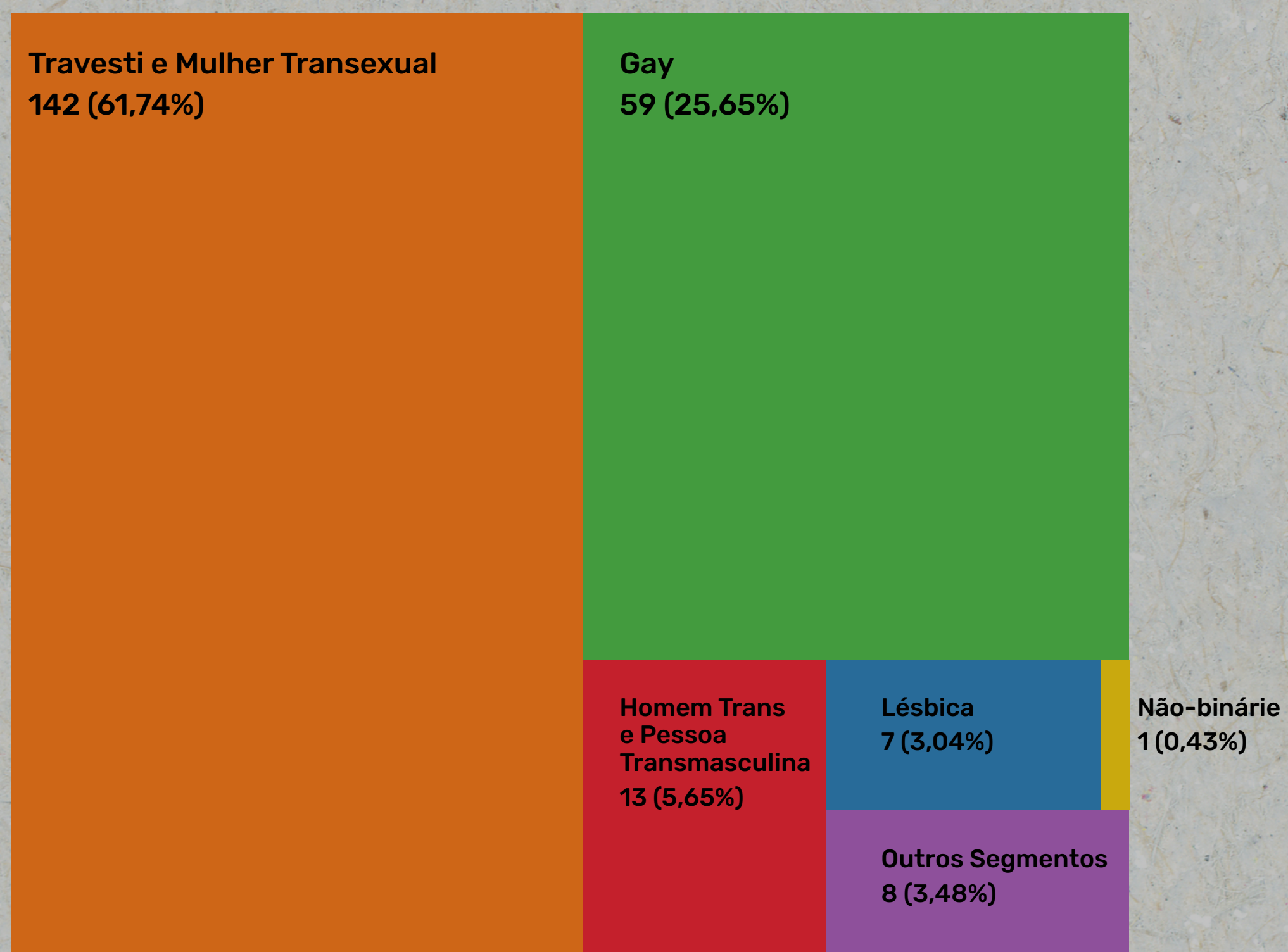


Ensino Fundamental II

Foto: O saque ao Instituto de Ciências Sexuais

Em 2019, o Supremo Tribunal Federal enquadrrou a “Homofobia e a Transfobia” como crime de injúria e racismo, até que o Congresso Nacional aprove uma lei específica para o tema. De acordo com o Observatório de Mortes e Violências LGBTI+ no Brasil, em 2023, 230 pessoas foram mortas em decorrência de violência e preconceito.

Apresente os gráficos:



O Gráfico é classificado como “Gráfico de Árvore” e representa o número de mortes de LGBTQIAP+ no Brasil por segmento em 2023. Ele apresenta seis divisões com quatro lados e diferentes cores. A área dessas divisões são proporcionais à porcentagem de mortes e violências contra LGBTQIAP+ no Brasil. Em laranja, aponta 142 mortes de travestis e mulheres transexuais, mostrando 61,74%. Em verde, uma divisão de 59 gays mortos em 2023, representando 25,65%. Em vermelho, homens trans e pessoas trans masculinas representam 5,65%, 13 mortes, dessa população. As sete (3,04%) mortes de pessoas lésbicas estão em azul. A morte de uma pessoa não binarie representa 0,43% do gráfico e está destacada em amarelo. Por último, ocorreram oito mortes de outros segmentos (3,48%), que estão em violeta no gráfico.

Fonte: Observatório de mortes e violências contra LGBTI+ no Brasil. 2023

Ensino Fundamental II

Foto: O saque ao Instituto de Ciências Sexuais

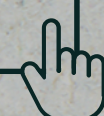
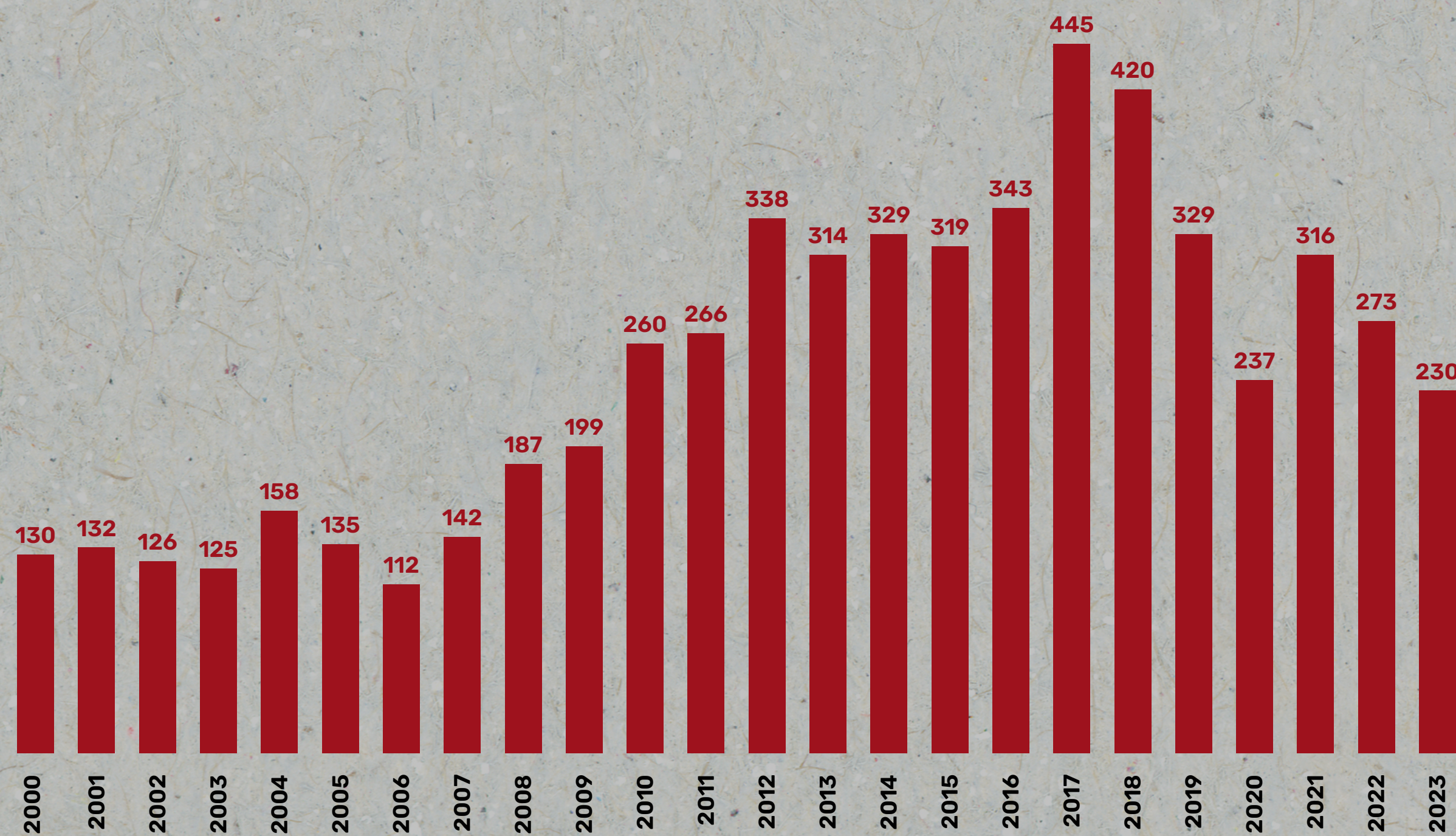


FIGURA 2: NÚMERO DE MORTES VIOLETAS DE LGBTI+ NO BRASIL ENTRE 2000 A 2023

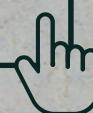


FONTE: ACONTECE LGBTI+. GRUPO GAY DA BAHIA. OBSERVATÓRIO DE MORTES E VIOLÊNCIAS CONTRA LGBTI+ NO BRASIL 2023

O gráfico é classificado como um Gráfico de Colunas, que se dispõem em 23 colunas vermelhas em que acima delas estão os números de mortes violentas de pessoas LGBTIAP+ no Brasil, conforme o ano que está indicado abaixo da coluna. Pela esquerda, começa no ano 2000 e acompanha todos os anos até 2023. Os dados do gráfico: no ano 2000, o total de mortes LGBTIAP+ registradas pelo Observatório foi de 130; em 2001, foram registradas 132; em 2002, foram 126 casos; em 2003, foram 125 casos; em 2004, foram 158 casos; em 2005, foram 135 casos; em 2006, foram 112; em 2007, foram 142; em 2008, foram 187; em 2009, foram 199; em 2010, foram 260 casos; em 2011, foram 266 casos; em 2012, foram 338 caos; em 2013, foram 314 mortes; em 2014, foram 329 mortes; em 2015, foram 319 mortes; em 2016, foram 343; em 2017, foram 445 casos; em 2018, foram 420 mortes; em 2019, foram 329 mortes; em 2020, foram 237 mortes; em 2021, foi de 316; em 2022, foram 273 casos; em 2023, foram 230 mortes associadas à LGBTIAP+.

Ensino Fundamental II

Foto: O saque ao Instituto de Ciências Sexuais



Tópicos de discussão:

- *O que é possível perceber com a observação dos gráficos?*
- *Quem são as pessoas que o compõem?*
- *O que podemos constatar ao verificar os números de mortes violentas ao longo dos anos presentes no segundo gráfico?*

Propostas de Atividades:

- Convide os estudantes a refletir sobre a existência de uma lei que criminaliza a LGBTQIA+FOBIA. Por que ainda é tão presente no Brasil os casos de intolerância e violência contra esta comunidade?
- Por que é tão importante que os membros da comunidade LGBTQIAP+ afirmem sua identidade? Pesquise histórias de pessoas que foram importantes para a luta contra a LGBTQIAP+FOBIA e pela garantia e manutenção de direitos dessa comunidade. Incentive os alunos a produzirem, de forma criativa, um meio de difundir suas pesquisas: cartazes, flyers, vídeos, páginas em redes sociais etc.

Referências:

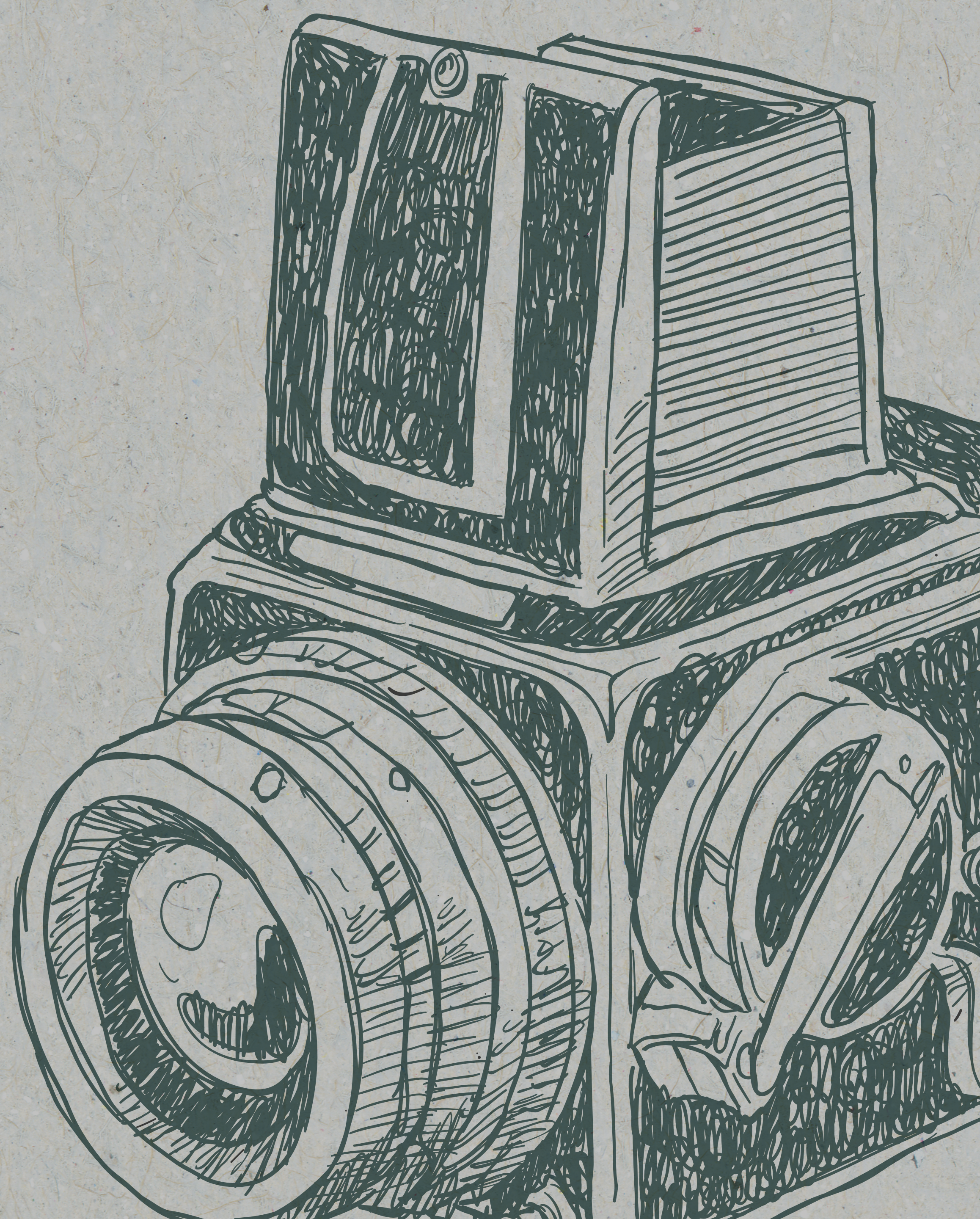
[Nexo Jornal](#)

[Agência Brasil](#)

[Observatório de Mortes e Violências](#)

[LGBTI+ no Brasil](#)

[Contar para Viver](#)



Ensino Fundamental II

Foto: O Movimento Rosa Branca

“Fio da Memória”:

- Atividade de produção de pesquisa a respeito do movimento Rosa Branca e trajetória dos envolvidos, destacando suas passagens pela Juventude Hitlerista e a entrada no movimento de resistência;
- Reunir pesquisas desenvolvidas pelos estudantes para formar o “Fio da Memória”

Atividades:

Assim como a lógica de um museu que possui um percurso a ser seguido para que se compreenda sua narrativa, o fio da memória propõe o mesmo objetivo. O cordão que se estende contempla um trajeto a ser seguido, traçando em sua linearidade a história tratada. A proposta do fio da memória encaixa-se como uma lógica de museu dentro do ambiente escolar, que pode ser moldada de acordo com a disposição dos espaços.

- Nesta atividade, os alunos devem realizar pesquisas acerca do Movimento Rosa Branca e questões que o antecedem, tais como a trajetória dos membros e contexto do período. Com as pesquisas realizadas, os estudantes devem alimentar o trajeto do fio da memória com cartazes, imagens e até mesmo objetos.
- Tendo em vista o Movimento Rosa Branca, é essencial manter o pensamento independente, crítico e que se deve resistir perante as injustiças. Nesse sentido, como forma de finalizar o trajeto, os estudantes deverão produzir uma fanzine com a possibilidade de ser realizada no formato de audiobook sobre a importância de se possuir um pensamento independente na atualidade.

Sugestão de Filmes:

Uma Mulher Contra Hitler (2005) e A Rosa Branca (1982)

Referência:

MUNIZ, Cellina Rodrigues (Org.). Fanzines: Autoria, Subjetivo e Invenção de Si. Fortaleza: Edições UFC, 2010.

O que é uma fanzine:

Zine (também chamada de fanzine) são revistas autorais com diversos fins. Tem como objetivo principal servir de espaço para promover o pensamento independente e que, por meio da autopublicação e escrita livre de amarras normalizadoras, o artista expande a sua criatividade e expressa sua arte como forma de resistência.

O termo surgiu da mistura de palavras “fanatic” (fã) e magazine (revista). A partir de 1930, foram utilizadas por leitores de ficções como forma de divulgar trabalhos fora do contexto comercial dos Estados Unidos. Com o passar do tempo, as zines ocuparam diversos espaços do globo, principalmente nos anos de 1960 e 1970, com as manifestações do movimento punk inglês, tornando-se um meio popular de divulgação de trabalhos artísticos, literários, musicais ou de qualquer tipo de cultura. Movimentos de contracultura utilizaram os zines como ferramenta de comunicação e resistência.

O zine enquanto recurso pedagógico conduz a quem está aprendendo a uma nova percepção do mundo. Permite o contato com texto e imagem, auxiliando a compreender os elementos constitutivos de sua cultura, concedendo ao sujeito se sentir pertencente e integrante de sua formação. O fanzine, ao proporcionar um espaço livre e diverso entre textos e imagens, incentiva o estudante a realizar pesquisas, desenvolver o olhar crítico sobre o meio e a realização de diálogos entre o cotidiano e a visão do estudante.

Passos para criar um fanzine no formato de audiobook:

1. Planejar o conteúdo

- Pesquise artigos, histórias, entrevistas ou poemas que podem ser incluídos;
- Escreva os textos de forma clara e envolvente, adequando o conteúdo para a narração em áudio.

2. Gravação do Áudio

- Equipamentos: utilize recursos que estão disponíveis para você, o importante é o conteúdo do áudio. Exemplos: celular, notebook, gravador de voz, tablet, computador etc;
- Locução: ensaiar o conteúdo antes de gravar pode ajudar a melhorar a fluência e a entonação;
- Ambiente: grave em um ambiente silencioso para evitar ruídos de fundo;

3. Edição do Áudio

- Edição: os alunos podem realizar cortes e adicionar efeitos sonoros no áudio.
- Divisão em Capítulos: se o fanzine for longo, considere dividir o áudio em capítulos ou seções para facilitar a navegação.
- Acesso e Divulgação: o audiobook pode ser compartilhado nas redes sociais da escola e comunidade escolar.

Ensino Fundamental II

Fotos: A entrada de Hitler em Paris
A bandeira da URSS em Berlim

Monumento é um tipo de estrutura comemorativa em homenagem a uma pessoa ou um evento que, com o decorrer dos anos, tornou-se relevante para um determinado grupo social por ser uma materialização da memória coletiva de eventos históricos ou testemunho do patrimônio artístico e cultural. O significado se dá devido às suas características estéticas, históricas, políticas, técnicas ou pela sua relevância arquitetônica e cultural.

Helmut Scharf afirma que “um monumento existe na forma de um objeto e como seu símbolo. O que é considerado um monumento sempre depende da importância que atribui à consciência predominante ou tradicional de uma situação histórica e social específica”.

Um monumento não é só sobre a época ou as pessoas que está retratando, mas, principalmente, sobre quem decidiu construir o monumento. Além disso, o significado de um monumento pode ser modificado e disputado. Por exemplo, uma estátua de uma pessoa não é sobre ela, mas sim sobre os valores de quem quis “monumentalizá-la”.

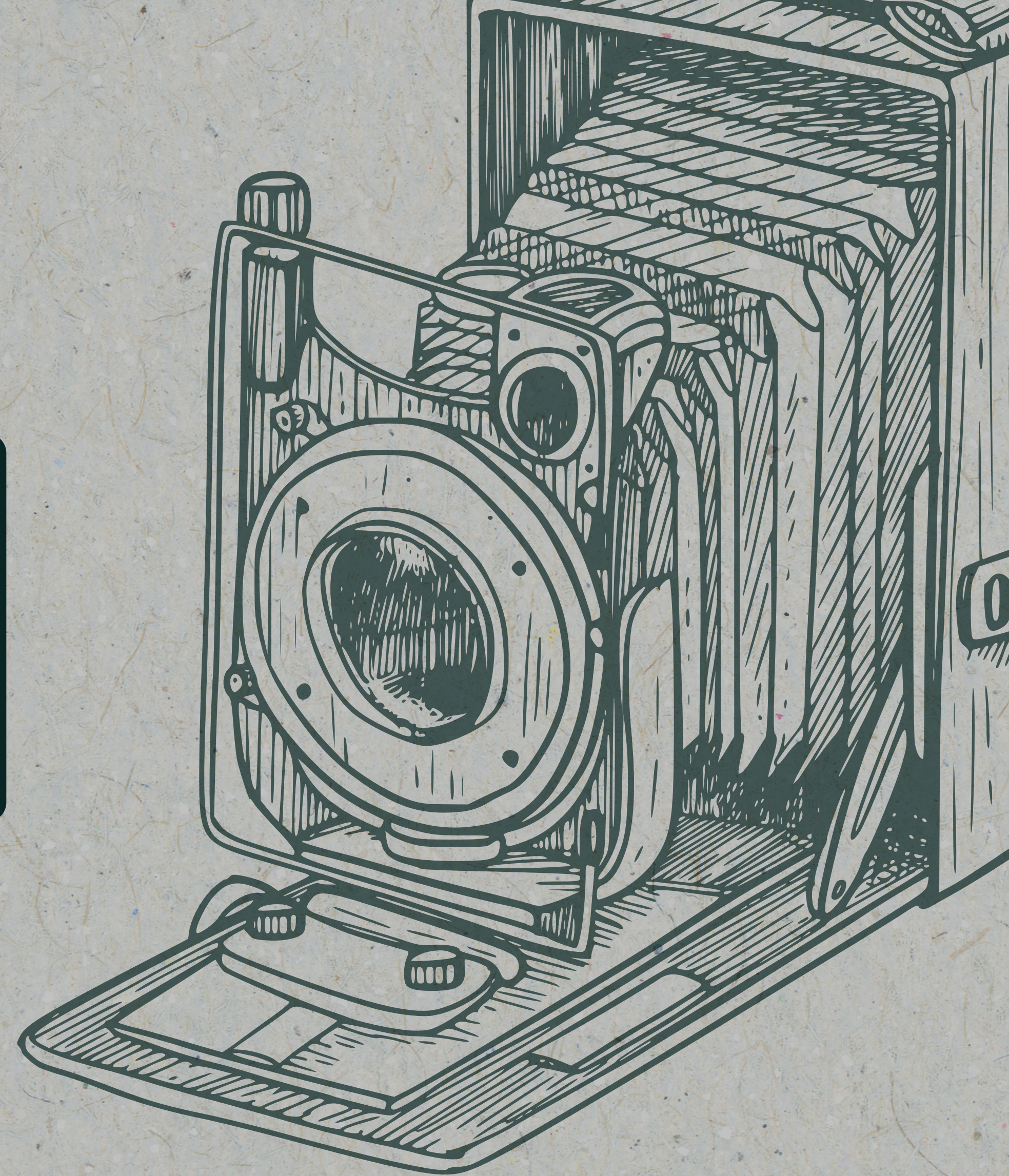
Atividades:

- Peça aos alunos pesquisarem sobre um monumento histórico em sua cidade.
- Após trazerem o resultado da pesquisa para a sala, converse sobre a importância dos monumentos na memória coletiva do lugar.
- Monumentos podem ser modificados (ou ter seus significados mudados) à medida que a sociedade muda?

A torre Eiffel e o Reichstag poderiam ter significados diferentes a depender de quem se apropriava deles.

Monumentos erguidos pelos nazistas, por exemplo, tiveram que ser retirados ou ressignificados após a guerra. Outro exemplo interessante é a uma estátua no ditador Stroessner, no Paraguai. Após a ditadura, a estátua foi fragmentada e um novo monumento foi feito, retratando a estátua sendo “esmagada”.

- Apresente as duas fotos propostas desta atividade e destaque o simbolismo de ambos os monumentos – a Torre Eiffel e o Reichstag (parlamento alemão).
- Há diferença entre a torre Eiffel com ou sem Hitler e o Reichstag com ou sem a bandeira soviética?
- Nas fotos, há uma tentativa de se apropriar desses monumentos. Quem pode se apropriar de monumento? Para quem eles têm significado?
- A partir da discussão e, considerando o conceito de monumento descrito acima, os alunos podem construir um protótipo de monumento de algum momento importante na história atual.



Ensino Fundamental II

Foto: Os irmãos Bielski

Apresente a imagem, leia o texto-base com os alunos e promova as discussões propostas abaixo.

Tópicos de discussões:

- O que é possível perceber por meio da imagem?
- O que você sabe sobre o período apresentado?
- Você já conhecia sobre os partisanos?
- O que vocês sentem a partir do texto e da imagem?

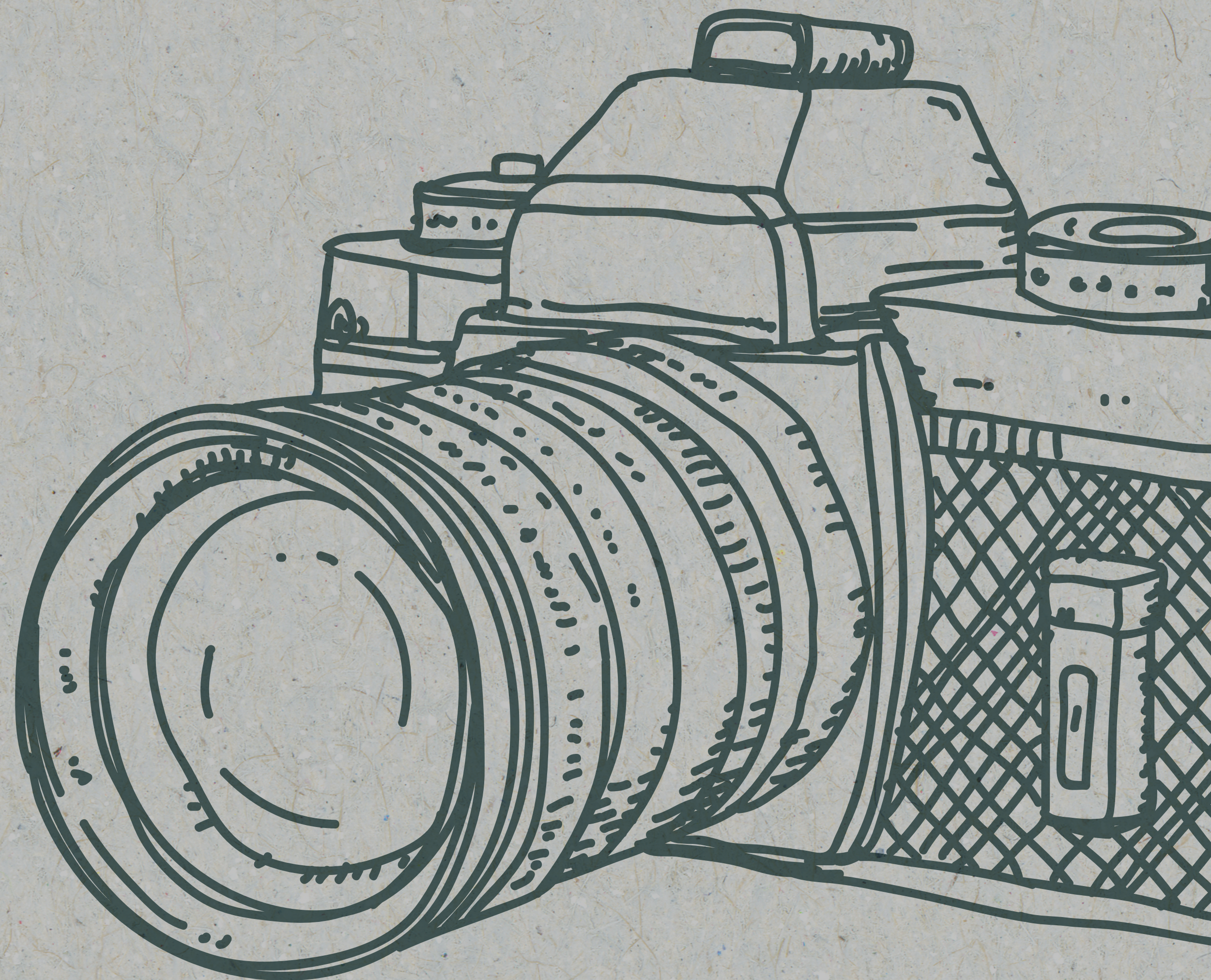
Com a leitura do texto deste material, é possível perceber que, além de toda resiliência e resistência dos irmãos Bielski e dos outros partisanos de seu grupo, suas principais ações giravam em torno da **solidariedade**.

Tópicos de discussões:

- Vocês concordam que houve ações de solidariedade nas ações dos irmãos Bielski? Se sim, por quê?
- Para vocês, o que é solidariedade?
- Vocês acreditam que a solidariedade está relacionada com os direitos humanos? Se sim, por quê?
- Quais ações podem ser consideradas solidárias?
- Vocês já participaram de alguma ação solidária?

Atividades:

- Separe a turma em grupos, peça para que cada grupo pesquise ações solidárias vinculadas a alguma instituição que ocorra em seu bairro ou cidade. Cada grupo deverá apresentar para o restante da turma a prática solidária escolhida, demonstrando seus objetivos, como ocorre e o público atendido.
- Promova uma discussão com toda a turma sobre as ações encontradas e as possibilidades de participação dessas ações e/ou criar novas atividades solidárias, tendo em vista a criação e realização de campanhas dentro da comunidade escolar.



Ensino Fundamental II

Fotos: O homem que se recusou a saudar o ditador
A rendição no gueto de Varsóvia
O menino do gueto de Varsóvia

Objetivos:

- Discutir com os alunos o conceito de resistência.
- Diferenciar a resistência armada de outras maneiras de resistência.
- Distribuir e ler o poema "Resistiu", de Haim Guri.

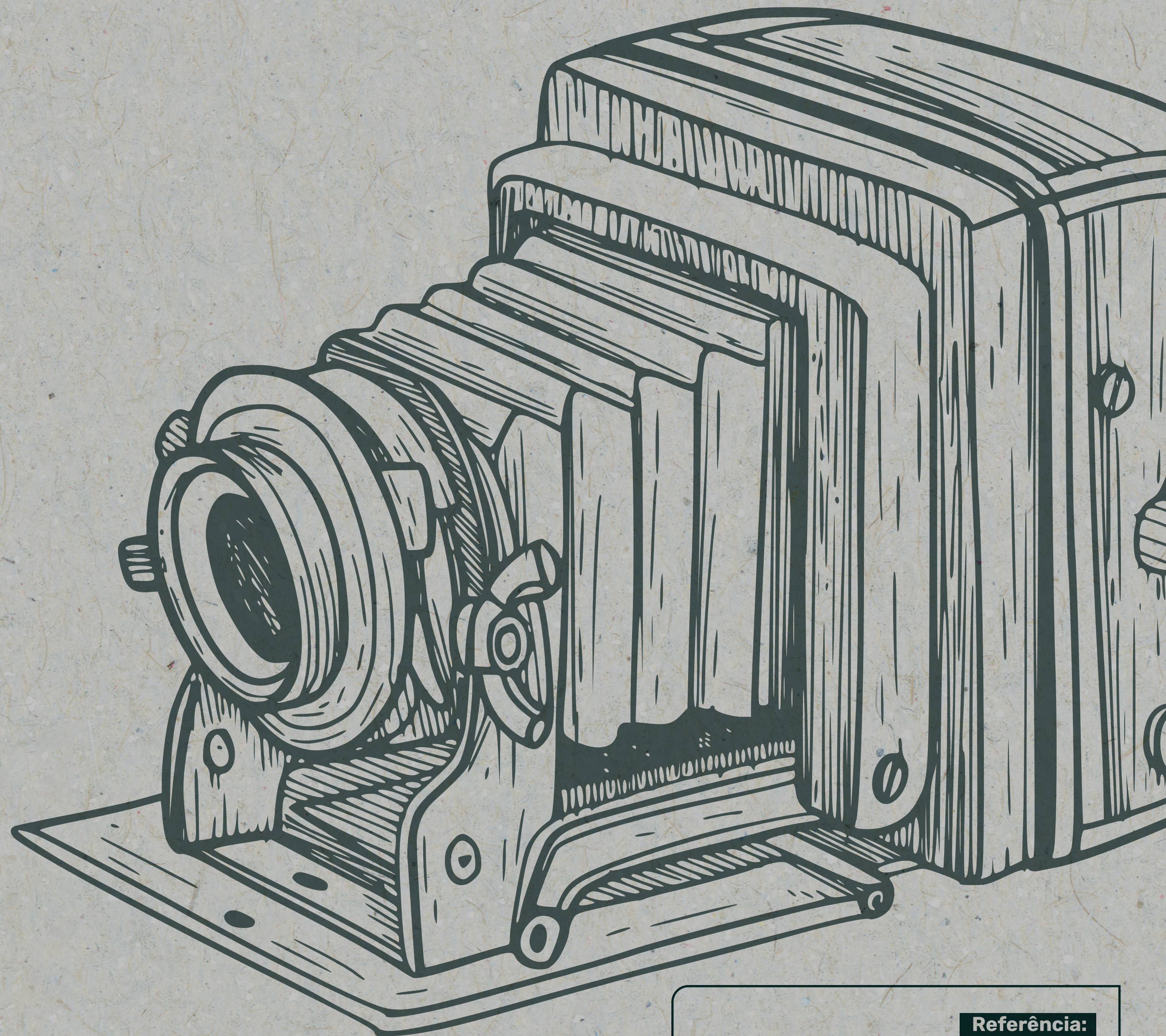
Resistiu

*Resistiu quem se dedicou ao contrabando de pão.
Resistiu quem educou em segredo.
Resistiu quem escreveu e distribuiu uma revista clandestina que alertou.
Resistiu quem escondeu um Sefer Torá.
Resistiu quem falsificou documentos "arianos" e com isso outorgou a vida.
Resistiu quem ajudou os perseguidos a fugir de país em país.
Resistiu quem escreveu o acontecimento e o enterrou na terra.
Resistiu quem ajudou a quem precisava mais que a si mesmo.
Resistiu quem disse uma palavra quando o outro aproximava-se da morte.
Resistiu quem se levantou frente a seus assassinos com as mãos vazias.
Resistiu quem passou ordens, mensagens e armas.
Resistiu quem sobreviveu.
Resistiu quem lutou nas ruas, nas montanhas e nos bosques.
Resistiu quem se levantou nos campos de extermínio.
Resistiu quem se sublevou nos guetos, entre muros destruídos, na sublevação
mais desesperada que conheceu o homem em sua vida.*

Haim Guri

Encaminhamento metodológico:

- Proponha ao grupo de alunos a discussão sobre o que é, para eles, resistência.
- Peça que relatem alguma situação que já ouviram relacionada a este termo.
- Apresente as fotos e pergunte a eles se elas podem ser relacionadas com a resistência.
- Discuta o poema "Resistiu" de Haim Guri. O que seria resistir no período do Holocausto? E nos dias atuais?
- Como produto, sugira que os alunos criem um símbolo de resistência para algum tema atual em nossa sociedade.

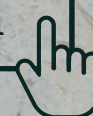


Referência:

REISS, Carlos. Luz sobre o caos: educação e memória do Holocausto. Rio de Janeiro: Imprimatur, 2018.

Ensino Fundamental II

Foto: A Conferência de Yalta



Apresente a imagem e leia o texto-base com a turma.

Tópicos de discussões:

- Vocês já conheciam sobre a Conferência de Yalta?
- Qual foi a relevância desta Conferência para a criação de instituições democráticas?
- Vocês conhecem a ONU e como foi fundada?

Material complementar a ser distribuído aos alunos antes das discussões:

Carta das Nações Unidas

Preâmbulo da Carta da ONU

NÓS, OS POVOS DAS NAÇÕES UNIDAS, RESOLVIDOS

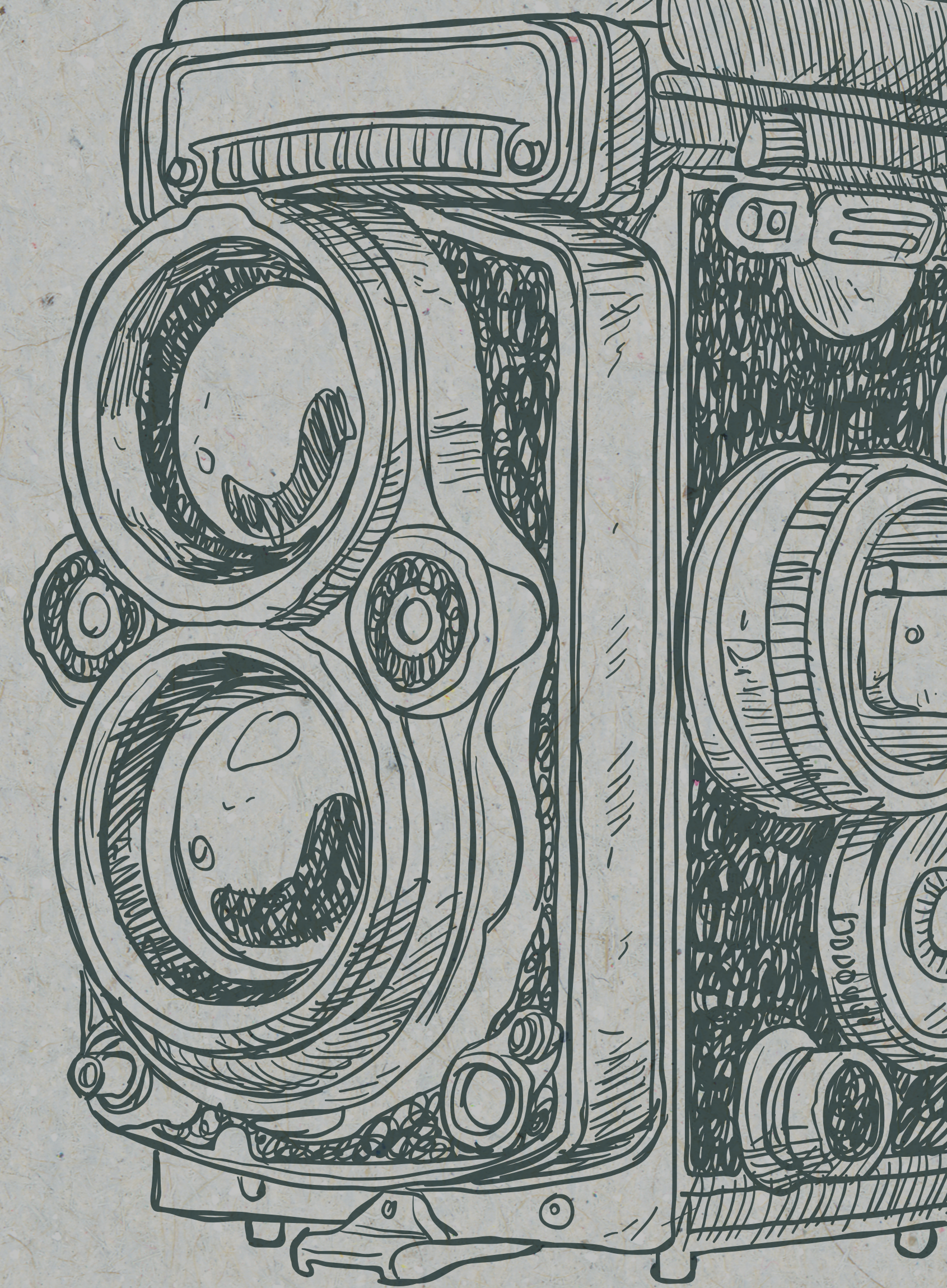
a preservar as gerações vindouras do flagelo da guerra que por duas vezes, no espaço da nossa vida, trouxe sofrimentos indizíveis à humanidade, e a reafirmar a fé nos direitos fundamentais do homem, na dignidade e no valor do ser humano, na igualdade de direito dos homens e das mulheres, assim como das nações grandes e pequenas, e a estabelecer condições sob as quais a justiça e o respeito às obrigações decorrentes de tratados e de outras fontes do direito internacional possam ser mantidos, e a promover o progresso social e melhores condições de vida dentro de uma liberdade ampla.

E PARA TAIS FINS,

praticar a tolerância e viver em paz, uns com os outros, como bons vizinhos, e unir as nossas forças para manter a paz e a segurança internacionais, e a garantir, pela aceitação de princípios e a instituição dos métodos, que a força armada não será usada a não ser no interesse comum, a empregar um mecanismo internacional para promover o progresso econômico e social de todos os povos.

RESOLVEMOS CONJUGAR NOSSOS ESFORÇOS PARA A CONSECUÇÃO DESSES OBJETIVOS

Em vista disso, nossos respectivos Governos, por intermédio de representantes reunidos na cidade de São Francisco, depois de exibirem seus plenos poderes, que foram achados em boa e devida forma, concordaram com a presente Carta das Nações Unidas e estabelecem, por meio dela, uma organização internacional que será conhecida pelo nome de Nações Unidas.



Tópicos de discussões:

- Qual a importância de se estabelecer instituições que garantam a paz e a democracia?
- A partir do trecho que abre a Carta das Nações Unidas, você acredita que a ONU conseguiu cumprir seus objetivos?
- Alguém conhece como a ONU opera atualmente?

Ensino Fundamental II

Foto: A Conferência de Yalta

Agenda 2030 e os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável

Em uma Assembleia Geral das Nações Unidas, realizada em setembro de 2015, em Nova York, com a participação de 193 países, foi definido um plano global para atingirmos em 2030 um mundo melhor para todos os países e nações. Este plano ficou conhecido como Agenda 2030, que com os seus cinco pilares, compõem os 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS). De forma ambiciosa, a Agenda 2030, em conjunto com os ODS, tem como meta promover os direitos humanos, a sustentabilidade, a inclusão social, proteção ambiental e acabar com a pobreza de forma colaborativa, envolvendo os diversos setores da sociedade global, como governos, lideranças políticas, sociedade civil e empresas públicas e privadas para estabelecer um futuro melhor.

- Assistir ao vídeo:

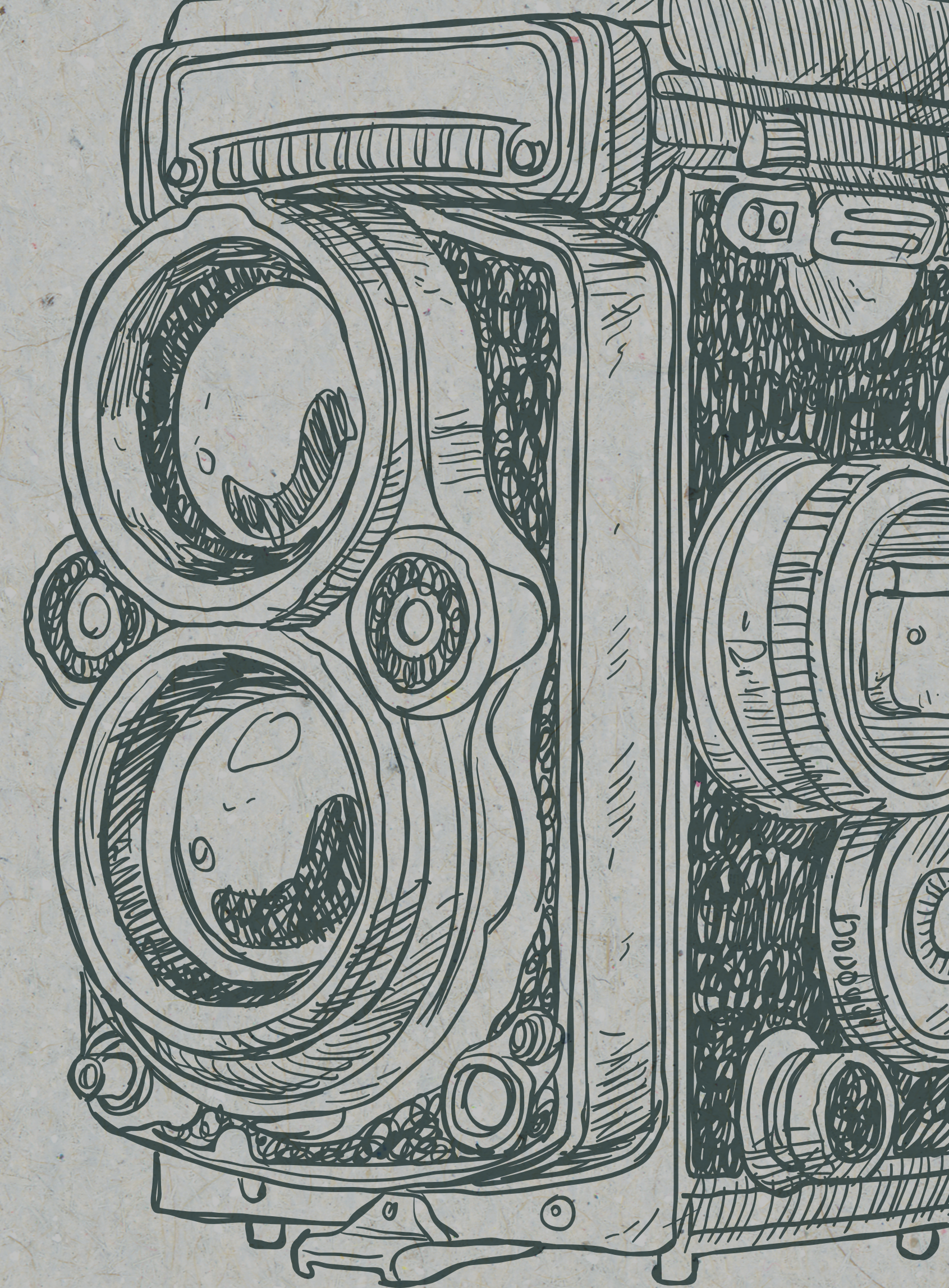
O que é a Agenda 2030?

Tópicos de discussão:

- *Você acredita que esses objetivos estabelecidos são importantes? Por quê?*
- *Você acha que a sua cidade está abraçando a sustentabilidade para atingir os objetivos de desenvolvimento sustentável da ONU? Se sim, o que ela tem feito?*
- *Você conhece instituições e movimentos que abraçam esses objetivos?*

Atividade:

- Tendo em vista que os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável não são atividades restritas só a instituições governamentais, separe a turma em grupos.
- Sugira que pesquisem instituições, movimentos e organizações da sua região que atuam para garantir os direitos fundamentais e os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável no Brasil.
- Eles devem apresentar o resultado da pesquisa para o restante da turma.



Referências:

<https://unsdg.un.org/2030-agenda>
<https://portal.stf.jus.br/hotsites/agenda-2030/>
<https://unric.org/pt/historia-da-onu/>

Ensino Médio

Foto: O saque ao Instituto de Ciências Sexuais

Com a imagem proposta e seu texto-base, é possível compreender que o Instituto de Ciências Sexuais criado pelo professor Magnus Hirschfeld além de lutar pelos direitos do público que hoje chamamos de LGBTQIA+, foi um Instituto Científico que, por conta do preconceito, foi perseguido e desmantelado.

Tópicos de discussão:

- Por que o Instituto foi perseguido?
- O Instituto de Magnus Hirschfeld teria sido o único a ser perseguido ao longo da História?
- Será que ainda existem institutos que são perseguidos por conta de seus focos de pesquisa?

Atividade:

Em uma audiência pública realizada em 2021, cientistas realizaram denúncias a respeito de cortes de verbas e desqualificação profissional a pesquisadores e institutos científicos.

Assista ao vídeo:

Cientistas acusam governo de censura e intimidação - 15/06/21

- Quais são os riscos e consequências da censura a institutos científicos?
- É possível que haja algum interesse em censurar pesquisas e institutos científicos?
- A partir do vídeo apresentado, pesquise exemplos de pesquisas, pesquisadores ou institutos científicos que foram/são perseguidos, destacando as razões, a quem interessa e os riscos desta perseguição.

Referência:

<https://www.camara.leg.br/noticias/772494-entidades->



Ensino Médio

Fotos: O álbum de Karl Höcker
O álbum de Auschwitz

Foto como forma de desmistificar a ideia de que apenas um monstro seria capaz de fazer algo ruim, trazendo como fontes: bibliografias, trechos de filmes como “Hannah Arendt”, “Relato Final” e “Zona de Interesse”. O objetivo é mostrar certa dualidade: é possível serem pessoas amigáveis, mas ao mesmo tempo fazerem coisas ruins?

Atividade:

- Separar a turma em quatro grupos. Em seguida entregar um envelope para cada grupo contendo as duas fotos.
- Cada grupo deverá observar as imagens que se encontram dentro do envelope, a partir das imagens, os integrantes do grupo deverão realizar em conjunto inferências a respeito do contexto das fotografias.
- A partir das inferências realizadas, sob mediação do professor, os grupos deverão apresentar as hipóteses levantadas.
- Em seguida apresente também, o trecho do livro de Hannah Arendt, “Eichmann em Jerusalém”.
- Após as discussões em grupo, a turma deverá ser reunida e cada grupo deverá expor para o restante o que descobriram sobre cada fotografia e contexto.

Hannah Arendt, em seu livro “Eichmann em Jerusalém”, desenvolve o conceito de “Banalidade do Mal” a partir da análise do julgamento do nazista Adolf Eichmann, responsável pela deportação e transporte de milhares de judeus para campos de extermínio.

Eichmann foi preso na Argentina e julgado em Jerusalém. Em seu julgamento, ele defendia que não era responsável pelas mortes dos judeus transportados, justificando que só seguia ordens. Para Arendt, a realização de ordens sem se pesar as consequências de seus atos, nos afastando da nossa capacidade de pensar, valorizando apenas nossa obediência, cria-se condições para que se torne possível a “Banalidade do mal”. De acordo com Arendt:

Se o acusado se desculpa com base no fato de ter agido não como homem, mas como mero funcionário cujas funções podiam ter sido facilmente realizadas por outrem, isso equivale a um criminoso que apontasse para as estatísticas do crime – que determinou que tantos crimes por dia fossem cometidos em tal e tal lugar – e declarasse que só fez o que era estatisticamente esperado, que foi um mero acidente ele ter feito o que fez e não outra pessoa, uma vez que, no fim das contas, alguém tinha de fazer aquilo. – Pg. 173

Perguntas:

- O que as imagens têm em comum?
- É possível perceber indiferença nas imagens?
- Será que a maldade só surge em pessoas maldosas?
- Quais são os riscos de se seguir a regras sem ações reflexivas?
- Existe responsabilidade pela vida do próximo?
- Quais são os riscos da apatia?
- Como evitar que o mal não se transforme em rotineiro?

Atividade:

- O mesmo grupo deverá escrever um texto que exemplifique essa discussão. Em seguida, procurar em jornais e revistas na internet, notícias e imagens para complementar o texto. Por fim, apresentar ao restante da turma.

Referência:

ARENDR, Hannah.
Eichmann em Jerusalém: Um relato sobre a banalidade do mal. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.



Ensino Médio

Foto: As fotografias do Sonderkommando 

A fotografia como forma de denúncia social

Apresente as imagens e seu texto-base, iniciando as discussões em seguida.

Tópicos de discussão:

- Sobre o que se tratam as fotografias?
- Vocês já conheciam sobre o período apresentado?
- O que é resistência? Que atos podem ser considerados resistência?
- Qual foi o papel da fotografia para o ato de resistência dos Sonderkommandos?

Leia o trecho abaixo:

É a fotografia um intrigante documento visual cujo conteúdo é a um só tempo revelador de informações e detonador de emoções. Segunda vida perene e imóvel preservando a imagem-miniatura de seu referente: reflexos de existências /ocorrências conservados congelados pelo registro fotográfico. Conteúdos que despertam sentimentos profundos de afeto, ódio ou nostalgia para uns, ou exclusivamente meios de conhecimento e informação para outros que os observam livres de paixões, estejam eles próximos ou afastados do lugar e da época em que aquelas imagens tiverem origem. Desaparecidos os cenários, personagens e momentos, sobrevivem, por vezes, os documentos.

Boris Kossoy

Atividade:

Como observado no texto-base, em conjunto com a resistência polonesa, os Sonderkommandos buscaram, por meio da fotografia, informar a população sobre que ocorria e testemunharam nos campos.

A fotografia é uma importante ferramenta para documentar, registrar e informar, sendo uma de suas correntes a fotografia crítica e de denúncia social. Ela busca promover a denúncia, a reflexão de questões que permeiam a sociedade e que por meio dela sejam possíveis ações para que haja transformações sociais. São presentes entre os temas das fotografias de denúncia social: migração, exploração de trabalho, pobreza, desigualdade de gênero, discriminação social, questões ambientais, mudanças climáticas, entre outros.

- Considerando a ação dos Sonderkommandos e o papel da fotografia de denúncia social, separe a turma em pequenos grupos.
- Em primeiro momento, sugira que cada grupo pesquise fotografias de denúncias sociais da atualidade e apresente para a turma a fotografia selecionada e seus objetivos.
- A partir das apresentações, como produto final, cada grupo deverá refletir acerca de um tema para produzir uma fotografia de denúncia social e apresentar para o restante da turma, como sugestão de temas: questões próximas aos estudantes, à comunidade escolar, ao bairro, à cidade, dentre outros.



Referência:

BONI, Paulo César. O nascimento do fotodocumentarismo de denúncia social e seu uso como "meio" para transformações na sociedade. *Studium*, Campinas, SP, n. 28, p. 159-173, 2009.
Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/studium/article/view/12365>
KOSSOY, Boris. Realidades e ficções na trama fotográfica. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2009.

Ensino Médio

Foto: A liberação de Buchenwald



Objetivo:

- Problematizar as diversas narrativas que compõem a mesma memória;
- Compreender a memória e grupos humanos como forma de posicionamentos perante o mundo e análises críticas do mundo;
- Estudantes constatarem que é possível por meio de análise da memória combater o negacionismo;

Encaminhamento metodológico:

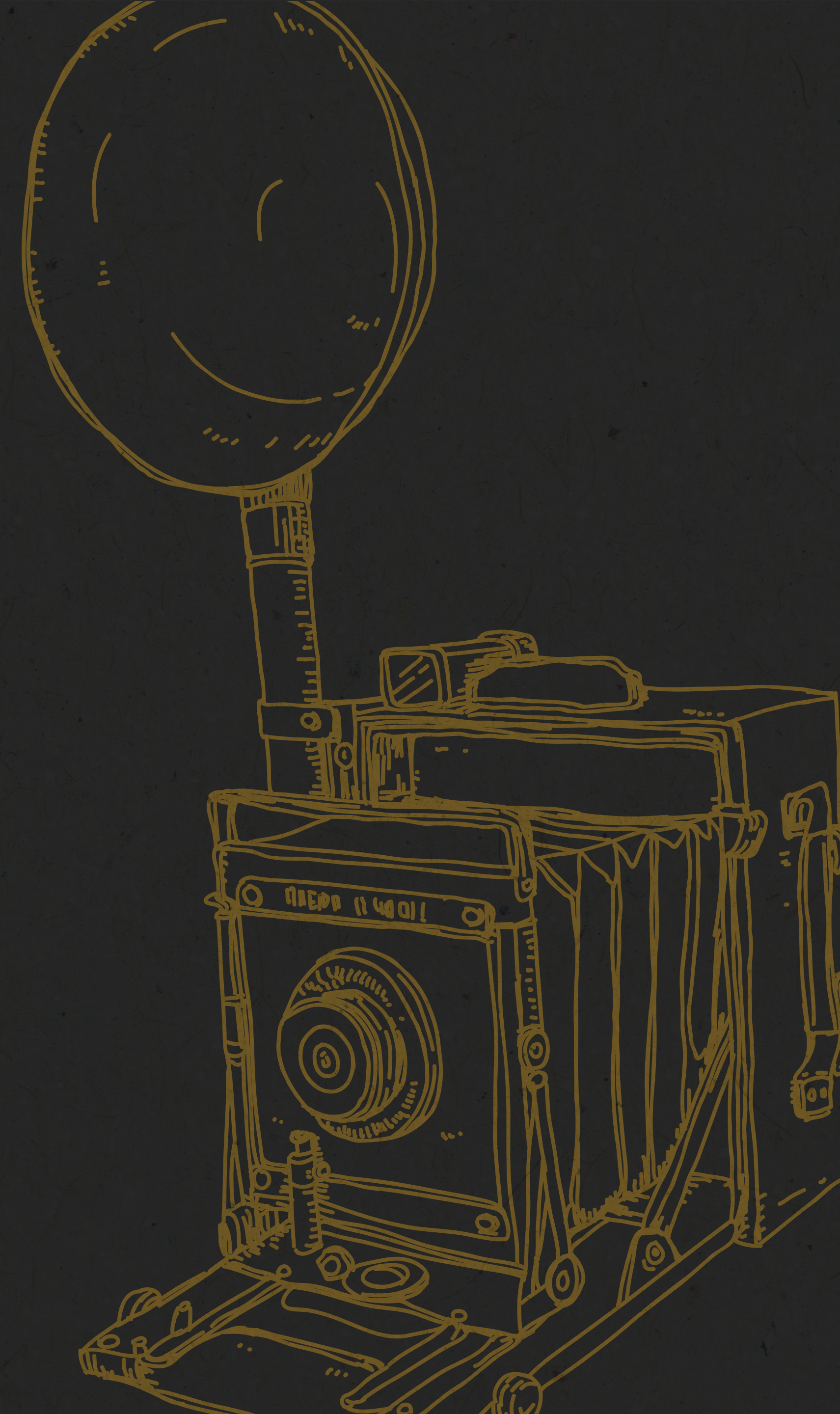
Em primeiro momento, apresentar a imagem da liberação do campo nazista de Buchenwald. Discutir os seus elementos, tais como contexto, quem seriam as pessoas que estão presentes na imagem, porque estariam ali. Quem poderia ter tirado esta fotografia? Alguém já conhecia? Em seguida, mostrar texto que acompanha imagem como forma de trazer mais informações. Perguntar se alguém conhece Elie Wiesel e porque ele é relevante para conversar sobre o Holocausto. Explicar quem foi Elie Wiesel. Em seguida, apresentar o discurso escrito por Wiesel na carta em que ele aceita receber o prêmio Nobel da Paz, em 1986.

Discurso Elie Wiesel ao aceitar o prêmio de Nobel da paz

“(...) Tentei manter a lembrança viva, que tentei lutar contra aqueles que se esqueceriam. Porque se nos esquecermos, seremos culpados, seremos cúmplices. Então expliquei a ele como éramos ingênuos, que o mundo não sabia e permaneceu em silêncio. E que é por isso que jurei nunca ficar em silêncio quando e onde quer que seres humanos passem por sofrimento e humilhação. Devemos sempre apoiar os lados. A neutralidade ajuda o opressor, nunca a vítima. O silêncio encoraja o atormentador, nunca o atormentado.”

Tópicos de discussão:

- Por que o autor demonstra que o esquecimento nos torna culpados?
- Por que é importante construirmos uma memória?
- O que torna uma memória confiável?
- O que legitima uma memória? Alguém que vivenciou? Foi testemunha?



Ensino Médio

Foto: A liberação de Buchenwald



“A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações”.

NORA, Pierre. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. Projeto História. São Paulo: Editora da PUC, n.10, dez.1993, p.7-28.

Tópicos de discussão:

- Essa memória está em diálogo com a História?
- A História/Ciência contesta essa memória?
- O que é negacionismo?
- Qual a diferença entre as várias interpretações da memória e os negacionismos?
- De que forma a memória contribui no combate ao negacionismo?
- Por que é importante construir (discutir) constantemente a memória?
- Será que esse é o único negacionismo presente?
- Dê exemplos de negacionismo.

Atividade:

- Pesquise exemplos de negacionismo presentes em nosso cotidiano.
- Escreva um texto sobre o escolhido, destacando as narrativas que permeiam este acontecimento e demonstrando quem defende essa narrativa e qual seu interesse em defendê-la.
- Por fim, de forma crítica, apresente uma breve análise sobre o assunto escolhido.
- Produzir um cartaz, vídeo, poema, música ou pintura que informe acerca do tema escolhido e apresente ao restante da turma.

Referências:

Elie Wiesel - USHMM

NORA, Pierre. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. Projeto História. São Paulo: Editora da PUC, n.10, dez.1993, p.7-28.



Ensino Médio

Foto: O julgamento de Nuremberg

Dentre os julgamentos realizados no pós-guerra na cidade alemã de Nuremberg, destaca-se o dos médicos nazistas, julgados por “assassinatos, torturas e outras atrocidades cometidas em nome da ciência médica”. Chamado popularmente de “Processo contra os médicos”, este foi o primeiro dos doze julgamentos por crimes de guerra organizados pelas autoridades dos Estados Unidos. No total, vinte médicos e três administradores da área médica foram julgados. Dos réus, dezesseis foram considerados culpados. Destes dezesseis, sete foram sentenciados à morte por haverem planejado e realizado experiências em seres humanos à sua revelia.

A partir dos relatos apresentados no tribunal acerca de experiências desenvolvidas por médicos com prisioneiros, foi criado, em 1947, um conjunto de princípios éticos chamado de **Código de Nuremberg** – que, juntamente com a Declaração de Helsinki e as Diretrizes para Pesquisa em Seres Humanos do Conselho Internacional de Organizações de Ciências Médicas, fundamentam a ética moderna e o princípio da autonomia em pesquisa com seres humanos.

Princípios éticos fundamentais presentes no Código de Nuremberg:

- 1. Consentimento voluntário:** Nenhum experimento deve ser realizado sem o consentimento voluntário e informado do indivíduo envolvido. Isso significa que a participação em qualquer pesquisa deve ser baseada em uma decisão livre e esclarecida, sem qualquer forma de coerção ou manipulação.
- 2. Benefícios para a sociedade:** A pesquisa deve ter um propósito social importante. Os riscos envolvidos devem ser proporcionais aos benefícios esperados para a sociedade.
- 3. Base científica sólida:** Todo experimento deve ser baseado em um conhecimento científico sólido e ser conduzido de forma a evitar qualquer sofrimento desnecessário ou risco para os participantes.
- 4. Experimentos evitáveis:** Experimentos que possam ser evitados ou substituídos por outros métodos menos invasivos devem ser evitados. Se existirem procedimentos alternativos, eles devem ser utilizados em vez de experimentos em seres humanos.
- 5. Riscos minimizados:** Os riscos envolvidos na pesquisa devem ser minimizados, através do uso de métodos e procedimentos que reduzam ao máximo o risco de danos físicos ou psicológicos aos participantes.

6. Preparação adequada: Os pesquisadores devem estar devidamente qualificados e preparados para realizar a pesquisa, a fim de garantir a segurança e o bem-estar dos participantes.

7. Liberdade de retirada: Os participantes têm o direito de interromper sua participação na pesquisa a qualquer momento, sem qualquer penalidade ou consequência negativa.

8. Proteção dos participantes: Todas as medidas devem ser tomadas para proteger a saúde, bem-estar e dignidade dos participantes durante a pesquisa. Se surgirem riscos inesperados ou danos, a pesquisa deve ser encerrada imediatamente.

9. Revisão independente: A pesquisa deve ser submetida a uma revisão ética independente antes do início do experimento, a fim de garantir que todos os princípios éticos sejam respeitados.

10. Preparação de relatórios: Os resultados da pesquisa devem ser apresentados de forma clara e precisa, permitindo que sejam avaliados por outros pesquisadores e pela comunidade científica em geral.

Ensino Médio

Foto: O julgamento de Nuremberg

Material complementar:

O caso Prevent Senior e o Código de Nuremberg

Museu do Holocausto de Curitiba. 2021.

Atividade:

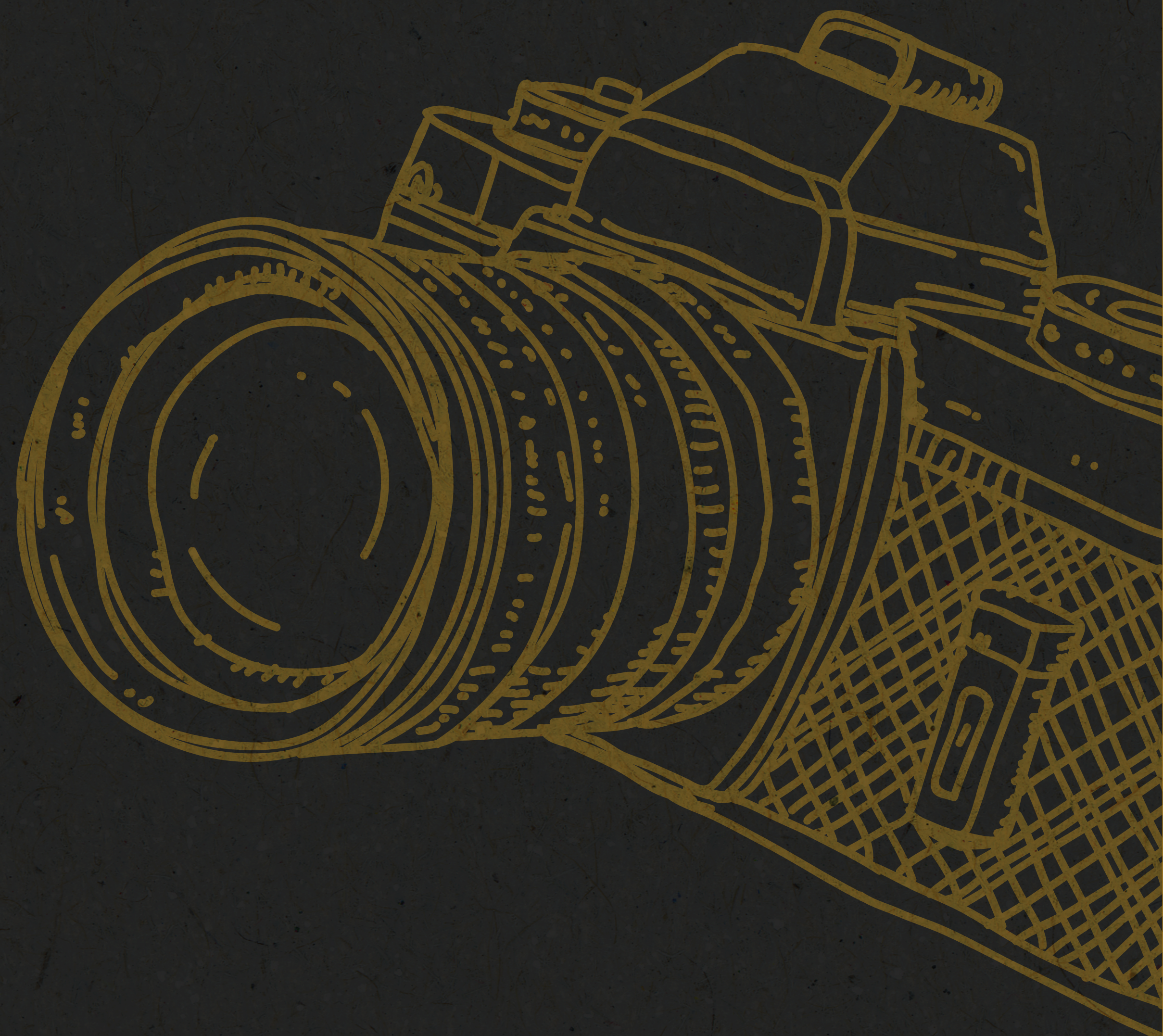
- A partir das informações acima, apresente aos estudantes a Lei Federal nº 14.874/24, que trata sobre a pesquisa com seres humanos e institui o Sistema Nacional de Ética em Pesquisa com Seres Humanos no Brasil.
- Proponha ao grupo que localize os princípios éticos do Código de Nuremberg presentes na lei brasileira.
- Solicite aos estudantes que tragam para a sala de aula matérias de jornais que tratam de violações desses princípios nos dias de hoje.
- Dando continuidade às atividades relacionadas ao tema, questione os estudantes sobre o que pensam acerca do uso de dados obtidos em experiências nazistas serem utilizados atualmente na medicina.
- Sabendo que muitas doenças levam os nomes dos responsáveis por suas descobertas, questione os estudantes se é possível que alguma enfermidade tenha o nome de médicos ligados ao nazismo. Proponha aos estudantes que pesquisem sobre nomes de doenças ligados à medicina nazista e produzam um minidoc com as informações obtidas.
- Construa com os estudantes um roteiro de entrevista a ser feito com um médico, um enfermeiro ou agente da unidade de saúde local, a fim de que se possa ampliar a discussão das questões éticas na saúde pública.

Referências:

CAPLAN, Arthur L. Quando a Medicina Enlouqueceu: A Bioética e o Holocausto. Inst. Piaget, 1997.

LIFTON, Robert J. The Nazi doctors: medical killing and the psychology of genocide. London: Macmillan; 1986.

POSNER, Gerald L; WARE, John. Mengele: A História Completa do Anjo da Morte de Auschwitz. Cultrix; 1ª edição, 2019.



Referências Bibliográficas

Livros e artigos

ARENDR, Hannah. Eichmann em Jerusalém: Um relato sobre a banalidade do mal. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

BAUER, Heike. Burning sexual subjects: books, homophobia and the Nazi destruction of the Institute of Sexual Sciences in Berlin. In: Partington, G. and Smyth, A. (eds.) Book Destruction from the Medieval to the Contemporary. Basingstoke, UK: Palgrave Macmillan, 2014, pp. 17-33. Disponível em <https://eprints.bbk.ac.uk/id/eprint/10089/1/BurningSexualSubjects.pdf>

BEEVOR, Antony. Berlim 1945: A queda. São Paulo: Record, 2015.

BONI, Paulo César. O nascimento do fotodocumentarismo de denúncia social e seu uso como “meio” para transformações na sociedade. Studium, Campinas, SP, n. 28, p. 159-173, 2009. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/studium/article/view/12365>.

BRINK, Cornelia. Looking at Photographs from Nazi Concentration Camps. History and Memory, v. 12, n. 1, pp. 135-150, 2000.

BRUTTMANN Tal, KREUTZMÜLLER Christoph, HÖRDLER Stefan, The “Auschwitz Album”: Between object and historical document, Vingtième Siècle. Revue d’histoire, n. 139, 2018, pp. 22-44. Disponível em : <https://www.cairn-int.info/journal-vingtieme-siecle-revue-d-histoire-2018-3-page-22.htm>

CORRÊA, Luís Rafael Araújo. Quem era o homem que se recusou a saudar Hitler? Online. História em Rede: Medium, 17 de jul de 2019. Disponível em <https://historiaemrede.medium.com/quem-era-o-homem-que-se-recusou-a-saudar-hitler-e18aa2c6eff#>

DEVULDER, Valentine. Die fotografische Inszenierung des Verbrechens. Ein Album aus Auschwitz / Das Höcker-Album. Auschwitz durch die Linse der SS. Revue de l'IFHA, 18 de out 2000. Disponível em <https://journals.openedition.org/ifha/10862>

DIDI-HUBERMAN, Georges. Cascas. São Paulo: Editora 34, 2017.

DIDI-HUBERMAN, Georges. Imagens apesar de tudo. São Paulo: Editora 34, 2020.

DUFFY, Peter. Os irmãos Bielski. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

FELDMAN, Ilana. Imagens apesar de tudo: problemas e polêmicas em torno da representação, de “Shoah” a “O filho de Saul”. ARS (São Paulo), [S. l.], v. 14, n. 28, p. 135-153, 2016. Disponível em <https://www.scielo.br/j/ars/a/H3rP3cZq5mDMY8BHwWH9cbB/>

FERRAZ, Francisco Cesar. A Segunda Guerra Mundial. São Paulo: Contexto, 2022.

GARAEV, Polina. 4 survivors pose with iconic Auschwitz photo. Ynetnews, Jewish World, online. Israel, 27 de jan 2015. Disponível em <https://www.ynetnews.com/articles/0,7340,L-4619867,00.html>

GRAIF, Gideon. We Wept Without Tears: Testimonies of the Jewish Sonderkommando from Auschwitz. Yale University Press, 2005.

GUTMAN, Israel; GUTTERMAN, Bella (eds.). The Auschwitz Album: The Story of Transport. Jerusalem: Yad Vashem, 2008.

HALL, Alan. The horrific reminders. Sunday Express. Newspaper. Londres, 17 de agosto de 2008. Disponível em <https://www.pressreader.com/uk/sunday-express-1070/20080817/283781374673752>

JELINIK, Yeshayahu A. The Carpathian Diaspora: The Jews of Subcarpathian Rus’ and Mukachevo, New York, 2008.

JUDT, Tony. Pós-guerra: uma história da Europa desde 1945. São Paulo: Objetiva, 2008.

KLARSFELD, Serge (ed.). The Auschwitz Album. Lilly Jacob's Album, New-York, 1980.

KOSSOY, Boris. Realidades e ficções na trama fotográfica. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2009.

LAU, Meir. Lúlek. A história do menino que saiu do campo de concentração para se tornar o Grão-Rabino de Israel. São Paulo: Maayanot, 2011.

LLOYD, Alexandra. Defeying Hitler: the White Rose Pamphlets. Oxford, U.K.: Bodleian Library, University of Oxford, 2022.

Referências Bibliográficas

Livros e artigos

LONGERICH, Peter. Joseph Goebbels: uma biografia. 1.ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014.

MAIA, Amanda. Um clique que eternizou o ódio. Cultura Fotográfica (blog), 8 de dez de 2022. Disponível em: <https://culturafotografica.com.br/um-clique-que-eternizou-o-odio/>

MANÁEV, Gueórgui. #fakenews: Icônica foto do Estandarte da Vitória sobre o Reichstag foi encenada. Russia Beyond, blog. 30 de ago de 2019. Disponível em: <https://br.rbth.com/historia/82750-fake-news-iconica-foto-bandeira-vermelha-reichstag>

MASSON, Philippe. A Segunda Guerra Mundial: História e Estratégias. São Paulo: Contexto, 2011.

MAUD, Ana Maria. Através da imagem: fotografia e história-interfaces. Tempo, Rio de Janeiro, vol. 1, n.º. 2, 1996, p. 73-98.

MILTON, Sybil. Photography as evidence of the Holocaust. History of Photography, v. 23, n. 4, pp. 303-312, 1999.

MILITARY HISTORY MATTERS. Behind the image - 'Forcibly Pulled Out of Dug-outs'. Military History Monthly, Issue 26. Disponível em <https://www.military-history.org/behind-the-image/behind-the-image-forcibly-pulled-out-of-dug-outs.htm>

MUNIZ, Cellina Rodrigues (Org.). Fanzines: Autoria, Subjetivo e Invenção de Si. Fortaleza: Edições UFC, 2010.

NASCIMENTO, Fernanda de S. Soldado Francisco de Paula: a Artilharia na FEB. Blog Memórias do Front, 2008. Disponível em <https://memoriasdofront.blogspot.com/2008/08/soldado-francisco-de-paula-artilharia.html>

NARDO, Don. Hitler in Paris: How a Photograph Shocked a World at War. North Mankato, Minn.: Compass Point Books, 2014.

NORA, Pierre. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. Projeto História. São Paulo: Editora da PUC, n.10, dez.1993, p.7-28.

PENNA, João Camillo. "Representar o irrepresentável?". In: Sentido dos lugares. Abralic. Associação Brasileira de Literatura Comparada. Ata do XI Congresso Internacional Abralic 2006. Universidade Estadual do Rio de Janeiro, 2006.

PORAT, Dan. The Boy: a Holocaust story. New York: Hill and Wang, 2010.

RASKIN, Richard. A Child at Gunpoint. A Case Study in the Life of a Photo. Aarhus: Aarhus. University Press, 2004.

REISS, Carlos. Luz sobre o caos: educação e memória do Holocausto. Rio de Janeiro: Imprimatur, 2018.

ROZELL, Matthew A. A Train Near Magdeburg: A Teacher's Journey into the Holocaust and the Reuniting of the Survivors and Liberators, 70 Years On. Hartford, New York: Woodchuck Hollow Press, 2016.

SCHOLL, Inge. A Rosa Branca: A história dos estudantes alemães que desafiaram o nazismo. São Paulo: Editora 34, 2013.

SINGER, Saul Jay. The Nuremberg Photographer. The Jewish Express. Online. 25 de janeiro de 2023. Disponível em: <https://www.jewishpress.com/sections/features/features-on-jewish-world/the-nuremberg-photographer/2023/01/25/>

SODRÉ, Nelson Werneck. História Militar do Brasil. 2 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

STONE, Dan. The Sonderkommando Photographs. Jewish Social Studies, vol. 7, no. 3, 2001, pp. 131-48. JSTOR. Disponível em <http://www.jstor.org/stable/4467613>

TEC, Nechama. Um ato de liberdade: os guerrilheiros de Bielski. São Paulo: Record, 2009.

VISCONTI, Maria. "Não nos calaremos, somos a sua consciência pesada; a Rosa Branca não os deixará em paz!": Uma análise da resistência nos panfletos do grupo Rosa Branca. Revista Brasileira De História & Ciências Sociais, 8(16), 151-168. Disponível em <https://periodicos.furg.br/rbhcs/article/view/10656>

VISHNIAC, Roman. A vanished world. London: Penguin Books, 1986.

Referências Bibliográficas

Livros e artigos

WILKERSON, Isabel. Casta: as origens de nosso mal-estar. 1ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

WILKINSON, Alec. Picturing Auschwitz. A reporter at large. The New Yorker, 10 de mar de 2008. Disponível em <https://www.newyorker.com/magazine/2008/03/17/picturing-auschwitz>

WITTENSTEIN, George J. Memories of the White Rose. The History Place, 1997. Disponível em <https://historyplace.com/pointsofview/white-rose1.htm>

ZELIZER, Barbie. From the Image of Record to the Image of Memory: Holocaust Photography, Then and Now. In: BRENNEN, Bonnie; HARDT, Hanno (orgs.). Picturing the Past: Media, History, and Photography. Champaign: University of Illinois Press, 1999, pp. 98-121.

ZHANG, Michael. 'Eyes of Hate' Seen in Portrait of Nazi Politician by Jewish Photographer. PetaPixel, 31 de mar 2013. Disponível em <https://petapixel.com/2013/03/31/eyes-of-hate-captured-in-portrait-of-nazi-politician-by-jewish-photographer/>

Websites

AUSCHWITZ.NET - THE HÖCKER ALBUM - <https://auschwitz.net/the-hocker-album/>

BUCHENWALD AND MITTELBAU-DORA MEMORIAL FOUNDATION - <https://www.stiftung-gedenkstaetten.de/en/>

DIGITAL PUBLIC LIBRARY OF AMERICA - DPLA - <https://dp.la/>

HAARETZ - <https://www.haaretz.com/>

HUFFPOST - <https://www.huffingtonpost.co.uk/>

JSTOR - <https://daily.jstor.org/>

THE FLORIDA CENTER FOR INSTRUCTIONAL TECHNOLOGY - <https://fcit.usf.edu/holocaust/>

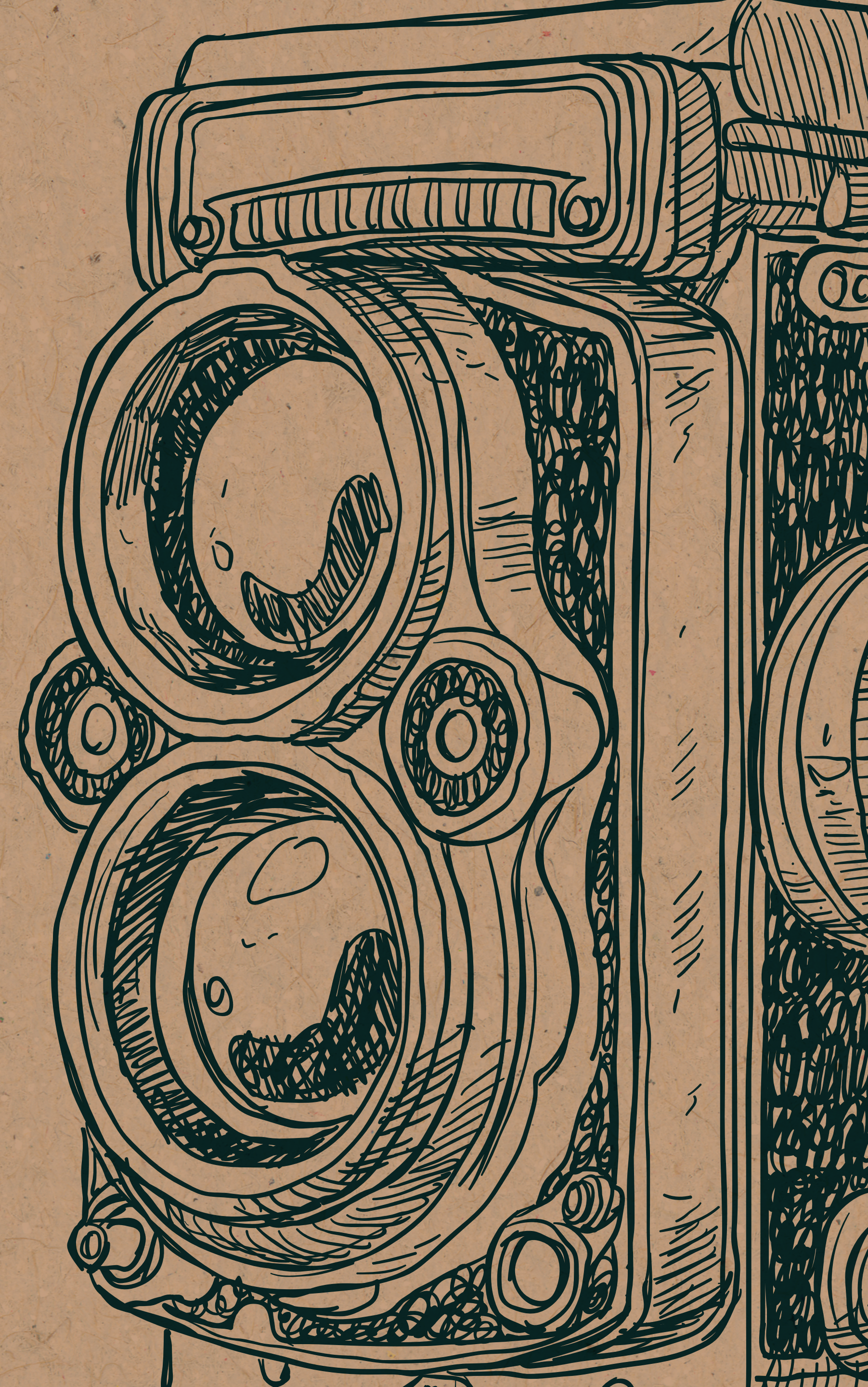
THE NEW YORK TIMES - <https://www.nytimes.com/>

UNITED STATES HOLOCAUST MEMORIAL MUSEUM - <https://www.ushmm.org/>

USC Shoah Foundation - <https://sfi.usc.edu/>

YAD VASHEM - <https://www.yadvashem.org/>

WEIBE ROSE STIFTUNG - FUNDAÇÃO ROSA BRANCA - weisse-rose-stiftung.de/white-rose-foundation/



Legendas e Fontes das Fotografias

- 1.** Roman Vishniac.
Munkács, Tchecoslováquia, c. 1935-38.
© Mara Vishniac Kohn, cortesia da International Center of Photography.
The Roman Vishniac Collection. United States Holocaust Memorial Museum.
- 2.** Berlim, Alemanha, 06 de maio de 1933.
United States Holocaust Memorial Museum.
Magnus-Hirschfeld Gesellschaft. Domínio Público.
- 3.** Alfred Eisenstaedt.
Genebra, Suíça, setembro de 1933.
Time & Life Pictures. Domínio Público.
- 4.** Hamburgo, Alemanha, 13 de junho de 1936.
Wikimedia Commons. Domínio Público.
- 5.** Heinrich Hoffmann.
Paris, França, 23 de junho de 1940.
Bildarchiv Preussischer Kulturbesitz. © BPK,
Berlin, Dist. RMN - Grand Palais
© ADAGP, Paris. Wikimedia Commons.
- 6.** George (Jürgen) Wittenstein.
Munique, Alemanha, 24 de julho de 1942.
Ullstein Bild / Akg-Images.
- 7.** Varsóvia, Polônia,
c. 19 de abril a 16 de maio de 1943.
Zum Umschlagplatz. Domínio público.
- 8.** Franz Konrad.
Varsóvia, Polônia c. 19 de abril a 16 de maio de 1943.
Mit Gewalt aus Bunkern hervorgeholt. Domínio público.

- 9.** Leizer Novitzky / Moshe Kaganovich.
Naliboki, Polônia. 20 de julho de 1944.
US Holocaust Memorial Museum.
- 10.** Höcker Album.
Solahütte, Polônia, julho de 1944.
US Holocaust Memorial Museum #34585A. Domínio Público.
- 11.** Auschwitz Album.
Auschwitz II-Birkenau, Polônia, maio/junho de 1944.
Yad Vashem Photo and Film Archives. Domínio Público.
- 12.** Alex/Alberto Errera.
Auschwitz II-Birkenau, Polônia, agosto de 1944.
Auschwitz-Birkenau State Museum. Domínio Público.
- 13.** Lawrence V. Emery.
Ospedaletto, Itália, 29 de setembro de 1944.
Wikimedia Commons. Domínio Público.
- 14.** Harry Miller.
Buchenwald, Alemanha, 16 de abril de 1945.
Wikimedia Commons. NARA image.
- 15.** Alexander Vorontsov.
27 de janeiro a 28 de fevereiro de 1945.
Galerie Bilderwelt. USC Shoah Foundation.
- 16.** Clarence Benjamin.
Farsleben, Alemanha, 13 de abril de 1945.
US Army. US Holocaust Memorial Museum.
- 17.** Yevgeny Khaldei.
Berlim, Alemanha, 02 de maio de 1945.
Wikimedia Commons. Mil.ru. Domínio Público.

- 18.** Richard L. Sarno.
Yalta, Crimeia, União Soviética,
04 a 11 de fevereiro de 1945.
Domínio Público.
- 19.** Tim Gidal.
Haifa, Terra de Israel/Mandato Britânico
da Palestina, 17 de julho de 1945.
Yad Vashem Photo and Film Archives.
- 20.** Raymond D'Addario.
Nuremberg, Alemanha, novembro de 1945.
National Archives and Records Administration.
United States Government.



Cliques e memórias: 20 fotos icônicas

Créditos

Agosto de 2024

Realização

Associação Casa de Cultura Beit Yaacov
Museu do Holocausto de Curitiba

Presidente

Miguel Krigsner

Coordenação-Geral

Carlos Reiss

Pesquisa e Redação

Michel Ehrlich
Carlos Reiss

Propostas Educativas

Denise Weishof
Juliana Mayumi Maeda
Luzilete Falavinha

Inclusão e Acessibilidade

Eduarda Batistela
Isabela Amaral

Revisão

Laura Nicolli

Audiodescrição

Raquel Angela Carissimi

Concepção de Arte

Rebeca Hyppolito

Agradecimentos

Avraham Milgram (Tito), Eloiza Vasconcelos, International Center of Photography,
Isac Weishof Z"l, Jaime Ingberman, Maria Lucia Voitech Neumann, Thiago Couto,
United States Holocaust Memorial Museum.

